Maria Rosa R. Martins de Camargo

Cartas e escrita

Práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade

Cartas e Escrita

MARIA ROSA RODRIGUES
MARTINS DE CAMARGO

Cartas e Escrita

Práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade

editora
unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livraria.unesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C179c

Camargo, Maria Rosa Rodrigues Martins de
Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade / Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-393-0195-9

1. Cartas. 2. Redação de cartas.

11-7565. CDD: 809.6
CDU: 82-6(09)

Este livro é publicado pelo projeto *Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da UNESP* – Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP (PROPG) / Fundação Editora da UNESP (FEU)

Editora afiliada:

Sumário

Escrever é a mais fácil e a mais difícil tarefa do homem

Os homens, com o auxílio das convenções, resolveram facilmente e pelo lado mais fácil da facilidade; mas é claro que devemos nos agarrar ao difícil. Tudo o que é vivo se agarra a ele, tudo na natureza cresce e se defende segundo a sua maneira de ser; e faz-se a coisa própria nascida de si mesma e procura sê-lo a qualquer preço e contra qualquer resistência. Sabemos pouca coisa, mas que temos que nos agarrar ao difícil é uma certeza que não nos abandonará. É bom estar só, porque a solidão é difícil. O fato de uma coisa ser difícil deve ser um motivo a mais para que seja feita.

(Rainer Maria Rilke)

Campinas, 4 de janeiro de 2000

Caro leitor, cara leitora,

"Escrever é a mais fácil e a mais difícil tarefa do homem", disse alguém.

Alguém disse também que, se o que escrevemos faz parte da nossa realidade cotidiana, fica mais fácil escrever, porque é só pôr no papel o pensamento. Se assim é, poderia ser muito fácil para mim,

neste momento, escrever sobre uma realidade que vem tomando boa parte dos meus dias e até das minhas noites e dos meus sonhos, tumultuados às vezes.

Alguém disse ainda que, se temos o assunto e sabemos para quem vamos contá-lo, fica fácil escrever. Tenho ambos. Também se diz que escrever é diferente de falar. Mesmo com um assunto e alguém interessado, é preciso ter ainda certa experiência na escrita que é o "com que" se diz. Então, é só começar.

Além do mais, esta não é uma situação de redação escolar, com as estreitas possibilidades já tão conhecidas, nem aquela da criação literária, em que as possibilidades de criação são quase infinitas.

No momento em que foi escrito, este texto propunha-se a ser apenas um memorial. Pretendia que fosse um registro de alguns caminhos por onde tenho passado, pesquisando sobre escrita de cartas. Acaba sendo um descaminho também. Talvez sejam os descaminhos o que justifica a inclusão posterior deste texto no trabalho. Na concepção, pretendia que fosse como carta; passou a ser um texto não tão informal; e agora volta a ser carta.

Escrever sobre cartas é um assunto fácil e fascinante. Fácil porque elas pipocam por todo lado, e fascinante porque é a leitura de uma escrita descontraída, que conta novidades; mesmo quando as novidades são problemas, fica-se querendo saber o desfecho. Além da gama de informações que trazem e talvez nem as procurássemos de outra forma. E as análises. Quando trazem análises, mesmo as mais profundas, talvez por não terem a preocupação com a erudição ou por serem os raciocínios desenvolvidos ao correr da pena, tornam-se uma fonte prazerosa de conhecimento.

Mas é também difícil porque requer um envolvimento íntimo com os assuntos, e isso mexe com o psicológico, com as emoções, e com o físico. Quando menos se espera, estamos lado a lado com o outro da carta, da escrita, de início por curiosidade. Depois porque, pela distância e porque conhecemos o que vem depois, no tempo, estamos num lugar privilegiado, conseguimos entender, ficamos sabendo antecipadamente dos acontecimentos, das angústias e dos prazeres que os envolvidos na contemporaneidade da carta não

sabiam, desconheciam; intuíam, talvez. A sensação é quase aquela de entrar no vai e vem da máquina do tempo.

Se eu pudesse contar com uma escriba que executasse tal tarefa, como Pombinha n'*O cortiço*,[i] que escrevia tudo, tudo, só interrompendo o seu trabalho para fitar, com a mão no queixo, o dono ou a dona da carta à espera de uma nova frase, a dificuldade estaria somente em falar o que é para escrever. Mas escribas também têm que organizar a carta, porque, segundo Ana Cristina,[ii] é impossível escrever tudo que se fala. Podemos acreditar nela, porque ela, assim como Pombinha, tira, ocupa o domingo, vários, para aviar a correspondência por outros. Nem só falar e nem só escrever parecem tão fáceis assim.

Falar sobre a relação entre escrever carta e saber (ou não) escrever não é tão difícil. Isso ficou registrado por Debret,[iii] pintor francês que esteve no Brasil, ao referir que, em 1815, nada de positivo se fazia com relação à educação das mulheres. Pais e maridos haviam favorecido tal ignorância a fim de destruir pela raiz os meios de correspondência amorosa. Recentemente, em 25 de janeiro de 1997, o jornal *Folha de S.Paulo* trouxe o depoimento de dona Idalice, 76 anos, contando que aprendeu a ler e escrever quase sozinha, com todas as dificuldades que isso implica, porque seus pais não queriam que ela estudasse. Diziam que estudo só servia para escrever carta para o namorado. Ela tem esperanças de que a neta, pela educação, tenha uma vida melhor do que a que a família tem hoje.

Se eu tivesse que contar sobre como venho construindo meu objeto de pesquisa, por exemplo, encontrar-me-ia em situação complicada. Como poderia explicar que passei minutos, horas, por várias vezes, conversando com uma correspondente, Gelcira,[iv] que me contou maravilhosas possibilidades de analisar algumas cartas, de fazer a leitura dessas cartas que em algumas passagens ela tem que adivinhar – porque a escrita é esquisita, e a letra, ruim, mas que, assim mesmo, ela lê e sabe perfeitamente o que quer dizer; porque são cartas de uma pessoa que ela conhece muito bem, sua irmã – e, ainda, acompanhar a atuação do intermediário, o sobrinho, aquele que escreve as cartas? Até aí, tudo bem. É a chance de ter o material,

o depoimento de quem envia a carta e da leitora. Ao estabelecer-se o laço, estaria garantida parte do que poderia ser o contexto da pesquisa, o que a deixaria mais próxima de uma... leitura da realidade.

Esse material, que foi ganhando força política e teórica, enquanto ia diminuindo o meu receio de invadir a privacidade do outro, esvaiu-se com a notícia de que a pessoa que parecia tão próxima, Gelcira, mudou-se de cidade, foi para São Paulo, por circunstâncias da vida, sem que eu tivesse meios de localizá-la. Não é simplesmente um item que pode ser deixado de lado, porque o acontecimento foi entranhando a problemática, deixando suas marcas, sensibilizando para outras situações parecidas. Mas o material não o tenho.

Não ter o material é problema. E quando se tem a história? Dona Dirce conta a dela com emoção, saudade, orgulho. Filha de imigrantes espanhóis, correspondeu-se durante alguns anos, nas décadas de 1940 e 1950, com um primo que não conhecia; só foi conhecê-lo mais de quarenta anos depois. Ela escrevia pelo pai, João, da casa de comércio que ficava na zona rural do município de Pinhal (SP), e o primo escrevia pela mãe, Dolores. João e Dolores eram irmãos e não eram analfabetos. Dolores havia se mudado, logo depois de ter casado, lá pro sertão. O sertão era um sítio no município de Presidente Prudente (SP). Se não eram analfabetos, por que precisavam de intermediários? É porque a emoção era muito forte quando chegava uma carta, o que fazia indispensável a presença de uma mediadora, que lia uma, duas, três vezes... e lia e relia quando era hora de responder. A troca de correspondência entre os irmãos durou de 1930 a 1970, e um assunto que não podia faltar eram notícias da lavoura. Na sua época de escriba, dona Dirce assinava o nome do pai, como se ele tivesse escrito a carta, e terminava com as "Lembranças de quem escreve, Dirce".

Mas a história não acaba aqui. O encontro recente entre os primos não foi por acaso e o contato que haviam mantido durante esses anos todos, após 1970, era esporádico e parcas as notícias por intermédio de outros... Acontece que, em julho de 1994, dona Dirce teve outras novidades. Com muita vontade de saber notícias da família do primo – sabia que havia se casado, tinha duas filhas e uma delas

com o nome Dirce –, escreveu uma carta, cuidadosa, com poucas palavras, deixando claro que procurava por parentes que nem sabia se estavam vivos ainda ou não. O endereço? Vasculhou gavetas e encontrou um, num telegrama de cumprimentos pela formatura de alguém, ocorrida havia alguns anos. Assim mesmo arriscou. Teve o cuidado de pôr uma anotação no envelope, uma pista a mais na procura dos parentes distantes. Oito dias depois, tocou o telefone, às seis horas da manhã; Dirce, a de Presidente Prudente, ao telefone, falando por seu pai, que nem conseguia se fazer entender de tão confuso, emocionado pelo reencontro com as notícias da prima. Como articular emoção e temporalidade?

Tudo isso aconteceu em junho de 1994. Eu havia acabado de dar entrada num projeto concorrendo à seleção de doutorado, tendo por título... *Cartas e escrita: a história revisitada*. Até então eu conhecia superficialmente a história de correspondência de dona Dirce. Tomei conhecimento das novidades mais recentes quando estive com ela em julho daquele ano. Dona Dirce é minha mãe. Vale ainda registrar que boa parte dessa história me chegou por escrito, como se fosse uma carta a mim dirigida, mesmo tendo deixado à disposição dela um caderno de capa dura para que escrevesse o que se lembrasse da troca de correspondência, além de um gravador.

Até que ponto é válida a história contada por uma correspondente para uma pesquisa que se propõe a sair em busca de uma história do escrever?

Há pelo menos mais um elemento comum com outras histórias. São as pistas marcadas nos envelopes quando se quer muito fazer a carta chegar ao destinatário. Uma delas está no jornal *Folha de S.Paulo*, publicada como homenagem ao Dia do Carteiro, em 25 de janeiro de 1997. O texto é o seguinte:

> Para Jacira Moreira Andrade
> Hortolandia SP
> Endereço decendo o ginazio
> passa 3 lanbada até o final da
> pista e depois segue em frente e passa uma

porteira e vira dela você vai ver uma
casa vermelha no meio de uma terra rada
não tem numero Se a navora não acabou é de pimentão

A reprodução do envelope traz ainda o selo com o timbre do correio, avisando a origem, Botucatu, e a data, 14 de março de 1991, comprovando talvez a autenticidade. A homenagem é para quem conseguiu encontrar tal endereço.

Uma história muito parecida está no depoimento de Maria Aparecida,[v] que mora em Inhapi, em Alagoas, e teve em suas mãos a carta que uma tia havia enviado do Rio de Janeiro, sem o endereço convencional, mas com explicações que tomavam como referência a Igreja Matriz e direções suficientes para fazer a carta chegar. Ela chegou a se perguntar: "E se tal carta viesse para o Rio de Janeiro?". Concluiu que, talvez, era quase certo que não chegasse ao destino.

Ainda o jornal *Correio Popular*, de Campinas, em 20 de dezembro de 1974, registra que a quantidade de cartas sem endereço, apenas com o nome, não raro ilegível, ou somente com o nome do bairro, faz que os funcionários percam horas e horas diariamente procurando encontrar os destinatários nas listas telefônicas e outras...

E ainda há a história contada por Verena.[vi] Quando conversamos sobre minha pesquisa, ela me contou sua história e me ofereceu um baú das cartas que havia recebido e que vinha guardando. Cartas de amigos. Entre elas, uma série muito especial, escrita por um amigo tal: cartas, uma mais criativa do que a outra, a começar pelos envelopes, traziam poemas, letras de música, desenhos. Era comum encontrar recado para o carteiro, e não era o caso de procurar o endereço. Traziam ilustrações, decorações originais, pequenas obras de artista. Por todos os lugares por onde tal amigo passava, mandava notícias: era uma verdadeira delícia receber cartas dele.

Belíssimo material de análise, como maneiras de enlaçar a destinatária antes mesmo da leitura da carta, não fosse uma dessas peças que a vida prega. Esse autor tornou-se em pouco tempo um famoso compositor de música popular, e suas cartas foram guardadas a sete chaves pela amiga. Já pensou serem descobertas por essa imprensa

sensacionalista que tem leituras muito particulares dos acontecimentos diversos? Guardam-se as cartas até como uma maneira de preservar uma amizade. Fica a história.

Na história revela-se alguma coisa que ainda não sei se é uma categoria, mas também é um traço marcante nas cartas que tenho lido, sejam elas publicadas ou não, escritas literárias ou não: a delicadeza das relações cultivadas entre pessoas, neste caso, os correspondentes. Algumas vezes tento, procuro, uma melhor definição para a tal delicadeza, mas acabo desistindo, porque corro o risco de interpretar ou transportar explicações que, de todo modo, não dariam conta da... delicadeza. Lembro-me de Calvino,[vii] quando, para falar da proposta da leveza para a literatura no próximo milênio, sai em busca de um mundo de imagens e as mostra, mas evita as interpretações. Talvez, voltando às cartas, eu encontre imagens da delicadeza dentro delas próprias.

Um exemplo está num pequeno livro de capa esverdeada chamado *Lettres de mon moulin*, escrito por Daudet,[viii] inicialmente publicadas num jornal parisiense em 1866. Uma das histórias conta sobre alguém que recebe uma carta do amigo, Maurice, num dia em que os planos eram amplos, mas de maneira nenhuma incluíam o que lhe era pedido. Vai dando instruções, quase lhe ordenando que fosse visitar os velhos avós que não via há dez anos. Conforme vai instruindo, vai descrevendo o lugar, a casa, o que ele deve falar, o que os velhos vão dizer sobre o próprio Maurice, vai pondo o outro na cena de tal modo que é quase impossível ao leitor não entrar na cena também. Talvez seja o poder das imagens. Ou seria das palavras escritas?

No entanto, tinha Maurice que se lembrar dos avós justamente naquele dia? Em nome da amizade, a visita é feita e algumas páginas são escritas, como diz o crítico, como lembranças, contos ou simples imagens, tiradas do folclore ou jorradas da alma do poeta; coisas vistas ou lidas, ou imaginadas, mas, com certeza, coisas sentidas.

A delicadeza extrapola a história das cartas, porque esse pequeno livro, quase uma raridade, chegou, como chega uma carta, vindo de uma amiga, Arisnete, que foi buscá-lo na biblioteca da saudosa irmã. Havia dois exemplares e um deles me foi destinado.

Nesse movimento em que o escrever transita entre ser fácil e difícil, e o assunto é dançarino entre ser objeto ou ser história, vai se conquistando um objeto de pesquisa. Objeto que vai tomando corpo como escrita de histórias particulares, muitas talvez, configurando uma extensa e intrincada rede de estreitas relações no ato quase único de escrever e ler uma carta.

Nesse movimento deparo com o que poderia ser "apenas" mais uma história de sujeitos que escrevem e leem cartas, não fosse a disponibilização do conjunto delas... trocadas... entre duas adolescentes... amigas. O número é considerável, 222 cartas ao todo, num período que vai de 1990 a 1996. A disponibilização veio decorrente da curiosidade de uma das correspondentes nos trabalhos de pesquisa que eu vinha percorrendo, após algumas conversas sobre o que é uma pesquisa, o que implica pesquisar cartas. Nas conversas fiquei sabendo que é uma amizade que se mantém, porque continuam a se corresponder, "porque", disse ela, "hoje estamos fisicamente distantes e é quase impossível que voltemos a morar novamente na mesma cidade; então têm as cartas...". Nessa época, eu era professora de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e acompanhava o Estágio Supervisionado em classes de primeira a quarta séries. Lecionava no curso de Magistério, no segundo grau, numa escola da rede pública estadual. Não fica difícil deduzir que a correspondente era, então, minha aluna. Em termos práticos: o que pode interessar numa carta? "A senhora vai ler as cartas? Vai ler todas as cartas? Vai ler cada carta?" Naquele momento respondi "apenas": "sim".

Sabe-se, caros amigos, que caminhos e descaminhos ainda estão por ser trilhados; contudo, naquele momento, uma relação se me delineava: a relação entre a correspondência e a amizade. Que relação é essa? Como se articula esse efeito da amizade pela correspondência?

Uma nuance de resposta talvez nos seja indicada por Virginia Woolf, ao responder a Clive Bell, que a interroga sobre a arte epistolar: "Escrever cartas é como lançar o espírito a galope, e ir buscar o que parece estar fora de seu alcance" (1994, p.21).

Na trajetória teórica dos efeitos da amizade, sinto-me feliz, naquele sentido dado por Mário de Andrade na carta de 27 de maio

de 1927 a Carlos Drummond de Andrade, porque o exercício da amizade consciente se fez, para mim, em dois momentos muito especiais deste trabalho: quando tive em mãos, sem barreiras nem condições, as cartas de Cibele e Amanda, e quando tive minha proposta de trabalho aceita para orientação, sem barreiras nem condições, pela Lilian, interlocutora muito especial.[ix]

Maria Rosa

Post Scriptum,

i. Pombinha é personagem do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1994), editado pela primeira vez em 1890.
ii. Ana Cristina é uma das nove professoras por mim entrevistadas em 1997; ela é de Inhapi (AL), e integra o projeto Alfabetização Solidária, coordenado pela professora Silvia Terzi, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade de Campinas (Unicamp). As entrevistas foram realizadas numa sala de aula na Unicamp.
iii. A passagem de Debret encontra-se no livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, 1954.
iv. Gelcira, na época, era aluna do primeiro ano do curso de Magistério na EEPSG "Aníbal de Freitas", em 1995.
v. Maria Aparecida é uma das nove professoras escribas entrevistadas por mim (veja nota ii).
vi. Verena é um nome fictício; alguns outros nomes também o serão, neste trabalho.
vii. A *leveza* é uma das seis propostas de Italo Calvino (1990) para a literatura para o próximo milênio.
viii. *Lettres de mon moulin* (Daudet, 1935). A tradução para o português dos trechos aqui citados é de minha responsabilidade.
ix. Para a realização deste trabalho, contei com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na forma de bolsa que me foi concedida de março de 1995 a julho de 1998.

FOTOCÓPIA DE UMA CARTA AUTÊNTICA ENTREGUE PELOS CORREIOS.

Para jacira moreira Andrade
Hortolandia S P
Endereço decendo o ginazio
passa 3 lonbadaaté o final da
pista e depois segue em frente e passa uma
porteira e vira dela você vai ver uma
casa vermelha no meio de uma terra rada
não tem numero se a navora não
acabou é de pimentão

13175

R: C

BRASIL

BOTUCATU 14 MAI 91
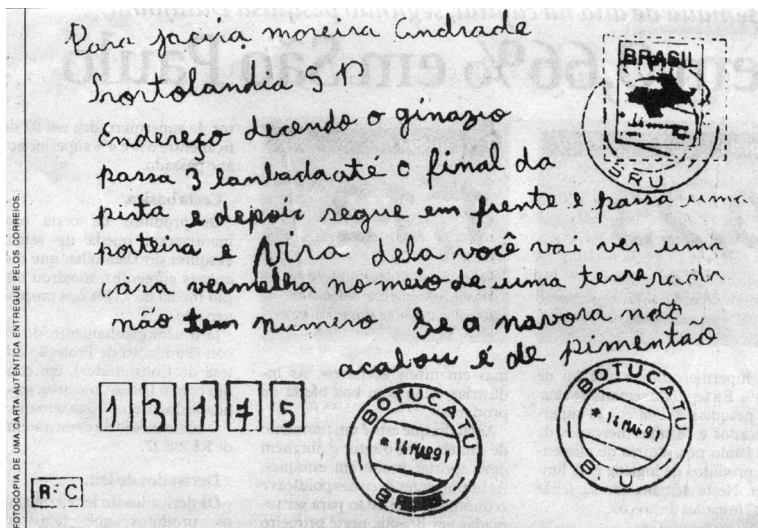
Figura 1 – Fotocópia de uma carta autêntica entregue pelos Correios. Publicada em homenagem a quem consegue encontrar um endereço desses. Dia do Carteiro (25 de janeiro). Fonte: *Folha de S.Paulo*, Caderno Dinheiro, 25 jan. 1997, p.3 (reprodução).

E. D.

POSTE 15 RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Que la Dame au doux air vainqueur,
Qui songe, neuf, Boulevard Lannes,
S'ouvre, ô mon billet, comme un cœur
Avec ses ongles diaphanes.
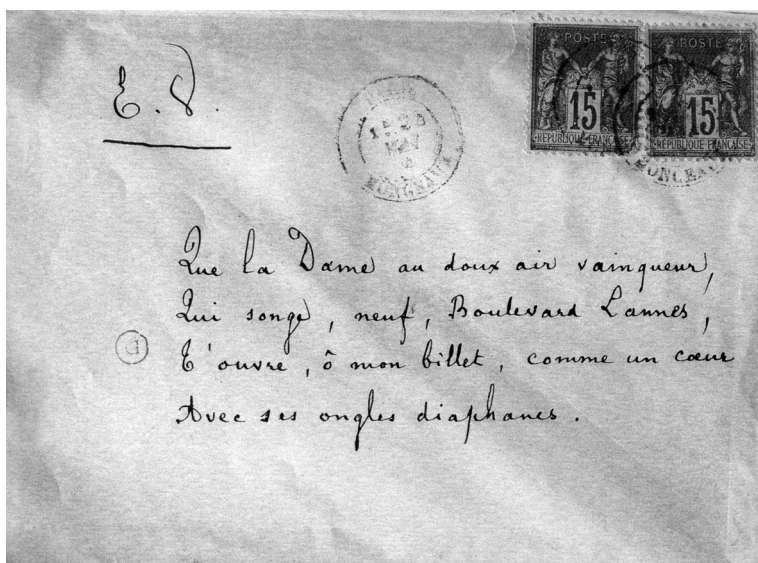
Figura 2 – *Quatrain-adresse à Mery Laurent* (fac-símile de envelope manuscrito timbrado). Fonte: Mallarmé, S. *Le loisirs de la poste*. Paris: Éditions des Cenderes, 1998.

1
Por entre cartas: o movimento da história

Conservad un bueno recuerdo de mi, pero no me compadezcáis. Antes bien, permaneced serenos como yo lo estaré hasta el final. Sed fuertes y no perdáis la fuerza que yo tengo y que me permite no tambalearme y no temer nada. Afuera es primavera. Y en mí, aunque estoy en la cárcel, también hay serenidad, como en la primavera que nos anuncia un verano inminente, Y aunque muchos brotes caerán, quemados por el hielo, destruidos por la tormenta y por el viento, el árbol seguirá floreciendo. Sabe que está cerca el verano que lo calentará, y el sol y la luz se harán cada vez más fuertes. Y así os saludo, aunque tenga que ser por la última vez, con muchos besos y con una sonrisa. ¡La cabeza alta! Vuestro, Walter.

(Trecho de uma carta, sem data, escrita por Walter Kämpf, 23 anos, a seus pais, pouco antes de ser executado; apud Comas, 1975)

Assim, pois, em 1937 – um dia, outro dia, outro dia... – quando chegou a hora de o "Sagarana" ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao

> alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nêle poderia embarcar, inteira, no momento, a minha *concepção-do-mundo*.
>
> (Trecho de uma carta de Guimarães Rosa [1984, p.7] a João Condé, s.d.)

A busca de uma escrita que não é fabricada, no sentido que lhe atribui Certeau (1990), isto é, aquela que é transformada em objeto a ser aprendido e apreendido, e nesse processo vai envolvendo, vai fazendo-se presente determinada condição de sujeito ou de assujeitamento; a busca de uma concepção de escrita inserida numa concepção de linguagem que é produção, supondo interlocutores; a inserção, a compreensão dessa escrita como uma prática cultural, no cotidiano, têm dado subsídios para a reflexão dos sentidos da escrita que faz a história e dos tantos sentidos da história que ficam registrados na escrita, pela escrita, por meio da escrita.

Essa escrita a que me refiro foi delineando-se no decorrer da dissertação de mestrado (Camargo, 1994), que teve como ponto de partida "estudar, detectar e analisar como o processo de leitura e de escrita vai se construindo, no jogo das interações sociais", na sala de aula, onde conviviam dia a dia crianças ingressantes na escola pública e professora. Foi um longo caminho. Mas uma reflexão puxa outra, chega-se a novos motivos e o trabalho continua.

O presente trabalho formula-se nesses novos motivos, nesse caminhar de professora-pesquisadora; motivos que se vão entrelaçando nos meandros de uma determinada escrita, que são *as cartas*. Que é a correspondência. Quem escreve? Quem lê? O quê? Em que época? Por que motivos?

Nos motivos, nas necessidades e nos interesses dos correspondentes, enquanto correspondente, assim como nos assuntos que trazem, e especialmente nos procedimentos a que recorrem, a escrita vai ocupando seu espaço como prática social que se concretiza no próprio objeto – cartas – e que se constrói no jogo das interações

sociais. *O objeto de estudo – o ato de escrever – vai sendo buscado nas malhas da intrincada rede trançada pelas situações em que a carta é escrita, ou lida; pelas condições em que ela é produzida, suas finalidades, seus objetivos; e nas maneiras como se enlaçam autor-escritor-escriba e destinatário-leitor*. Ao rastrear e analisar o ato de escrever, nele vão emergindo modos como histórias de escrita vão sendo registradas, pensadas, dadas a ler por meio da escrita *das cartas*, da correspondência, no seu conjunto; do texto; dos procedimentos. Cartas que são datadas e por isso *delimitam lugares e momentos particulares na história dos sujeitos e da cultura*.

Na emergência dessas histórias, *sujeitos que escrevem e leem cartas* deixam suas marcas; marcas que podem nos indicar pistas para *uma leitura da constituição do sujeito da escrita, na escrita*.

Pelas suas condições de produção, as cartas não são uma escrita fabricada, na medida em que se inserem na realidade cotidiana de quem as escreve e no cotidiano de quem as lê e recebe (seria uma escrita fabricada quando são publicadas?); também não fabricada é a maneira como, ao responder, ao escrever, ao dirigir-se aos seus interlocutores – pode ser um ou muitos interlocutores – vão se delineando as ideias e os procedimentos, as múltiplas significações (da escrita ou do ato de escrever, por exemplo) e as representações do mundo social, por quem as escreve.

Por "interlocutor" entendemos aquele a quem a carta é dirigida quando foi escrita (o destinatário), os tantos que a ela têm acesso quando publicada, editada e os que se inserem, se interpõem no discurso de quem escreve (o que escreve ou lê pelo outro). E ainda como interlocutora, a pesquisadora, para quem essa escrita *se* transforma, *transforma* e *é transformada* em objeto de estudo.

Na constituição das cartas como objeto de estudo, na busca do objeto material, ora eu deparava com histórias de correspondentes, ora com cartas publicadas em livros (jornais, revistas). No entanto, antes de serem livro, foram cartas escritas de sujeito para sujeito e circularam pelos correios. Se, de um lado, parece infinito o número de cartas publicadas em livro, sempre aparece uma nova referência, uma nova indicação; o que dizer das tantas que circulam pelos correios,

dia após dia, portanto, não publicadas, diga-se, lançadas por uma editora?[1] Se as cartas publicadas "concretizam-se", "materializam--se", tornam-se acessíveis, num livro, configuram uma história, tendo por personagens autor-escritor-locutor e destinatário-leitor, as não publicadas não configurariam também uma história de escrita entre sujeitos? Como a leitura dessa história de escrita pode ser feita? Por quais caminhos seguir? Por qual caminho começar?

Das dificuldades, quando se propõe o estudo de cartas trocadas entre pessoas comuns, a primeira é a não disponibilização das cartas pelo próprio "guardador". Em vários momentos me vi entre as histórias, fartas, e o material, ausente.

E, quando disponibilizadas, como as cartas trocadas entre Cibele e Amanda, amigas, adolescentes, estudantes em escolas públicas, que me foram confiadas, e *que constituem o material de análise neste trabalho*, deparei com outro tipo de dificuldade dado pelo *status*, pela natureza própria da carta como escrita privada, particular, íntima que é.

O caminho mais acessível, no início, foi então o das cartas publicadas, dadas já a um público mais amplo. Naquele momento, as leituras foram se organizando a partir da tentativa de catalogação das cartas publicadas que fui rastreando. Tentativa, porque quantitativamente e pela imensa diversidade revelou-se um oceano (de cartas) do qual se vislumbra a linha do horizonte, mas se perde a noção das profundezas, e acima é céu aberto. Oceano no qual corremos o risco de perder o precioso objeto de estudo. Além do que, quase sempre, a leitura das cartas é apaixonante, envolvente, queremos sempre descobrir mais uma. São cartas de escritores, historiadores,

---

1 Geraldi (1991, p.100) estabelece como características do texto: é uma sequência verbal escrita coerente formando um todo acabado, definitivo e publicado, onde "publicado é ser dado a público, isto é, cumprindo sua finalidade de ser lido, o que demanda o outro, tendo o sentido de destinação a". Com relação à carta, pode-se dizer que tem um destinatário direto, nomeado, na pessoa a quem é dirigida quando escrita; quando "publicada em livro, editada, muitos, 'infinitos' podem ser os leitores, mas isso não altera a condição de ter um destinatário inicial". A título de organização, opto por utilizar o termo *publicadas* para as cartas postas em circulação mais ampla.

compositores, intelectuais, do imperador (do Brasil), coligidas, organizadas, publicadas em livros, jornais, revistas, fazendo parte dos arquivos especiais de personalidades nas bibliotecas, ou mesmo a serem ainda "descobertas", como as que se encontram na Divisão de Manuscritos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por exemplo. E são cartas de pessoas comuns.

Comecemos pelas cartas escritas pelos sujeitos, um a um.

A carta histórica de Pockels. Uma comunicação

> Poderia o senhor gentilmente desculpar minha ousadia perturbando-o com uma carta em alemão sobre um assunto científico? Tendo ouvido das fecundas pesquisas feitas pelo senhor no último ano sobre propriedades da superfície da água, até agora pouco conhecidas, pensei que poderia interessar-lhe saber de minhas observações sobre o assunto. Por várias razões não estou em posição de publicar em periódicos científicos e então adotei essa forma [carta] para comunicar-lhe o mais importante delas. [...] Eu pensei que não devia sonegar, reter, ao senhor estes fatos que observei, apesar de eu não ser física profissional; e outra vez peço-vos desculpar minha audácia, subscrevo-me, com sincero respeito. (Giles & Forrester, 1971, p.43)

O trecho citado foi retirado da primeira carta, de uma série, endereçada ao lorde Rayleigh, em Essex, Inglaterra, escrita em 10 de janeiro de 1891.[2] Nela estão delineados muitos dos princípios que foram adotados mais tarde, por famosos cientistas no campo da química de superfície, e que se tornaram prática padrão nos laboratórios em âmbito mundial. Nessa carta, a autora, Agnes Pockels, estabelece toda

2 Trechos desta carta e demais informações encontram-se no artigo de Giles & Forrester (1971, p.43-53). Contei com a preciosa colaboração de Otávio Antonio de Camargo para a tradução e o entendimento do teor técnico do artigo citado.

uma metodologia com muitos detalhes e precisas observações sobre as suas limitações (da metodologia), principalmente no que diz respeito à tensão superficial e sua medida. Com a matéria relatada nesta carta, mais alguns artigos que lorde Rayleigh já havia escrito antes dela, é que se traçaram as bases da química de superfície até hoje aceitas. É interessante destacar que na carta ela menciona o fato de não ser física e, portanto, não ter condição de publicar o assunto nas revistas científicas especializadas. Somente com a ajuda de lorde Rayleigh teve oportunidade de ver partes de sua carta, diga-se, das observações científicas nela contidas, publicadas na revista *Nature*, em 1892.

Agnes Pockels (1862-1935), filha mais velha entre dois, cujo pai era do exército real austríaco, foi educada durante alguns anos na Municipal High School for Girls, onde, diz ela,

> naquele tempo eu já tinha me apaixonado pelas ciências naturais, especialmente Física, e gostaria de tornar-me uma estudante, mas naquele tempo mulheres não eram aceitas na educação superior e mais tarde, quando começaram a aceitar, meus pais pediram-me que não o fizesse. Então não posso reclamar uma titulação de doutora. (ibidem, p.46)

Pelo seu diário de apontamentos, entremeados aos registros das observações científicas, fica-se sabendo que ela prestava assistência à família como enfermeira nas muitas passagens de doença contraída – malária – em lugares em que o pai serviu como militar; ela própria sofria de problemas de saúde. Depoimentos de sua cunhada dizem-nos que, durante o período em que Fritz era estudante no Real-Gymnasium, ele frequentemente ficava em casa por causa de sua doença; isso revertia em maior tempo de discussão, com sua irmã, dos assuntos que interessavam a ela.

> Eu tentei continuar minha educação às minhas próprias expensas, primeiro usando um pequeno livro-texto por Pouillet-Müller e desde 1883 por meio dos livros de meu irmão, Friedrich Pockels, que é três anos mais novo que eu e tornou-se professor de física.

> De qualquer modo, este tipo de treinamento não me deixou muito longe da matemática aplicada à física, mas lastimo ter pouco conhecimento de matérias teóricas. (ibidem, p.47)

As circunstâncias de sua descoberta dos efeitos da película da água talvez sejam a parte mais interessante da história, informa-nos o autor do artigo. Numa curta nota autobiográfica em 1932, ela escreve:

> em 1881, fiz as primeiras observações sobre correntes de superfície durante a imersão de sólidos num líquido e descobri as alterações na tensão superficial ocasionada pela correnteza por meio da separação de pequenos botões, suspensos numa balança de haste de madeira leve. Em 1882, desenvolvi o método de expansão ou redução da área da superfície da água por meio de um fio de metal colocado sobre ela, tudo de maneira muito primitiva. (ibidem, p.47)

"Primitivo" também é o desenho explicativo do tal fio de arame que deve constar da carta e que o autor reproduziu no artigo aqui referido.

Sobre os estudos de Agnes e do irmão, sua cunhada escreve que:

> sempre foram conduzidos na cozinha onde Agnes, sendo a filha do lar, era também a filha numa família que dependia de sua condição de ser mulher; tinha que fazer suas tarefas domésticas e fazia da cozinha um lugar sempre gostoso e quente. Nestas condições, Agnes fez suas primeiras observações no campo da capilaridade. Isto é pura verdade, e não piada ou poesia: o que milhões de mulheres viam todo dia sem prazer e ansiosas para limpar de vez, ou seja, a água engordurada da cozinha, encorajou esta menina a fazer observações e eventualmente investigação científica. (ibidem, p.48)

Seu irmão Fritz uma vez advertiu-a de que ninguém estava interessado naquele tipo de pesquisa (observação) que ela estava fazendo, ao que ela contestou, afirmando que "uma publicação estava

à primeira vista descartada, uma vez que eu não sabia se o fenômeno em pauta ainda não tinha sido conhecido por muito tempo. Além disso, os físicos de Göttingen a quem prezo não expressaram interesse especial" (ibidem, p.48).

Foi por meio dos apontamentos do irmão que ela se aproximou de lorde Rayleigh, destinatário das cartas.

Em tempo: as cartas originais de lady Pockels foram encontradas entre os papéis pessoais de lorde Rayleigh e o autor do artigo aqui referido não teve acesso às cartas escritas pelo lorde; no entanto, nas cartas da própria lady Pockels, subsequentes, encontram-se pistas da preciosa correspondência trocada, das argumentações, dos estímulos dirigidos por uma figura de destaque na ciência física no mundo, como era o lorde, à observadora, curiosa amadora desconhecida. Segundo o autor do artigo, muitos homens teriam ignorado a carta de miss Pockels, ou talvez usado seus métodos; lorde Rayleigh, após ter satisfeita em muitos detalhes sua curiosidade científica, por meio de cuidadosa, atenciosa e curiosa correspondência, endossou o trabalho, recomendando publicidade e conferindo autoridade científica, escrevendo uma nota ao editor da revista *Nature*.

Em outro tempo: Coménio (1985), à pergunta *deve admitir-se nos estudos também o sexo fraco*?, responde "sim", argumenta e completa:

> é nossa opinião que as mulheres sejam instruídas, não para a curiosidade, mas para a honestidade e para a beatitude. Sobretudo naquelas coisas que a elas importa saber e que podem contribuir quer para administrar dignamente a vida familiar, quer para promover a sua própria salvação, a do marido, dos filhos e de toda a família.

A obra *Didáctica magna* foi escrita entre 1627 e 1657.

Por que a história de Agnes neste trabalho?

O fato de ser mulher numa época em que isso era limite para a expressão pública de observações científicas, para não dizer do impedimento da própria formação escolar científica, pode ter sido o motivo desencadeador para iniciar e manter uma correspondência com quem pudesse dialogar. O interlocutor: um homem, lorde

inglês, figura de destaque na ciência. O modo escolhido para essa manifestação foi escrever uma carta. Outras continuaram a ser escritas, em ambas as direções, trocadas. O que chama a atenção, para além da temática dos conhecimentos científicos que apresentam, é a relação que vai se estabelecendo ao longo da história da correspondência: relação de trocas, de argumentação, de confiança (seria de amizade?). Consta nos registros que a tradução da primeira carta em alemão foi feita pela mulher de lorde Rayleigh.

A carta e a (possível) reconstituição de uma história

A passagem pelas cartas publicadas levou-me à leitura de cartas escritas no século XIX, por Francisco Adolfo Varnhagen (1961), um historiador que escreve a história do Brasil, quase toda ela, fora do Brasil.

A obra *História geral do Brasil* é resultado da mais completa e positiva colheita documental empreendida especialmente no estrangeiro, pois as fontes da história colonial estão principalmente em Portugal. É como um remate das edições de textos, artigos biográficos, incontáveis pesquisas arquivais e apareceu em Madri em 1854 (o tomo I) e 1857 (o tomo II). Antes, as obras, as velhas crônicas, eram utilíssimas, mas insuficientes como fontes para a interpretação definitiva dos fatos narrados, para lhes dar a interpretação precisa, as circunstâncias que os determinaram e a finalidade que cumpriram.

O autor: Francisco Adolfo Varnhagen. Tido como o maior pesquisador da história do Brasil, do século XIX, com o treino e a preparação cuidada, tendo o conselheiro Drummond como orientador. De início, um pesquisador por iniciativa própria, não revela pouco para a história do Brasil, com seus trabalhos publicados e suas contribuições ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando de pesquisas feitas em São Paulo. Entre 1842 e 1846 estão as buscas nos arquivos portugueses, a maior contribuição na espécie trazida à historiografia brasileira.

Sócio correspondente do Instituto Histórico, aceito em 1840, tem sua história entrelaçada à própria história do referido instituto, criado em 1838, com o objetivo de investigar, organizar e publicar os documentos históricos brasileiros. Nos estatutos, o principal fim e objetivo era coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a história e a geografia do Império do Brasil. Ao historiador Varnhagen (1961, p.103), por essa época, cabia a busca incessante na Torre do Tombo, conforme relata em sua carta ao cônego Januário da Cunha Barbosa, secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), de 14 de março de 1843:

> onde me vai aparecendo tanta coisa que não devo fazer mais do que copiar e andar para diante. Lá virá tempo em que eu não tenha archivos e então o organizar dos documentos, a redação histórica será o meu cuidado. Estes documentos soltos não os quero enviar por que é necessário para terem curiosidade mesmo na Revista unil-os e combinal-os em doutrinas que façam tal ou tal corpo.[3]

Localizar e copiar. Recolher algumas notas. A imagem é a do copista. O que copia. Na primeira sessão do IHGB, de 1º de dezembro, a proposição era a colheita, pelas províncias, de notícias impressas e manuscritos, de cópia de documentos, dos extratos de notícias das secretarias, arquivos e cartórios, civis e eclesiásticos – quer documento histórico ou inquérito. Na sessão de 19 de dezembro, a terceira, propôs-se que o governo comunicasse ao instituto quaisquer papéis existentes nas secretarias de Estado ou nas bibliotecas públicas e os emprestasse para cópia. Mas foi na segunda sessão, em 15 de dezembro, que surgiu a primeira iniciativa de pesquisa no estrangeiro. Pleiteava-se que o Instituto Histórico empregasse todos os seus esforços para mandar vir de Portugal importantes documentos que por lá deviam existir sobre o Brasil.

---

3 Nos trechos transcritos de cartas conservou-se a grafia conforme publicada nas fontes consultadas. Conservaram-se também os destaques dados pelo autor. Uma nota de rodapé informa que esse manuscrito é de número 376 de lata 142 do arquivo do instituto.

Não só Portugal. Por meio de uma carta escrita por Varnhagen tomamos conhecimento dos mais importantes papéis acerca de nossos limites com a antiga América Espanhola, guardados na Espanha, com paradeiro em Simancas, quando se pensava, se dava a pensar, que estariam em Sevilha. Papéis que eram, por lei, da maior reserva e de cuja existência, passando por quantas licenças houvesse, Varnhagen, só com muita dificuldade, conseguiu desenganar-se, conforme revelado na carta a Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond, ministro plenipotenciário do Brasil em Portugal, de 4 de dezembro de 1846, "por inspecção própria de muitos maços, com os compeptentes letreiros, que me foram apenas mostrados (e isso com segredo)" (ibidem, p.145).

Nessa carta, além dos segredos do fato histórico, nesse resumo da incumbência, diga-se, ordem recebida do Governo Imperial, as fontes que ele vai apontando dão uma dimensão do caminho percorrido pelo historiador, investigador, o que colige... coleciona... descobre... pesquisa... copia... reúne numa doutrina... Dá redação histórica. Antes da redação histórica dada, é ele também quem deixa uma parte da história registrada na forma de cartas.

Mas não é só no estrangeiro que ele nos mostra os caminhos da fonte; isso ocorre também quando, pela primeira vez, esteve no Brasil, após ter partido ainda criança. Examina localidades e inscrições; verifica; acerta, pela confrontação, várias investigações de Francisco Gaspar, na época, seu interesse imediato. Faz diligências, pouco profícuas, no Archivo da Camara de S. Vicente, que ele não só descobre desfalcado de muitas preciosidades, como indica mais uma pista, na carta ao cônego Januário da Cunha Barbosa, secretário do IHGB, de 20 de outubro de 1840:

> achei no Archivo uma carta de Marcelino Pereira Cleto, datada de Santos em 3 de Abril de 1786, que agradece à Camara os papéis importantes que lhe confiára; e pode ser que havendo essa facilidade, para outros houvesse a mesma franqueza, e se extraviassem com a morte de algum que os tivesse em mãos. Além disso sabe-se que há poucos annos um velho Escrivão, que tinha em sua caza em

> S.Vicente muitos papéis, se negára a entregal-os, e temendo não levar àvante a sua pertinácia depois da morte, os queimar poucos dias antes de fallecer. Cada vez me convenço mais da minha opinião já annunciada pela imprensa, que nas cartas dos Jezuítas é que se acharão os melhores documentos para as duas primeiras épochas da história moderna do Brazil; e nas que foram escriptas de S. Paulo ou São Vicente por Leonardo Nunes e seus companheiros se encontrará o mais antigo e essencial. (ibidem, p.53)

Palavras de Varnhagen.

Com o instituto, portanto, nasceu a própria pesquisa histórica brasileira e, com ela, a ânsia por documentos que eram nossa história, mas não eram nossos, não nos pertenciam. Varnhagen teve presença fundamental nessa busca, que ficou registrada nas cartas que escreveu e nas cartas que rastreou, copiou, compilou, às quais deu redação histórica e nesta deixou indicadas preciosas fontes para uma história do Brasil.

E o texto? Estamos na *História geral do Brasil*, a obra. Nos limites desta retomada, apenas tocamos num pequeno trecho do texto. Na *secção VII*, de nome *Atende-se mais ao Brasil. Pensamento de colonizá-lo em maior escala*, a nota de rodapé de número 26 é a seguinte:

> A Martim Affonso escrevia de Pero Lopes o C. [Conde] da Castanheira, em [carta] 1538: "Pero Lopes, vosso irmão, está feito um homem muito honrado, e outra vez vos affirmo muito honrado. E digo vo-lo assim porque póde ser que por sua pouca idade vos pareça que terá bons principios, mas que não será ainda de todo bem assentado nisso, como vo-lo eu aqui digo que é ainda menos do que o que delle cuido". (Nota do Autor.)
>
> A data de 1538 não deve estar certa, pois não combina com o facto de Pero Lopes já ser então pae de familia e donatario de uma capitania de juro e herdade. Será 1528? Em todo caso, será posterior a 1521, reinado de D. João III. (Anotação de Capistrano.)
>
> O Dr. Jordão de Freitas, Historia da Colonização Portuguesa do Brasil, vol.III, ps.120, nota 161, diz que não parece aceitavel a

> data de 1528, tanto mais que nessa épocha Martim Affonso estava na côrte, com o futuro conde da Castanheira. Se ha erro de algarismo – acrescenta – possivel será que em vez de 1538 deva ler-se 1535, anno em que Martim Affonso de Sousa já se achava na India, como capitão-mór do mar. (Anotação de Garcia). (Varnhagen, 1956, p.115)

Um texto? Uma nota de rodapé, um detalhe: procura-se apenas a confirmação de um ano, numa carta escrita há quase três séculos! E para falar do caráter de um homem, pelas evidências, ainda jovem. É bem verdade que ele faz parte da história e, ainda há que levar em conta, o registro endossado em carta, por D. João III. É Pero Lopes de Sousa. O que chama a atenção é o cuidado dispensado a um detalhe, pelo autor, pelo primeiro anotador que comenta, retifica e não esconde a dúvida que permanece, deixando pistas para que o segundo anotador retifique e atualize. De quantos detalhes e indícios é feita uma história?

Detalhes, indícios, sinais ou pistas, na leitura feita do material de Varnhagen, as cartas afloram como um material valioso de pesquisa da história e sinalizam a complexa rede de interlocutores que se entrecruzam, seja pela escrita, seja pela leitura, seja pela descoberta sinuosa, ou pela negação de que as mesmas – as cartas – existem. O paradigma indiciário é analisado e tem seu *rigor flexível* e sua legitimidade como método sustentado num ensaio de Ginsburg (1990): pode ser convertido num instrumento para dissolver névoas da ideologia – referindo-se às que obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. O intuito de Ginsburg (1990, p.143), no ensaio intitulado *Sinais. Raízes de um paradigma indiciário*, é trazer uma contribuição que "talvez possa ajudar a sair da contraposição entre 'racionalismo' e 'irracionalismo'". Diz o autor:

> Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento

> em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. (ibidem, p.177)

E a carta pode constituir-se em material privilegiado, talvez menos como comprovação, talvez mais como indício, como pista que instiga a outras descobertas, a outros entrecruzamentos, a outras decifrações. A conexões, nem sempre superficiais.

Ressalte-se que não é propósito, nos limites deste trabalho, o aprofundamento crítico do julgamento histórico a que Varnhagen nunca se furtou fazer, como nos aponta Rodrigues (1982) e do qual diverge; esta é uma outra história.

Em tempo: logo foi confirmada, pelo atualizador Garcia, a data da carta na qual se fala de Pero Lopes, que foi no ano de 1833, dado acrescentado na mesma nota, agora de número 26, localizada na publicação das cartas de João III.

De passagem pelas cartas escritas por Varnhagen, detenho-me, ainda, na que foi escrita quando chegou ao Rio de Janeiro, em 20 de agosto de 1840, pela primeira vez desde que deixou o país, ainda muito criança. É uma carta destinada ao então diretor da Biblioteca de Évora, de quem "tenho ainda as obsequiosas cartas que V. S.ª me dirigiu à minha partida. Trouxe-as e as conservo como penhores da amisade que temos sem de vista nos conhecermos".

O fato de não se conhecerem não foi impedimento para revelar àquele a

> comoção, [impossível de ser descrita numa carta breve] que experimentei ao descobrir e entrar nesta bahía toda rodeada de escabrosos morros de granito, que infundem no espírito uma espécie de pasmo e admiração que chega a ser horrorosa ao mesmo tempo agradável. A cidade em sí é puramente Européa; e até o é demais, pois quanto a mim devia ser menos servil a architectura das casas e mais accomodada ao clima e às riquíssimas madeiras da América.
>
> Aqui tenho visto a natureza, conversado os livros e frequentado as sociedades e bailes. De tudo tenho utilizado. V. S.ª tem lido

> descripções da vegetação; pois eu creio que ainda tudo quanto está escripto é pouco – Fructos tenho saboreado muitos, incluindo os bellos ananazes; e todos me são extremamente agradaveis, porque me augmentam o número de sensações experimentadas. – A Biblioteca aqui tem muitas preciosidades, e entre outras as [...] O tempo não chega para satisfazer o desejo que tenho de lhe escrever mais; mas já assim obedeci à ordem de V. S.ª De quem sou Am.º Obgd.ᵐᵒ. (Varnhagen, 1961, p.51-2)

Segundo Lessa, na Introdução que faz à *Correspondência ativa* de Varnhagen (1961), em princípio a intenção era coligir apenas as epístolas de caráter particular, isto é, correspondência versando sobre matérias de interesse privado endereçada a pessoas amigas ou a colaboradores em estudos de história e literatura. Porém, às vezes, é muito difícil, diante de um caso concreto, saber se devemos considerar a peça sob os olhos como carta particular ou não. A correspondência com o diretor da Biblioteca de Évora, por exemplo, iniciou-se por interesse nas matérias de estudo, transformando-se, aos poucos, em amizade.

De qualquer modo, amigo ou não, a carta destinada a quem não conhecia pessoalmente diferencia-se de outras pela comoção e pelas sensações experimentadas que se seguiam aos relatos do que via; diferencia-se pelo pasmo e pela admiração que pode ser horrorosa e ao mesmo tempo agradável; diferencia-se porque, naquele momento, informando e partilhando sensações, vai compondo um texto, ao que parece, sem grandes preocupações com a organização temática. Talvez porque, naquele momento, se propusesse apenas a escrever uma carta; não fazia parte de suas preocupações imprimir redação histórica.

Ao perguntarem-se o que constituiria uma história da carta – documento e fonte –, como objeto de construção histórica e que requer uma teorização própria, Nunes & Carvalho (1993) remetem às diferentes possibilidades de leitura indicadas por Neves rumo a uma teoria da carta que esta encerra. Remetem:

> às relações de regras de reciprocidade (análise de envios e respostas); aos temas favorecidos pelo uso desse suporte; às características de sua materialidade; aos critérios que presidem a sua guarda ou destruição; ao seu caráter de "encaixe" em séries materiais ou epistêmicas; à variedade construída dentro desse gênero (a carta a desconhecidos, a si mesmo, a qualquer pessoa, a carta aberta, a carta que só pode ser aberta em certa situação, a carta a amigos etc.); à análise quanto aos ritos de tratamento, interpelação, regras de polidez etc.; à sua inserção no arquivo e ao seu grau de "integridade" e "continuidade"; aos ritmos de sua cronologia; às suas condensações, esgarçamento, rarefações e silêncios. (Neves, 1988, apud Nunes & Carvalho, 1993, p.34)

Se as cartas, como fonte de material de/na pesquisa, parecem ter garantido seu lugar, com relação aos assuntos das cartas, a questão ainda não está resolvida. Como relacioná-los? Perseguir temas? Categorizar temas? Como seria um levantamento dos temas abordados, por exemplo, na carta escrita por Varnhagen ao diretor da Biblioteca de Évora em 20 de agosto de 1840?

Entrar em contato com o trabalho de Ismbert-Jamati (1995) foi relevante para algumas decisões quanto ao tratamento dos temas. A autora estuda um conjunto de 915 cartas familiares trocadas entre 1841 e 1882, especialmente entre colaterais (primos, irmãos, tios, sobrinhos). Para garantir rigor metodológico, conteúdos temáticos são elaborados previamente, a partir da própria leitura das cartas, organizados em uma grade e codificados num sistema de interpretação. As anotações dos conteúdos temáticos, codificados, vão sendo feitas nas margens do texto de cada carta. Segundo a autora, tal grade não é destinada a uma análise de conteúdo canônica nem é propósito um recenseamento das ocorrências; essas são sempre transcritas, depois situadas e comentadas sob um ângulo sociológico. Do conteúdo temático assim codificado, levantado no conjunto das cartas, nas estratégias de ajuda mútua, na relevância dada à instrução escolar, vai se delineando uma rede de solidariedade fraternal e do êxito social testemunhada pelas numerosas emissões contidas nas

cartas. A observar: a autora refere-se a conteúdos temáticos e não propriamente a temas.

Retornando a cartas publicadas: em que ponto focalizar a atenção? Nos textos do autor das cartas ou do apresentador, organizador? No literato, historiador ou no descobridor/rastreador? O descobridor não é também um historiador? Cada descoberta se revela de inquestionável importância quando se fala em reconstituir uma história da escrita de cartas. Delineia-se uma teia de relações de escrita e leitura que parece cingida mais por nós cegos do que por laços.

Do estatuto às imagens. Cartas inéditas de Euclides da Cunha

> Lastimo não poder desculpar-te da demora em responder-me; quaisquer que fossem os teus negócios de advogado, não acredito que te não pudessem dar um quarto de hora para escrever a um amigo – e não acredito porque a tua carta encontrou-me rodeado de livros, encontrou-me estudando para um concurso, encontrou-me meditando sobre a melhor maneira de desenvolver uma tese... e no entanto foi lida com a maior satisfação e respondo-a de pronto. E queres saber onde me encontrou? Entre as constelações, perdido entre os mundos, no ponto culminante da Astronomia, no vasto desenrolar das leis maravilhosas de Newton... No entanto desci logo à Terra e não lastimei o fato porque realmente nada se perde abandonando uma estrela para abraçar um amigo.
>
> (Trecho de uma carta de Euclides da Cunha [1997, p.45-6] para Reinaldo Porchat. 21.4.1893)

Entre as 23 notas para pesquisa, apontadas por Neves (1988) no texto "Para uma teoria da carta", encontra-se:

> Quanto ao estatuto da carta: qual poder tem de *falar* pela pessoa; de ratificar seu *nome*, suas *posições*, suas *ações*? A isto se articula a questão da permanência, da vigência legítima da carta: ela só poderia ser desmentida pelo autor (e – em que circunstâncias – por outra carta). A carta "dura" enquanto não for legitimamente contradita, seja pelo modo acima exposto, seja por uma verificação instrumentada por um *experto* – em caso de dúvida quanto à autenticidade, autoria etc.

Como estatuto, Neves faz referência à autenticidade, à autoria. Sobre o estatuto da carta, referindo-se à sua importância, inclusive literária, diz-nos Walnice Galvão (1998):

> Podemos ter nas cartas: 1) elementos preciosos para a reconstituição de percursos de vida; 2) fontes de ideias e de teorias não comprometidas pela forma estética; 3) em certos casos ainda, como os de Madame de Sévigné e de Sóror Mariana Alcoforado, um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável de escrita. Tais são os pesos que as cartas podem assumir dentro dos estudos literários.

As cartas são inestimáveis para os estudos literários, nos diz Walnice Galvão no ensaio "À margem da carta", e traz, como exemplos, as missivas escritas por Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro, discutindo projetos estéticos, ou a Adolfo Casais Monteiro, explicando a origem e a personalidade de cada um de seus heterônimos; as escritas por Proust, que já chegam a 22 volumes editados e ainda não esgotadas; as de Mário de Andrade, que se contam aos milhares, incomparáveis em importância crítica e originalidade.

Quase sempre, diz Galvão (1998),

> chega-se até as cartas, enquanto tarefa de pesquisa, praticamente por acaso. E um acaso que logo se metamorfoseia em necessidade. Ao interesse, digamos, malsão, pela petite histoire, ou seja, pela bisbilhotice, pelo diz-que-diz-que, pelo avesso da obra e de seu autor, vem somar-se o prazer dúbio do voyeur, este sim indubitável.

> Observa-se que o resgate da epistolografia costuma ser, menos que uma especialidade, uma decorrência de outro trabalho.

Assim foi que, segundo Galvão, as cartas de Euclides da Cunha foram surgindo paralelamente ao preparo da edição crítica de *Os sertões* e surpreenderam por serem tantas ainda inéditas ou por outras terem sido transcritas por fragmentos. Decorrente de outro trabalho e de todo um rigor na compilação de documentos novos e conhecidos, surgiu um livro de 464 páginas que consolida a *Correspondência de Euclides da Cunha* (1997), dando a público 398 cartas, das quais 107 são inéditas.

Em um outro ensaio, "Remendando 1897", Galvão (1998) retoma as cartas anteriores à notoriedade de Euclides da Cunha trazida pela publicação de *Os sertões* em 1902. Retoma especialmente as cartas escritas em 1897, ano da estada de Euclides em Canudos, onde recolheu vasto material para sua obra *Os sertões*. No decorrer dos anos seguintes, a correspondência recolhida é escassa, voltando com intensidade após a publicação e a aceitação pública do livro.

No âmbito deste trabalho, retomo a leitura das cartas escritas antes da notoriedade; entre essas, destacam-se as que foram escritas a Reinaldo Porchat, para quem é destinado um número maior de cartas (37 cartas antes de 1902); também são as de circulação mais restrita, conforme as fontes indicadas por Galvão. Porchat é, em número, o segundo correspondente de Euclides da Cunha; o primeiro é Francisco de Escobar, também amigo.

Para além das preocupações estatutárias e sem entrar em critérios de amizade, da leitura das cartas destinadas a Porchat (o trecho em epígrafe foi extraído de uma delas) ficam-nos algumas imagens não tão presentes quando escreve para outros correspondentes. Aqui trago alguns trechos dessas cartas:

> Assim como mudaste o dia da tua correspondência, mudo eu o da minha; nada de sextas-feiras! Escrever-te-ei doravante nos sábados, dias mais alegres e próprios às prosas agradáveis com bons companheiros ausentes. 13.8.1892. (Cunha, 1997, p.34)

Eu vou por aqui arrastando a vida, acumulando diuturnamente energias que me bastam, para suportar a dura tarefa de uma posição, ou que cheguem para eficazmente agirem sobre a retorta do trabalho honrado, segundo a vetusta chapa. Por isso mesmo que me preocupo – não vivo; as horas absorvidas na luta de todos os momentos, passam-me breves e esquecidas e, sem exagero, posso dizer-te que só compreendo que existo quando um ou outro quarto de hora feliz, como este por exemplo em que te escrevo, me faz tornar à feição verdadeiramente atraente da vida. 20.8.1892. (ibidem. p.36)

Respondo com a maior satisfação a melhor carta entre todas as que me tens escrito [...]. Respeito tanto a tua alegria que serei brevíssimo, não querendo roubar-te o tempo melhor da vida. Não te direi que recebi com imensa alegria a agradável notícia porque não te faço a injustiça de supor que isso seja necessário. Dir-te-ei porém o seguinte: recebi tua carta com o meu pequenino Solon [filho] ao colo e ao lê-la acudiu-me ao espírito a idealização de uma amizade futura entre ele e o teu, amizade tão sólida que pudesse recordar a velha amizade dos pais. Acredito que não podia ter melhor pensamento para corresponder à boa notícia que me deste. 23.5.1893. (ibidem, p.49)

Infelizmente não poderei longamente responder a tua carta, que acabo de ler e que com certeza hei de reler muitas vezes. Ela me foi altamente consoladora; abri-a como quem abre uma janela à entrada de manhã claríssima na câmara de um doente. Envio ao distinto amigo o agradecimento mais sincero pelas suas consoladoras palavras. [...] Lamentei que por excesso de delicadeza te ocupasses na tua carta muito pouco de tua pessoa; deves entretanto saber que ligo algum interesse à fortuna dos amigos; assim, pois quando responderes a esta não te esqueças de dar-me mais amplas notícias do digno amigo Reinaldo Porchat [destinatário]. 2.12.1893. (ibidem, p.53-4)

Nos trechos citados, uma correspondência vai se efetivando e vão-se apontando indícios de que uma amizade se conquista: Euclides escreve, segue o outro na mudança do dia da correspondência, demarca como hora feliz e quer que o outro escreva também.

Das imagens fica-nos o encurtar distâncias quando se desce das constelações para abraçar um amigo; ou quando dispensa palavras que traduzam alegria e com palavras constrói um gesto e idealiza uma relação futura (para os filhos de ambos) com base numa relação presente; ou ainda quando abre uma janela à entrada de uma manhã claríssima e chama o amigo a dar notícias, a falar de si também.

No rol das imagens ficam também registros que vão dando pistas do dia a dia, da vida que vai penetrando e fazendo a escrita.

Para além do acaso que leva à descoberta de outras cartas, muitas vezes inéditas, para além da escolha dos assuntos – ou da ordem/desordem em que são postos – que são tratados pelo correspondente, ou à escolha dos trechos aqui trazidos, não são acasos as maneiras de estreitamento das relações entre os interlocutores.

A palavra, a cor, o tom. Cartas de Guimarães Rosa

Transitando entre cartas publicadas e ainda não publicadas, deparei com a correspondência trocada entre João Guimarães Rosa e Mrs. Harriet de Onís, tradutora de sua obra para o inglês. São 129 documentos originais, acondicionados em quatro pastas, que vão de 5.10.1959 a 20.10.1967.[4] Guimarães Rosa escreve em português, mas não só, e Mrs. Harriet, em inglês, mas não só. O conjunto dessas cartas refere-se aos contatos do autor com a tradutora, quando da tradução de *Sagarana*; vale um acompanhamento especial das cartas sobre a tradução do conto "O burrinho pedrês".

São cartas em que a aproximação, o enlaçamento e a busca do outro se manifestam desde os cerimoniais mais cotidianos, como votos de saúde, ou... até no encorajamento quanto à tradução do texto em pauta: é quando Guimarães Rosa avisa e escreve um

4 Os documentos originais – manuscritos – foram consultados no arquivo de cartas existente no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, durante o ano de 1999. Informações gerais a respeito dos instrumentos de pesquisa disponíveis no arquivo/ fundos pessoais/ João Guimarães Rosa encontram-se no endereço <http://www.ieb.usp.br>.

Intermezzo só para provocar e adianta a tradução de um pequeno trecho. A resposta vem logo, treze dias depois, e bem firme: "*I am afraid I think my version is better*", com a cuidadosa e devida explicação.

Na leitura, saltam aos olhos a delicadeza e o envolvimento nas trocas entre os dois correspondentes e que também se revelam nas páginas e páginas de dúvidas; nas listas e listas de palavras – da parte da tradutora – e explicações, conceituações, pequenas ilustrações, da parte do autor, buscando, ambos, o termo, a cor, o tom, a nuance, num esforço para que a beleza da obra se mantenha na outra língua. Nessa direção, ele desenha, minúsculo, e indica com setas o que vem a ser "ganacha", complementando a explicação por palavras. Também avisa que a palavra "rosado" pode até ser substituída por outra cor, desde que a palavra seja bonita. Segundo Mrs. Harriet, algumas vezes o significado lhe escapa, porém mais frequentemente falta-lhe o tom, a nuance. Isso a faz revisar e reescrever quando Guimarães Rosa lhe envia as respostas do "tira-dúvidas". Escreve ela: "mas eu penso, que ambos iremos gostar da tradução quando esta estiver terminada". E despede-se: "*with kind regards, I am,* a sua miúda, resignada, e teimosa... Burrinha Pedrês" (31.1.1964).

A resposta:

> Como a Snra. fala em "tom" e nuance, estive pensando. Sei que o absoluto horror ao lugar-comum, à frase feita, ao geral e amorfamente usado, querem-se como características da "Sagarana". A Snra. terá notado que, no livro todo, raríssimas serão as fórmulas usuais. A meu ver, o texto literário precisa de ter gosto, sabor próprio – como na boa poesia. O leitor deve receber sempre uma pequena sensação de surpresa – isto é, de vida. Assim, penso que nunca se deverá procurar, para a tradução, expressões já cunhadas, batidas e cediças, do inglês. Acho, também, que as palavras devem fornecer mais do que o que significam. As palavras devem funcionar também por sua forma gráfica, sugestiva, e sua sonoridade, contribuindo para criar uma espécie de "música subjacente". Daí, o recurso às rimas, às assonâncias, e, principalmente as aliterações.

> Formas curtas, rápidas, enérgicas. Força, principalmente. (Rosa, manuscrito. IEB/USP)

E continua com outras instruções. Por fim, "P.S. Achei interessante assinar 'Burrinha Pedrês'. Porque, eu, também, quando escrevi o conto, me considerava o Burrinho eu mesmo" (11.2.1964).

Seguem-se mais três páginas e meia de "tira-dúvidas". Cheguei a perder-me no tempo, acompanhando detalhes os mais sutis de enlaçamento nas cartas de um e de outra; a diferença das línguas vai se tornando tão menor, tão corriqueira... E ainda a vontade de intrometer-me no sentimento de Burrinha Pedrês.

Da leitura das cartas trocadas por Guimarães Rosa e Mrs. Harriet ficam a nuance, a cor e o tom. A nuance, a cor e o tom da escrita; do buscar compreender as relações desencadeadas pela escrita; do sentir que, às vezes, toma mais espaço do que o explicar o significado de uma palavra. Nuance, cor e tom que vão sendo revelados na escrita das cartas.

Do estatuto da carta. Carta ao amigo, à amiga

Por entre histórias de correspondência há que relembrar e retomar, impõe-se, um dos nossos mais conhecidos correspondentes: Mário de Andrade.

São cartas apresentadas, dadas a conhecer, por quem as recebeu ou por quem as coligiu, organizou, como as de Mário de Andrade (1966) para Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade (Andrade, 1988), Fernando Sabino (Andrade, 1981a), Pedro Nava (Andrade, 1982), Oneyda Alvarenga (apud Andrade, 1983c), Álvaro Lins (apud Andrade, 1983d), Moacir W. de Castro (1989), Anita Malfatti (Andrade 1989a), Henriqueta Lisboa (1991), Portinari (Andrade, 1995b) e outros.[5]

5 Ver também: Andrade (1968; s.d.(a); s.d.(b); 1981b; 1981c; 1989; 1983b); Andrade & Bandeira (1974); Castelo Branco (1971); Castro (1989); Moraes

Em artigo escrito em 1993, Santana contava quinze volumes de cartas de Mário de Andrade que haviam sido publicados até aquele momento, sem contar as que já haviam sido divulgadas em revistas e jornais, além daquelas que, no volume organizado pelo próprio destinatário, ao prefaciá-lo, este assume não dar a público as "cartas indevassáveis devido à intimidade das confidências [...] ou da rudeza de certos juízos pessoais, fruto muitas vezes de irritações momentâneas" (Andrade, 1966, p.20).

O destinatário, no caso, é Manuel Bandeira.

Quantas ficaram de fora?

Não tenho o propósito de rastrear exaustivamente as cartas de Mário de Andrade, mas há que deixar registrado que a leitura de suas cartas vem perpassando este trabalho e outros (cf. Camargo, 2008) em continuidade a este, não saberia dizer exatamente desde quando. Entre outros motivos, por exemplo, o prazer de lê-las e a busca de argumentos mais contundentes para um trabalho de pesquisa que tem as práticas da escrita – viva – como foco, faziam-me, ainda me fazem, recorrer a elas.

Se opto por buscar as cartas escritas aos amigos, não é tarefa nada fácil saber quem são esses amigos. Recorro à fala de alguém que viveu muito perto de Mário. Trata-se de seu secretário particular, José Bento, quem cuidou da correspondência toda manhã, de segunda a sexta, no período de 1934 a 1945.

Segundo José Bento, numa entrevista concedida à revista *Memória* (1993, p.10-11) no ano do centenário de Mário,

> os amigos de Mário que permaneceram até o fim foram: Paulo Duarte, o Rubens (Borba de Moraes), os dois Sérgios (Milliet e Buarque de Hollanda), o Rodrigo (Mello Franco), o Carlos Drummond de Andrade, o Prudente (de Moraes Neto), o Manuel Bandeira e a Henriqueta; as cartas da Henriqueta a gente não conhece, mas as do

---

(1979); Moraes (2000); Amaral (2001). Há a considerar, ainda, o surgimento de tantas outras em vista da abertura do arquivo do autor, após cinquenta anos de sua morte.

> Mário para Henriqueta é de um amor... É nas cartas de Henriqueta que ele se abre mais.

Ainda na fala de José Bento, ele próprio não chegou "a criar com ele [Mário] uma amizade assim profunda, coisa que Oneyda Alvarenga e Luiz Saia conseguiram. O que eu tinha era mesmo respeito pelo Mário" (ibidem, p.10).

Ter acesso às cartas escritas – e publicadas – aos amigos citados não é difícil. Entretanto, qual seria o critério de amizade para José Bento? Uma leitura das cartas escritas para Henriqueta apresenta-nos alguém que se "abre" em sentimentos, em nostalgias; fala em prazer, em alegria, mas não consegue transpor a sensação vaga, nevoenta e esgarçada rumo ao prazer próprio do existir. Sobre a amizade encontramos uma passagem logo na primeira carta (do livro) para Henriqueta quando fala de amizade antiga:

> onde já nos conhecemos antes! Não conhecimento de livros mas daquele conhecimento de desejo, em que, quando se preenche um afeto ainda vago que tínhamos em nós, a pessoa que o preenche é coisa nossa, antiga forma de ser insabida da nossa conciência, mas quotidianamente versada pelos nossos mundos mais íntimos. Você é um conhecimento antigo meu, Henriqueta, uma velha amizade, que agora apenas veio em realidade preencher o lugar vago que ninguém jamais ocupara. (24.2.1940). (Andrade, 1991, p.3)

A questão dos critérios de amizade veio à tona a partir da leitura da entrevista com Zé Bento; não chega a ser preocupação ou talvez tal busca não se justifique nas cartas escritas por Mário de Andrade. Para além de qualquer critério, a escrita mesmo das cartas não seria um tratado de amizade da escrita? Alguns elementos para a compreensão da amizade em Mário de Andrade talvez pudéssemos encontrar no conto "Frederico Paciência" (Andrade, 1993). A Fernando Sabino ele escreveu num dia em que "estava tão excitado que ainda acabei um conto difícil, um tal de 'Frederico Paciência',

estudando o que há de frágil e misturado nas grandes amizades da rapazice" (6.8.1942) (Andrade, 1981a, p.53-4).

Tão difícil que levou quase vinte anos até ser dado por acabado. Mas aí seria uma outra escrita. *Terei gostado certo?* Aproprio-me da pergunta que Mário faz a Murilo Rubião, ao ler os contos deste.

O lugar da carta na escrita. Notas de leitura

Quem escreve para quem? Por que motivos?

Retomo aqui situações em que as cartas têm importância constitutiva na composição de duas obras. As obras são: *O outro processo*: as cartas de Kafka a Felice, de Elias Canetti (1988), e *A mulher calada*. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia, de Janet Malcolm (1995). Em ambas as obras, as cartas constituem material de estudo, fonte de pesquisa; são constitutivas da história de vida de seus autores (das cartas) e são constitutivas, particularmente em Kafka, da própria obra.

Especialmente nas cartas de Kafka, a incursão profunda que Canetti faz é que traz à tona o Kafka personagem. Por meio das cartas, da escrita das cartas e de como vai *nutrindo* a relação com Felice – e da relação *se* nutrindo –, ele, Kafka, vai tornando-se sujeito-personagem de sua própria obra. A utilização do termo "nutrir" remete a uma posição de controle da situação, por parte de Kafka, e da própria relação que estabelece com Felice. Uma situação que ele controla e na qual ao mesmo tempo se joga, se experimenta. Situação que também extrapola as relações pessoais e remete a relações mais amplas do seu tempo histórico.

Essa é uma reflexão a ser aprofundada, mas, com certeza, confere uma dimensão muito particular às cartas de Kafka e abre possibilidades para a discussão ética das cartas que são tornadas públicas.

Nas obras aqui referidas, dos pontos em comum, um deles é quanto à venda das cartas. Felice vendeu as cartas que recebeu de Kafka, cerca de trinta anos depois da morte deste. Vendeu-as a um editor que as publicou, treze anos depois, num volume de 750 páginas.

As cartas foram escritas num intervalo de cinco anos, concentrando-se a maior parte delas num período mais curto. Não me parece muito claro o motivo que levou Felice a vendê-las. As cartas escritas por Sylvia Plath foram vendidas por sua mãe, visando recuperar a imagem, para ela mesma e publicamente, do que Sylvia é: não odiosa, não ingrata.

Em ambos os casos, a venda foi feita após a morte dos autores e pela própria destinatária, interlocutora, que as recebeu, para quem foram escritas. Ler sobre a venda das cartas levou-me, em princípio, a pensar a questão ética nas situações citadas; depois, à questão do desvelar a intimidade. Logo nas primeiras páginas do seu livro, Canetti (1988) comenta sobre o assunto:

> Conheço pessoas cujo constrangimento crescia durante a leitura [das cartas publicadas] e que não conseguiam livrar-se da sensação de estarem irrompendo em regiões onde justamente não lhes cabia penetrar. Respeito-as muito [essas pessoas] por essa atitude, porém não faço parte delas. Li aquelas cartas com uma emoção tamanha como havia anos nenhuma obra literária me causara. Elas figuram agora nessa série de inconfundíveis memórias, autobiografias e epistolários que nutriam o próprio Kafka. Ele, cuja máxima qualidade era o respeito, não tinha receios de ler e reler as correspondências de Kleist, de Flaubert, de Hebbel. [...] Sendo assim, cumpre-nos realmente agradecer a Felice Bauer, porque guardou e pôs a salvo as cartas de Kafka, mesmo que tenha sido capaz de vendê-las.

A justificativa de Canetti pauta-se tanto pela emoção tamanha que a leitura causara como pelo fato de o próprio Kafka não ter receios de ler e reler as correspondências de outros.

No livro de Malcolm, a resposta vem pela não certeza do que queria dizer Sylvia nas palavras que escreveu para sua mãe, numa carta, sobre o que lhe doía mais que tudo. Diz Malcolm (1995, p.161):

> Saber o que estava passando pela cabeça de Sylvia Plath quando ela escreveu estas palavras, seria compreender muito de sua relação

> com sua mãe. Mas não sabemos; só podemos especular. Da mesma forma, não sabemos como entender suas suspeitas de Hughes. Tinha sido realmente infiel, ou ela o acusava injustamente? Ela de fato percebera alguma coisa real no encontro junto à biblioteca, ou seria tudo imaginação?

No trecho citado e em outro, subsequente, quando analisa os comentários que escreve uma outra biógrafa de Sylvia, sobre a mesma carta, Malcolm, ao pôr em dúvida a fonte, sublinhar a insegurança epistemológica que assola a todo momento e em toda parte o leitor de biografias e autobiografias, não deixa também de dar uma resposta à questão da ética (ou seria da intimidade?). E afirma que numa "obra de não-ficção, quase nunca ficamos sabendo, conhecendo a verdade e o que aconteceu. O ideal do relato sem mediação só é regularmente atingido na criação ficcional, em que o escritor faz um relato fiel do que ocorre na sua imaginação" (ibidem, p.162).

De uma maneira e de outra, por caminhos diferentes, uma "solução ética" parece ter ocorrido. Com Canetti, seria pouco qualificar as cartas de documentos, uma vez que elas entram no espírito como uma vida genuína. Saem do *status* de documento como prova, documento histórico, confirmatório, testemunho, confidencial, da morte, para a vida genuína própria da obra literária. E, como obra literária, podem transitar livremente. Com Malcolm, pelo indizível, pelo que as palavras escritas não dizem, porque não dizem o que realmente se passava no momento em que foram escritas. Ficam as especulações. O que assegura uma "proteção" da privacidade daquele ou daquela que escreveu cartas para um interlocutor, escrita privada, particular, que foi tornada pública, publicada, o que não garante a certeza da incursão pela privacidade de quem as escreveu.

Essa ideia – da não certeza – é abordada também por Virginia Woolf (1986, p.81-2) em "Um esboço do passado", no primeiro esboço das *suas* memórias, quando diz que essas "são algumas das minhas primeiras recordações. Mas é claro que, enquanto relato de minha vida, elas são enganosas, porque as coisas que não lembramos são tão importantes quanto as que lembramos; talvez sejam até mais importantes".

Essas primeiras recordações dizem respeito ao incidente do espelho, quando ela dava o melhor de si para descobrir razões que a faziam sentir-se envergonhada de olhar o próprio rosto e, mesmo assim, não acreditava ter chegado à verdade. Ligado ao incidente do espelho está um sonho que teve, em que, enquanto se olhava no espelho, uma cara horrível apareceu, de um animal, por trás do ombro. Assumindo o incidente como um acontecimento da sua vida, não tendo nenhum motivo para mentir, Woolf (1986, p.81) pergunta-se: "Será que um dia eu estava me olhando no espelho quando alguma coisa no fundo se mexeu e me pareceu viva? Não tenho certeza. Mas nunca esqueci o outro rosto no espelho, fosse ele sonho ou realidade, e nem que ele me assustou".

No caso de Woolf, trata-se da escrita das memórias, que têm temporalidade, finalidade e motivos diferentes da escrita das cartas. Com certeza.

Referem-se ainda a Woolf as palavras escritas por Quentin Bell (1989) na Introdução aos *Diários de Virginia Woolf.*

> Nas cartas com certeza ela inventa; e às vezes o faz com a intenção de entreter, sabendo perfeitamente que o destinatário não a levará a sério. Nos diários, porém não pretende divertir, e tais fantasias são raras. Ela sem dúvida falseia a avaliação que faz de pessoas: isso equivale a dizer que só é fiel a sua disposição de ânimo no momento em que escreve, contradizendo-se muitas vezes quando há uma mudança da disposição de ânimo, de modo que, ao escrever bastante sobre alguém, com frequência nos deparamos com um juízo que oscila entre extremos. Mas, ainda que tendenciosa e por vezes mal informada ou negligente, ela não mente intencionalmente para si própria ou mesmo para ser agradável a algum futuro leitor. A editora destes diários muitas vezes teve oportunidade de corrigi-la em pequenos detalhes, mas acredito que jamais tenha descoberto algo que fosse completa invencionice.

O escrever para o outro, "explicitado" com Woolf, ao mesmo tempo que determina quem escreve e sua escrita, também esconde,

intencionalmente ou não, pelo que aparece, a cara – ou rosto – de um animal no espelho, que também pode ter sido um sonho –, ou pelo susto, e este é só de *quem* escreveu e não *no que* está escrito.

A certeza – ética – que me fica, quando ponho em discussão a questão ética ao tornar públicas as cartas – das adolescentes, que são meu material de pesquisa, enquanto permanece a dificuldade do como transitar entre o foro íntimo e a leitura de uma época, um tema ou uma amizade –, com Woolf, fica desbaratinada.

No momento, opto por dar às minhas reflexões o caminho dos limites da biografia, se entendo, que é tecer a rede Sylvia Plath, em *A mulher calada*. Na composição da obra, Malcolm (1995) vai mostrando, confirmando, discutindo, pondo em dúvida tudo o que Sylvia foi e o que pode deixar em aberto. Diga-se, com tudo que é exposto dela, sempre vai haver um motivo – ou razão – íntimo ao qual nunca se terá acesso. Seja qual for esse motivo, que não diz respeito somente à morte da autora das cartas, sempre haverá algo que não poderá ser invadido.

Outras cartas, outras histórias

São algumas cartas avulsas que demandariam uma pesquisa mais minuciosa, até mesmo para apurar os motivos por que foram guardadas. São cartas disponíveis na Biblioteca Nacional,[6] na Divisão de Manuscritos, que não pertencem às muitas coleções especiais que lá se encontram, e que neste trabalho ficam indicadas como possibilidades de pesquisas futuras. Registro aqui duas das cartas que copiei:

- *Carta escrita por* José de Oliveira Barbosa à sua filha Maria Benedicta, interna no Convento de Nossa Senhora da Ajuda,

6 As duas cartas foram consultadas na Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro, Divisão de Manuscritos. Registro a especial atenção da professora Ana Virginia Pinheiro, que me mostrou o caminho das cartas na BN.

a propósito dos seus desejos de casamento, escolhendo o próprio marido. Em 16.9.1814.

- *Carta escrita por* Olga Regina Frugoli Sodré aos seus pais, sobre seus sentimentos. Em 6.12.1959.

O problema de ordem metodológica que se coloca na escolha dessas duas cartas recaiu sobre a questão da temporalidade. A distância entre a escrita de uma e de outra é de mais de 150 anos. O que muda e o que permanece ao longo do tempo quando as cartas circunscrevem as relações entre pai e filha e entre filha e pais? Evidentemente, há outros marcadores que definem a diferença, além das datas; por exemplo, a ortografia, o desenho da letra... A chamada de atenção pelo pai e o pedido de desculpas da filha parecem ter algumas permanências a serem mais cuidadosamente analisadas. Demandaria também, a meu ver, um rastreamento dos motivos de estarem na Biblioteca Nacional.

- *Cartas de* Octavio (pai) para José (filho, com 18 anos na época)

São treze cartas, manuscritas, à pena.

Escritas entre 25.4.1928 e 7.8.1929.[7]

Quando a elas tive acesso, o primeiro impulso foi compará-las com as das adolescentes: contrastam com as de Amanda pela sisudez, pela formalidade, pela letra cuidadosamente desenhada. Cor única de tinta.

Há algumas diferenças também entre elas próprias: não fosse pelo traçado das letras e talvez pelas palavras e composições de trechos que se repetem em outras cartas, poder-se-ia dizer que a carta de 15.5.1928 e a de 7.8.1929 foram escritas por duas pessoas diferentes. O que chama a atenção de início é o desenho das letras: na primeira, cada letra ou palavra parece ter sido cuidadosamente desenhada, para que cada palavra pudesse ser lida; na segunda, já

---

7 A correspondência aqui referida me foi doada; encontra-se em meu arquivo pessoal.

não é tão marcante esse cuidado. Quanto ao assunto: na primeira encontra-se a notícia de uma possível viagem do filho para os Estados Unidos, quando esse pede consentimento e o pai assume o papel do conselheiro, apontando as dificuldades e os riscos de uma empreitada desse tipo, mas sem esconder uma certa curiosidade (chega a colar no final da carta um recorte de jornal com um anúncio em que se lê *Precisa-se*, que poderia ser o mesmo que incentivou o filho, estando este em São Paulo e o pai num município do interior do Estado ou na fazenda onde era administrador); não esconde também certo entusiasmo que vai se confirmar numa outra carta escrita dois dias depois. A segunda carta acima citada, a de 7.8.1929, traz estampada, poder-se-ia dizer, a enfermidade do remetente e o chamado ao filho para que venha com eles (os pais) morar.

O fato de ambas serem iniciadas com o *Desejo que com todos ahi gosem saude. Por aqui passamos regularmente* não impede que tomem rumos bem diferentes.

Faz parte desse conjunto de correspondência guardada um cartão escrito, sem data explícita, agora de José (filho) para Candinha (mãe). É um cartão escrito da linha de frente, indicando como endereço do remetente *2º B. E. Cruzeiro*. No cartão há mensagens impressas, formatadas, recados que conclamam para um certo otimismo, trazendo na parte superior do verso *O ENTUSIASMO DAS TROPAS APRESSA A VICTORIA* e na parte inferior *Paes, mães, irmãos, amigos escrevei aos vossos soldados queridos despertando-lhes o enthusiasmo*. A parte central toda do cartão – do verso – é o espaço do combatente que dá notícias à mãe, pergunta se recebeu as cartas anteriores e um retrato seu. Para além do otimismo apregoado, do entusiasmo formatado, talvez possamos considerar a mensagem escrita pelo filho que diz *Eu estou forte graças a Deus, e espero que o mesmo aconteça a senhora e aos nossos*, como um gesto de delicadeza que é singular, é única, daquele filho para aquela mãe, gerando, talvez, para a destinatária do cartão, uma leveza para a condição em que se encontra, o lugar... o momento histórico... confirmando que está vivo, ainda que sem palavras explícitas.

Em tempo: os motivos, a delicadeza, a intimidade e a profunda relação de amizade para com o destinatário fazem um cartão, ou uma carta acontecer mesmo que a resposta não tome a forma de uma outra carta escrita. É o caso do fragmento posto na página de rosto deste capítulo, como epígrafe. Trata-se de uma carta escrita aos queridos e bons pais, por um jovem de 23 anos, alistado na aviação alemã, mais uma das vítimas do nazismo. O final da história, intuído, não compromete, ou talvez seja ele mesmo o motor propulsor da delicadeza, da poesia da vida, pela escrita (Comas, 1975).

Sujeitos da escrita: aquele que escreve pelo outro

Como sujeitos da escrita, singulares, há que falar ainda de um outro que se interpõe nessa história: é o escriba, aquele que escreve por outros. O trecho reproduzido a seguir é parte de uma das nove entrevistas[8] feitas com professoras de uma cidade do interior de Alagoas. São professoras que também alfabetizam.

> A. C.: [...] bem eu vou desenrolo escrevo a carta tudo, qual é o começo/pelo começo da carta escrevo aí a pessoa, eu leio pra ela e ela acha bom, aí diz: ai bem que eu gosto [riso contido] que você escreve porque sei que você desenrola a carta; e daí por diante e sempre sempre sempre escrevo outras cartas e eles não têm assunto não têm assim como escrever, sabe? Eles ditam que, por exemplo, diz o assunto que é que quer e dali a gente vai ter que organizar e muitas pessoas, né, e aí é ler e depois que eu escrevo eu digo: "Você quer que eu leia?". E ela diz: "Não precisa não, porque eu sei que tá bom, mas não é assim mesmo?". Aí eu leio depois que eu leio muita gente, sabe? Tudo o que ela diz tem que colocar, né, aí ali eu vejo muitas coisas, que não há necessidade de colocar tudo o que ela diz,

8 As entrevistas foram gravadas na cidade de Campinas, entre os dias 21 e 23 de janeiro de 1997, e depois transcritas.

assim a maneira que ela diz. Não, a gente tem que organizar e fazer uma organização e colocar no devido lugar suas coisas e têm coisas que não havia necessidade mas elas querem tudo, pôr tudo que... coloque tudo que elas dizem; eu tenho que colocar e a gente tem que fazer a seleção das melhores coisas ou organizar e assim faz/vai adiante.

A. C.: [...] Ah eu leio e às vezes eu leio até assim como ela disse [peq. riso] às vezes eu imagino, né, ela disse isso então eu vou dizer só pra agradar ela... é que na realidade o que mais acontece assim a maneira que eu escrevo eu leio muitas vezes eu esqueço o que foi que ela disse e eu leio do jeito que tá, aí ela diz que colocasse isso e aquilo, mas eu digo já tá aqui é porque eu coloquei de outra maneira, aí ela acha que é errado [que não] gosta de explicar as coisas detalhes por detalhes, sabendo que da maneira que eu escrevi havia de compreender mas ela não, acha que não...

M.R.: Ela acha que vai compreender do jeito que <u>ela</u> tá falando...

A. C.: Que ela *está falando*, aí eu digo: "Ah! tá bom então eu vou colocar", aí coloco outro assunto e depois leio o que ela disse; "Ah, então tá certo"; outras não, outras pessoas dizem: "Ah! tá ótimo como você escreveu muito bem, não sei o que, não esperava que ia sair assim". Então, aí depende da pessoa também o que quer que a gente escreva [...] (Trecho da entrevista feita com A. C. em 22.1.1997)

A escriba é também leitora enquanto escreve pela outra.

A pergunta que logo de início faço é: qual é o sujeito nessa escrita? Quem dá o assunto, quer confirmação, altera, se for necessário, para melhor compreensão por parte do destinatário, ou quem "reproduz", organiza, altera porque acha desnecessário escrever tudo, combina elementos para uma melhor compreensão, porque escrita? Penso que não poderia dizer que a relação estabelecida entre tais sujeitos – o que dita a carta e o que escreve – fica por conta do dominar ou não um código; ambas, "escrevinhadora" e "autora", mostram, a seu modo, que conhecem especificidades do escrever: às vezes basta desenrolar o assunto, às vezes há que explicar

detalhes, mesmo que fique repetitivo, porque o importante é que o(a) destinatário(a) entenda a mensagem.

Há ainda a situação em que a escriba é a leitora da carta que chega.

> M.R.: Como é isso?
>
> A. C.: É, eu leio, mas às vezes têm muitas palavras assim que a gente não sabe bem como são as pessoas por aqui em São Paulo, e também em outros lugares, mas o mais comum aqui em São Paulo, eu leio as cartas e do jeito que está e têm muitas coisas que a gente não entende bem o que é, mas, lendo a frase, né, a gente vai ler primeiro as letras e eu assim baixinho e se tem uma palavra que eu ainda acho que não sei o que é aí eu paro e vou ler o que tá na frase até ali ou até um ponto para ver se eu entendo o que é aquela palavra. Aí eu descubro, eu leio para elas. E elas ficam alegres quando tem notícias boas, agradecem, e só. (ibidem entrevista)

Maneiras de ler que se embaralham, indo desde a (de)codificação à busca de sentido, de compreensão, também por quem tem completo domínio das competências da escrita e da leitura. E ocorrem situações em que a destinatária ajuda na compreensão do assunto, porque esse havia se iniciado numa carta anterior que, naquele caso, havia sido escrita por ainda outra "escriba".

O que move alguém quando escreve uma carta é o seu projeto de dizer: de que maneira?[9] É um projeto que se realiza, é uma intenção que se materializa, na escrita, nas regularidades de um gênero – cartas –, na cultura. A busca do fazer-se entender, pela palavra e/ou procedimento de escrever, ainda que mediado pela escriba, fica por conta de quem propõe o assunto, porque é quem guarda um elemento a mais: conhecer o interlocutor-destinatário. A carta, nesse caso, é o lugar onde se instauram os conflitos entre aquele que dita, o escriba/leitor/intermediário/mediador, o leitor da carta, o destinatário.

De qualquer maneira, diz-nos A.C.:

---

9 Veja-se um dos trabalhos em continuidade a essa reflexão: Camargo (2004).

> a carta é um meio de comunicação muito usado lá em nossa região por ser o único mais barato e também porque lá não tem telefone, tem na cidade vizinha, mas eles vão pra lá só quando é uma coisa urgente, além de ser mais caro, e também não tem no sítio onde nós moramos, então a carta é um meio de comunicação que a gente escreve o que quer, o que pensa, e paga uma taxinha barata, é por isso que é como se diz, a carta é um meio de comunicação mais usado na nossa região. (ibidem, entrevista)

Nos entremeios da história cultural. Um desafio

Na trajetória da professora-pesquisadora, os desafios, muitas vezes, têm a ver com o situar-se no próprio lugar de onde se fala. É que, muitas vezes, o objeto de reflexão vai se estabelecendo em regiões fronteiriças; nas fronteiras, permitimo-nos o contato com campos que, às vezes, temos que tatear. Um desses tem sido o da história cultural; nele tenho encontrado um espaço relativamente elástico para a leitura das cartas.

O desafio começa já na aproximação com a expressão *história cultural*, continua na busca da compreensão de posições de autores que a assumem, desemboca na apropriação de conhecimentos já construídos. A noção de apropriação é muito útil para a reconstituição de histórias de leitura, porque permite pensar as diferenças na divisão – entre letrado e popular, entre formas de aquisição e transmissão, por exemplo, porque postula a invenção criadora no próprio cerne dos processos criadores. A noção de apropriação é fundamental na caracterização das práticas culturais, entre essas, a leitura e a escrita (Chartier, 1990).

Ao pôr em questão a expressão "a nova história", Burke (1992, p.10) define-a como "a história escrita como uma reação deliberada contra o 'paradigma' tradicional". Reconhece as razões da crise do último e vai estabelecendo os pontos fortes e fracos da primeira. Como pontos fracos, destaca os problemas, ainda não resolvidos, quanto à própria definição da expressão "nova história", problemas de fontes, de métodos, de explicação.

É nos pontos contrastantes entre a antiga e a nova história que busco subsídios para o problema que vem se delineando. Dentre esses, o relativismo cultural abarcado pela nova história, detectado a partir do interesse por toda atividade humana, fazendo emergir tópicos que – anteriormente, não se havia pensado – pudessem possuir uma história, contribuindo, assim, para destruir o que é central e o que é periférico na história, abrindo possibilidades de deslocamento do foco para a análise histórica. Outro ponto contrastante é ser a história, segundo o paradigma tradicional, *objetiva*, tendo o historiador a tarefa de apresentar os fatos como são, enquanto a nova história não só reconhece como chama a si o olhar *particular* do historiador, realçando a percepção dos conflitos na leitura da realidade como pontos de vista opostos, contrastantes, diferentes, em vez de articulá-los num consenso. O estudo de cartas tem estado no foco e nas fronteiras entre historiadores tradicionais (como documentos) e "novos" (como práticas culturais).

Ao apresentar o livro *A nova história cultural*, Hunt (1992) põe em discussão as posições de historiadores e a polêmica delas decorrente, desde os modelos de explicação, temas, métodos e objetivos, às aproximações e ao uso da linguagem. No momento em que o livro é apresentado, a autora indica que

> a ênfase na história cultural incide sobre o exame minucioso – de textos, imagens e ações – e sobre a abertura de espírito diante daquilo que será revelado por esses exames [contidos no livro] muito mais do que sobre a elaboração de novas narrativas mestras ou de teorias sociais que substituam o reducionismo materialista do marxismo e da escola dos Annales. (Hunt, 1992, p.28-9)

Está posto o conflito, mais uma vez, na escrita e na leitura da história e nos desafios que decorrem da abertura de espírito de historiadores, ou não.

Ao fazer a dupla reavaliação da história intelectual e da história das mentalidades, para além dos métodos de análise ou das definições disciplinares, Chartier (1990) chama a atenção para o

cerne fundamental dos debates atuais, referindo-se às delimitações essenciais, até então admitidas por todos, não só historiadores. Essas delimitações põem em oposição os pares letrado e popular, criação e consumo, e realidade e representação. Quanto ao par letrado e popular, se se traz à tona o estudo de Bakhtin (1993) sobre Rabelais e a cultura cômica popular, ou o estudo de Ginsburg (1987) sobre a história de leitura de Menocchio, a própria delimitação do que é popular parece não ter sustentação. Do par criação e consumo decorrem vários corolários, como passividade contra invenção, dependência contra liberdade, alienação contra consciência, que se tornam frágeis, da perspectiva das produções ardilosas, das criações, das invenções, nas maneiras próprias de utilização no próprio ato de consumo (cultural), de Michel de Certeau. Da oposição entre realidade e representação, toma-se como ponto de partida que nenhum texto, como material histórico, do aparentemente mais documental ou objetivo, mantém uma relação transparente com a realidade. Da representação para a realidade, ocorre sempre o ponto de vista registrado (construído, produzido) por um alguém.

Falando do ângulo da cultura, discutindo as relações entre as culturas brasileiras, das investidas do sistema capitalista aos modos de apropriação, Bosi (1992) escreve que, se um dia existir uma teoria da cultura brasileira, ela

> terá como sua matéria-prima o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens que vivem no Brasil. Nele sondará teores e valores. No caso da cultura popular, não há uma separação entre uma esfera puramente material da existência e uma esfera espiritual ou simbólica. Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o

> modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir, de consolar...

Na percepção dos conflitos revela-se a força da pergunta que Michel de Certeau (1982) faz: que aliança é essa entre a escrita e a história? Respondê-la requer, do aspecto da fabricação, o reexame da operatividade historiográfica que desemboca, por um lado, num problema político (porque implica relações) e, por outro, na questão do sujeito. Tal pergunta tem seu ponto de ancoragem nos séculos XVII e XVIII, com as transformações que se impuseram quando da passagem para uma sociedade escriturária. Escriturária porque se organiza e se consolida na escrita como história e pela escrita como sistema de significações que são construídas. A escrita fazendo história e por ela sendo contada. Durante três séculos, escreve Certeau, aprender a escrever constituiu-se na prática e no praticar a definição de uma sociedade capitalista e conquistadora, disciplinadora.

Ao pôr em questão as delimitações e as metodologias delas decorrentes ao longo da história, ao propor a reavaliação crítica das distinções tidas como evidentes, Chartier (1990) aponta-nos a relevância de observar as práticas culturais, contrastadas, múltiplas, que se singularizam nos desvios, nos ordenamentos, nas maneiras de fazer. Relevância também apontada por Bosi, quando põe em discussão as "diferentes culturas brasileiras".

Nessa perspectiva das práticas, são fundamentais as noções de *apropriação* – que têm por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem – e as noções de *representação*, porque permitem articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, por meio das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; em seguida, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente

um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns "representantes" (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (Chartier, 1990).

Práticas que não são dissociáveis dos objetos que lhes dão suporte.

Assumindo as cartas como objetos nos quais estão imbricadas as práticas culturais, o desafio é rastrear os motivos, os modos, os procedimentos que configuram essas práticas escritas e inscritas.[10]

A história, como operação historiográfica, como fazer-história, ainda com Certeau, compreende considerar a *particularidade do lugar social* do historiador (aquele que faz a pesquisa historiográfica), a *necessidade da teoria* para a prática historiográfica (os procedimentos próprios), e a *organização/construção de um texto*, uma escrita (o registro de um produto).

Encarar a história como uma operação é tentar compreendê-la como a relação entre: um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão), procedimentos de análise (uma disciplina, teorias, uma prática) e a construção de um texto (uma literatura). Lugar que situa o historiador com sua pertinência epistemológica; que situa a pesquisadora que, de um lado, dele se apropria e, de outro, a partir desse lugar penetra na história do outro das cartas; lugar que situa ainda, pela sua particularidade, o sujeito que vive/faz a escrita das cartas. Desse lugar, porque inserido nessa realidade da escrita, ele pode dar pistas para aproximar-se do sujeito do ato de escrever. E abrir caminho para que a escrita da pesquisadora se processe.

É em razão desse lugar que se define a história (Certeau, 1982), que vai se instaurando uma metodologia; que os documentos – as

10 Decorrente de um estudo da correspondência na França, Chartier (1991, p.7-13) afirma que práticas epistolares, no século XIX, inscrevem-se em três evoluções maiores: o processo de alfabetização que difunde a competência indispensável para que a escritura não seja mais delegada a um outro; a alavanca econômica e social que multiplica as circunstâncias em que uma carta é uma necessidade, abre espaços há longo tempo fechados, referindo-se à França rural, e obriga as relações a longa distância; e a afirmação de uma esfera da individualidade e do privado.

cartas – vão sendo organizados e questões vão sendo formuladas pela pesquisadora; e que uma escrita da história vai sendo registrada pelos que escrevem ou leem as cartas.

Recorro a essa perspectiva para ir definindo uma metodologia de análise de um material que tem sua historicidade, enquanto vou também me fazendo sujeito nessa história. Refiro-me à leitura e à análise das cartas trocadas entre Amanda e Cibele, amigas, adolescentes.

Ao analisar a escrita como uma operação fabricadora da história e dos sujeitos, nas inferências que assim a definem, podem estar possibilidades de "reversão" dessa operação, porque o pertencimento do historiador a um determinado lugar social, como fazedor da história, pode indicar que aquele sujeito que escreve uma carta (aquelas analisadas) também é um fazedor de história que se revela no próprio texto e no ato de fazer, de escrever.

Este trabalho propõe-se a sair em busca desse sujeito, na inter-relação que se materializa no objeto cartas.

Carta. Objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar, nas formas, nas letras e nas múltiplas combinações desses elementos; materialidade que também pode ser um conjunto de folhas avulsas ou conjuntamente dispostas, quando impressas num livro; cartas que são textos porque são produções escritas; cartas que são discursos e nas quais se buscam significações históricas.

Das cartas e sujeitos. Se, de início, o caminho escolhido neste trabalho foi o das cartas publicadas ou dadas a um público mais amplo, transitar por esse caminho significou apurar a percepção para possibilidades do que pode (ou não) ser lido nas cartas. Os sujeitos apareceram em circunstâncias diferentes: compartilhando formas de observar e construindo conhecimento; legitimando fontes; dando cor e tom à escrita; marcando a presença de outros na escrita; imprimindo marcas de delicadeza, confiança e amizade para com o outro; transitando nos frágeis e mutáveis pontos de equilíbrio entre o público e o privado (Perrot, 1995); enfim, configurando, na escrita, relações que são complexas, elásticas, tensas (Elias, 1995) e nelas fazendo-se sujeitos porque consolidam práticas de ler e escrever.

Da escrita da história para a história cultural, social, assume-se a proposição de rastrear, identificar, analisar o modo como, *por meio das cartas, como prática de escrita – na perspectiva da linguagem como interlocução e do conhecimento que se insere no cotidiano* –, uma realidade social é construída, é pensada, é dada a ler, materializa-se numa prática. Nessa leitura, uma prática de escrita, tensa, de afetividade, de amizade, de subjetividade.

Alguns caminhos são apontados por Chartier (1990), quando propõe como tarefa *rastrear* as classificações, as divisões, as delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real; as representações do mundo social construídas, tomadas no relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza, tendo em mente para quem são dirigidos; e as estratégias e as práticas produzidas e embasadas num discurso que não é neutro, tendendo a legitimar ou justificar escolhas, posições, condutas, para os próprios indivíduos, num dado momento histórico. Por esses caminhos, a leitura das cartas é tornada minuciosa.

Caminhos que, para desvendar segredos da arte de corresponder, levam a perguntas como: o que impulsionaria Amanda a escrever, de Cafelândia, para Cibele, em Campinas, sete cartas somente no mês de abril de 1991, reafirmando que, apesar de gostar de falar ao telefone – portanto, duas horas seria pouco –, disciplina-se "para falar o tempo que dá duas fichas porque senão as nossas cartas perderiam a graça"? Cibele também escreve sete cartas para Amanda, de Campinas, para Cafelândia, no mês de abril do mesmo ano.

Nesse rastreamento, vai emergindo uma história de sujeitos da escrita que se configura nas próprias práticas e histórias... de escrita. Rastrear as práticas e as histórias remete-nos a uma intrincada rede de cartas... e de escrita.

Remete-nos a uma instigante (curiosa, desafiadora, não menos tensa) rede de leitura.[11]

---

11 Agradeço à professora Maria Augusta H. W. Ribeiro a leitura atenta (curiosa) e a contribuição para resolver alguns percalços da língua escrita.

2
Cartas de Amanda e Cibele: objeto e gênero

Não se inquiete. Fique sozinha si for preciso mas fique com a sua "necessidade" poética. Eu sei que nesta comunhão feliz em que nós dois vivemos, nós nos preferiríamos um pouco mais de mãos, não dadas, mas atadas, você se deixando brutalizar pela vida como eu, ou eu me elevando com mais frequência para as "Adivinhas". Nada impede, Henriqueta, nada impedirá mais aquela atração divinatória, aquela escolha muito pouco livre com que nós nos encontramos. E você me perdoou e eu adorei você – e hoje nós nos amamos com a maior densidade e a maior gratuidade do favor de amigos. Hoje eu sinto que os meus "Poemas da Amiga" feitos antes de conhecer você, nascidos de experiências com amigas várias, amizades de menor consistência e por vezes intuições de experiências que não existiram, hoje eu sinto que êles são exclusivamente seus e êles foram escritos para você.

(Carta de Mário de Andrade para Henriqueta Lisboa, 10.3.1943)

A carta

O que é uma carta?

Para responder a essa questão, trago aqui algumas informações fornecidas pelos Correios. Como informações, não constituem material de análise neste trabalho; contudo podem fornecer indícios para a percepção de uma teia de correspondência trocada sem que se saiba exatamente entre quem e, menos ainda, o que comunicam ou os motivos que a desencadeiam. Nomes há, com certeza, numa carta, e é o que lhe confere a singularidade de quem escreve e para quem.

Na Legislação Postal Interna e Internacional encontramos: *correspondência postal* com caráter de mensagem é o objeto que contém comunicação ou nota atual e pessoal, dirigida a outrem. Tal definição encontra-se no item das *definições e classificação da correspondência*. Segue-se.

Carta é todo papel, mesmo sem envoltório, com comunicação ou nota atual e pessoal. Considerar-se-á, também, carta todo objeto de correspondência com endereço, cujo conteúdo só possa ser desvendado por violação. Como subitens, há a carta-bilhete, a carta-resposta comercial, a carta-pneumática, o cartão-postal, cartão-postal comercial[1] etc. Encontramos a regulamentação da *carta-bilhete* em 1909: é um cartão de determinadas dimensões, com

---

1 "Denomina-se *carta-bilhete* o papel consistente e dobrado, cuja parte interna é usada para o texto de correspondência e cujas faces externas são destinadas, uma, com selo postal fixo, para o endereço do destinatário, e outra, para o do remetente. Denomina-se *carta-resposta comercial* o invólucro de forma e condições determinadas emitido, mediante permissão, por entidade pública ou estabelecimento comercial ou industrial e utilizado por seus clientes, nos pedidos de mercadorias e publicações ou de esclarecimentos comerciais ou industriais. Denomina-se *carta-pneumática* o objeto de correspondência semelhante à carta-bilhete, porém de papel de menor consistência e de dimensões adequadas ao transporte por tubo pneumático. Denomina-se cartão-postal o cartão sem envoltório e com selo fixo, de fabricação oficial e de forma e condições determinadas. Denomina-se *cartão-resposta comercial* o cartão de forma e condições determinadas, emitido e utilizado para o mesmo fim da carta-resposta comercial" (*Legislação Postal Interna e Internacional*. Gráfica do DCT, 1964).

selo postal fixo, que se dobra e se fecha pelas margens, destinado a receber na parte interna o texto e, em uma das faces externas, o respectivo endereço; seu peso não poderá ser superior a quinze (15) gramas. A carta-bilhete teve origem na Bélgica em fins de 1882 e sua primeira emissão, entre nós, data de 15 de novembro de 1883 (Brant, 1909).[2]

Em 21 de dezembro de 1992, apareceu uma outra modalidade, a chamada *carta social*. Por recomendação do presidente Itamar Franco, o Ministério das Comunicações instituiu a carta social, que permite às pessoas físicas postarem suas correspondências com um custo sensivelmente reduzido. O objetivo, segundo o *Boletim Interno* da ECT/DR/SP,[3] é o de "facilitar o acesso aos serviços postais às camadas menos favorecidas de nossa população". Enquanto, à época, a correspondência de primeiro porte custava doze centavos (R$ 0,12), a carta social custava três centavos (R$ 0,03). Para a utilização desse serviço, propiciado pela Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), algumas regras operacionais foram preestabelecidas:[4] a) o tratamento dispensado pelos Correios no sistema de encaminhamento da carta social é o de considerá-la não urgente; b) necessariamente a carta deve estar envelopada (não se admitindo a utilização de envelopes do tipo *data-mailer* ou mero dobramento do papel) e com o endereçamento escrito à mão (portanto, não será considerada carta social a que tiver o endereçamento datilografado; c) deverá ser aposta pelo remetente, no canto inferior esquerdo do anverso do envelope (portanto, acima das quadrículas do CEP), a menção "carta social"; d) somente serão postadas cinco cartas no máximo; e) as cartas só devem ser endereçadas a localidades situadas no território nacional (regime interno); f) os remetentes deverão ser pessoas físicas; g) o peso máximo de cada

2 Acrescente-se: pagando a mesma taxa que a carta oferece, em relação a essa, tem a vantagem de, em qualquer parte, poder-se fazer uma comunicação, também cerrada, sem prévia aquisição de papel, envelope e selo. É permitida a sua expedição em aberto e com ou sem a segunda parte, a qual, entretanto, não pode ser expedida em separado.

3 In: *Boletim Interno* da ECT/DR/SP, nº 249, 21 dez. 1992, p.6.

4 In: *Filigrana*. Órgão da Sociedade Filatélica de Curitiba, nº 000, out./dez. 1994.

carta é de 10 gramas; h) não é permitida a utilização de qualquer serviço adicional ou acessório (por exemplo, carta registrada, aviso de recebimento etc.); i) admite-se a postagem em caixas de coleta; j) o franqueamento deverá ser realizado por meio de selo ou estampa de máquina de franquear; k) os procedimentos estabelecidos para distribuição e devolução dos objetos não entregues, bem como o prazo de guarda, são idênticos aos de cartas.

Na *Enciclopédia Larousse Cultural* (1998), o verbete *carta* (do grego *chartes*, pelo latim *charta*, papel, carta) explica: "Escrito que se envia a outrem com cumprimentos, pedidos, ordens, notícias etc.; epístola, missiva". Outras significações referem-se a mapa, baralho, conjunto de leis etc.; seguem-se a isso três páginas com especificações da carta, com ilustrações, mas nada que se aproxime das cartas trocadas, daquelas que alguém escreve para alguém.

O objeto

As cartas que alguém escreve para alguém, uma após outra, lidas, relidas, respondidas, vão saindo da impessoalidade, da "institucionalidade" da circulação, pelos correios, ganhando novamente significações singulares.

São objetos esperados, aguardados com impaciência, chegando a mudar um dia de tédio, são mais que folhas de papel escritas com envoltório e, uma a uma, vão sendo guardadas numa lata ou numa caixa de papelão, vão se acumulando. Desse conjunto acumulado, dessa série que se forma ao sabor dos dias, apropria-se a pesquisadora, transformando-o num objeto de estudo, nem sempre fácil de abordar, pela sua natureza de escrita íntima, privada.

O conjunto estudado, que compõe o *corpus* de análise, neste trabalho, é constituído pelas cartas trocadas entre duas adolescentes, entre dezembro de 1990 e dezembro de 1996. São 109 cartas escritas por Amanda e 114 cartas escritas por Cibele. Na entrevista que fiz com as duas correspondentes, no dia 3 de fevereiro de 1997, expliquei-lhes com maiores detalhes como vinha organizando o

material, a leitura que vinha sendo feita, alguns elementos que vinham chamando a atenção e provavelmente seriam focalizados mais atentamente. Nessa entrevista ficou decidido que o conjunto seria "fechado" com as cartas escritas até dezembro de 1996.

Autoras das cartas	Total de cartas por ano						
	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Amanda	1	56	28	16	4	1	3
Cibele	1	58	33	17	5	–	–

Tive acesso primeiramente às cartas escritas por Amanda. Elas me foram entregues em outubro de 1995. Eu já sabia da sua existência havia meses, por Cibele, que as havia recebido, ela esperava que eu as pedisse e eu não tinha certeza se devia pedi-las. Após terem sido entregues a mim, permaneceram por meses na lata colorida que as acondicionava: fui abrir a primeira em 19 de agosto de 1996. Cibele as ofereceu a mim por época da apresentação de minha dissertação de mestrado, quando tomou conhecimento da minha intenção em aprofundar algumas questões sobre o sujeito que escreve, quando e onde escreve, motivos, procedimentos; enfim, o que pode, em termos de escrita, estar no horizonte de quem escreve. Cartas escritas estavam no meu horizonte de busca.

O que me chama a atenção quando abro a lata é o colorido alegre dos papéis e dos envelopes no espaço comprimido da lata. Levo minutos sem fim tentando fazê-las saltar para fora talvez esperando que elas viessem ao meu encontro. Tenho que ir buscá-las. Verdadeiras cerimônias de apropriação, lembram aquelas que Sartre (1967) recorda nos primeiros contatos com seus livros, cheirando-os, apalpando, acalentando, beijando, surrando e, ainda assim, não tendo a sensação de possuí-los.[5]

À sensação de não possuí-las, as cartas, mistura-se a marca deixada impressa pelas cores dos envelopes e, por que não?, mistura-se

5 Veja-se também o capítulo nomeado "Em primeiras cerimônias de apropriação de capas, de títulos, de letras" em Cunha (1995).

a sensação de gozo de ter em mãos uma carta esperada. Tal como o colorido do papel, as mensagens rápidas, ou fragmentos de mensagem marcados nos envelopes, são verdadeiras cerimônias de antecipação da leitura que está por vir. Quando não se transforma, ele próprio, o envelope numa pequena obra. Refiro-me às mensagens poéticas escritas por Mallarmé (1998), ao mesmo tempo que compõe o endereço, nos envelopes.[6]

Numa passada pela história dos correios, antes da regulamentação do selo postal, a ser pago antecipadamente pelo remetente, ocorria estar a mensagem escrita em código no próprio envelope; ao receber a correspondência, o destinatário decodificava a mensagem e, após, devolvia ao remetente, recusando-se a pagá-la. Apesar de o envio de mensagens ter uma longa existência, o selo postal foi regulamentado, na Grã-Bretanha, somente em 1840: evitava-se a cobrança de preços variados e exorbitantes e garantia-se o pagamento antecipado. Consta que o Brasil foi o segundo país a regulamentar o selo postal, o que ocorreu nas reformas feitas por D. Pedro II, em 1842 (Alves, 1990). O colorido não se confirma apenas nos envelopes, mas também na imensa variedade de papéis de carta – lembra aqueles que algumas meninas da primeira série da escola pública tinham nas suas coleções, simples coleções, sem escrita –; nas três, às vezes quatro, cores de caneta numa mesma carta, nos tantos e não repetidos adesivos dos envelopes ou das folhas escritas fazendo parte dos assuntos tratados, nos bilhetinhos, alguns com o aviso de *confidencial,* alguns ainda lacrados.

Em abril de 1997, cerca de um ano e meio depois, tive acesso às cartas escritas por Cibele, recebidas por Amanda.[7] Acondicionadas numa caixa de camisa, não tão coloridas na aparência quanto as primeiras, mas plenas de cores a serem descortinadas também.

---

6 *Que la Dame au doux air vaingueur, / Qui songe, neuf, Boulevard Lannes, / L'ouvre, ô mon billet, comme un Coeur / Avec ses ongles diaphanes* (Mallarmé, 1998).

7 Não tive acesso às cartas escritas por Cibele em 1995 e 1996; tomei conhecimento da sua existência nas referências feitas a elas nas cartas escritas por Amanda.

Descobre-as quem estreita a relação com elas, quem entra na intimidade delas.

As primeiras leituras das cartas foram muito envolventes, o que dificultou fazê-lo de forma mais sistemática, esperada em uma pesquisa. Por mais que eu tentasse me ater ao material, a leitura envolvente acabava tomando conta.

Por outro lado, quase tudo se tornava importante, gerando anotações maciças e levando-me a copiar trechos e trechos das cartas; dificultando definir o que seria mais importante reter, o que podia ser deixado de lado, o que deveria ser deixado de lado pela natureza de intimidade das cartas, o que eu optava por não tornar público. Os recortes teriam que esperar. Não definir recortes implica não definir o que permanece como material a ser analisado.

A decisão tomada naquele momento foi das mais óbvias, a meu ver, em se tratando de cartas: comecei a intercalar a leitura de algumas procurando "respostas" a assuntos referidos. Esse poderia ser um motivo para juntar cartas recebidas. Às vezes dava certo, coincidiam carta e resposta, às vezes não. Encontrei, por exemplo, duas *menininhas* em resina, coloridas, coladas numa carta escrita por Cibele, em setembro. Ela envia para a amiga como *lembrancinhas do meu aniversário de 15 anos*, que foi no dia 10 de junho. Antes teve o convite, a carta de cumprimentos e, mais de três meses depois, o envio das lembrancinhas. Entre a postagem do convite (19.5.1992) e a postagem dessa carta (21.9.1992) foram postadas, por Cibele, outras quatro cartas.

De outra vez, num mesmo envelope, estão duas cartas escritas por Amanda:

> Bem, por aqui está... Cibele, estou te escrevendo esta carta, porque estou morrendo de saudades, e faz(ia) um século que eu não recebo(ia) uma carta sua, porém, eu acho que você tem os seus motivos, porque eu ouvi no jornal que aí está chovendo pra caramba, né? Na segunda: Fiquei super feliz em receber sua carta!!! (sempre fico assim quando recebo alguma carta). (A. 22.4.1991)

As alterações do tempo verbal, entre parênteses, com tinta azul diferente, não indicam quanto tempo se foi entre uma carta e outra. Em abril de 1991, Cibele postou cartas nos dias 1º, 9, 11, 18, 23 (cartão de aniversário), 26 e 30. Pelos carimbos do correio, em abril, Amanda postou cartas nos dias 3, 8, 15(a), 15(b), 22, 26 e 30.

Registrado o impacto que os primeiros contatos com o material causaram, retomo a pergunta que me colocava naquele momento: afinal, o que pode ser lido quando se leem cartas?

O estudo de um conjunto de cartas familiares, domésticas, feito por Dauphin et al. (1995) contribuiu para organizar e ampliar a leitura do material que eu tinha em mãos e (por que não dizer?) conferir-lhe certa legitimidade. O *corpus* analisado pelas autoras é constituído por milhares de cartas familiares escritas entre a Revolução Francesa e a primeira Grande Guerra. Fundando-se nas práticas efetivas, propõem um novo arranjo do conjunto, buscando compreender as razões que fizeram que a prática epistolar pudesse inscrever-se nos tempos e espaços sociais específicos, conservando uma admirável estabilidade histórica, preenchendo funções extremamente variáveis. Nos vestígios encontrados "nas próprias cartas, na escrita sobre as cartas" (ibidem, p.19), vai se concretizando o que chamam de "pacto epistolar" (ibidem, p.101), fundado nas trocas afetuosas e encarregado de demonstrar a força e o empenho direcionado para a solidez de um grupo familiar, na França do século XIX.

Frequentemente, dizem as autoras, as correspondências ordinárias são qualificadas como banais, repetitivas e indignas da prova editorial, e, pautando-se pelo exemplo dos antropólogos, voltam o olhar para as práticas familiares de uma época distante, nelas "constatando" a presença não de gente "mais simples", mas de pessoas dispondo de material de expressões mais ou menos elaboradas e revelando uma vida imaginativa e emocional sempre muito rica e complexa.

Nessa perspectiva, a correspondência pode ser tida como uma prática ritualizada, na qual os indivíduos, confrontados com um conjunto de referências e modelos, devem classificar a realidade e reavaliar suas relações com os outros. Dito de outro modo, nas situações as mais banais, cada um é chamado a extrair de um repertório

comum palavras, imagens, conceitos, reelaborando-os, buscando outras significações.

Nesse agenciamento renovado, nessa invenção no/do cotidiano (Certeau, 1990), os indivíduos deixam vestígios de sua versão do mundo e da cultura. Nesse trabalho de expressão e apropriação, uma grande diversidade de experiências se anuncia na repetição de certas fórmulas e de certos gestos, e no reconhecimento mútuo de sua eficácia: alcançar o outro.

Antes de retomar a pergunta sobre o que pode ser lido nas cartas, é necessário relatar minha forma de organizar a leitura das cartas. Em primeiro lugar, processei a organização das cartas pela sequência temporal. Essa evidenciou períodos de correspondência mais e menos intensiva; ficamos sabendo que somente no ano de 1991 foram postadas 58 cartas por Cibele e 56 cartas por Amanda (excluindo-se as "extras" num mesmo envelope). Somente no mês de abril foram escritas catorze. Tal organização possibilitou uma leitura mais "objetiva", com chances de que o envolvimento não tomasse conta e provocasse desvios no projeto proposto.

Decorrente da leitura mais objetiva, fui construindo um "quadro dos caracteres" (Bourdieu, 1989, p.29), conforme iam aparecendo nas cartas, abrindo uma linha para cada carta, pela data de postagem, e colunas, contendo o que ia sendo lido. Ressalte-se que na construção do quadro não era propósito exaurir o conteúdo, ou seja, incluir todos os enunciados que as cartas contêm; tal decisão se impôs pela própria especificidade e natureza do material: escrita privada, recente e pessoal.

Da natureza do material e do objetivo em mente, *o acercamento ao sujeito que escreve, no próprio ato de escrever, enquanto escreve carta*, foram se delineando os cabeçalhos das colunas: atividades do dia a dia das meninas (aparecem as aulas de música, de balé, interesses de uma e de outra, e maciçamente as atividades escolares); leitura/livros/revistas/outros; filmes/músicas/fotos; outros eventos/excursão/shows/festas; cartas indicadas no texto, lidas/escritas; envelope; desculpas pela demora em escrever (localizar a anterior); enquanto e quando a carta é escrita/ lida; anúncio de que estão sempre ocupadas.

Enquanto o quadro ia sendo construído, iam emergindo os modos, as maneiras, os procedimentos que cada correspondente inventa quando busca a outra, enquanto escreve uma carta.

Processado o quadro, o material abriu outras possibilidades de leitura; a opção por uma *leitura transversal*, possível porque se tem um conjunto, foi revelando, nas cartas, uma relação que foi se construindo, no ato mesmo de escrever... cartas. Sobre "transleitura", diz-nos José Paulo Paes (1995):

> O prefixo trans- visa simplesmente, no caso, a acentuar que a leitura de uma obra literária (pode ser de uma carta que não me foi destinada diretamente) é um ato de imersão e de distanciamento a um só tempo. [...] Por força da dúplice acepção de "através de" e "além de" que involucra, o prefixo trans- quando atrelado a leitura, serve para pôr de manifesto que esta, para ser plena, tem de ser sensível às instigações extratextuais do texto literário e ir além dele, mas sem jamais perdê-lo de vista.

O delineamento de outras relações é possível, porque o que ora chamo de leitura transversal, para além de uma leitura oblíqua, é uma leitura que requer um "através das cartas" e um "ir um pouco além do texto das cartas".

Afinal, o que pode ser lido quando se leem as cartas das duas adolescentes?

Para esse desvendar, é preciso também organizar o roteiro para a leitura: uma forma de acercar-se do material, do objeto; de penetrar nele, lenta e completamente; de conhecê-lo, por partes, com cautela e atenção; de usar todos os sentidos; de acionar toda a emoção; e de buscar o conhecimento e o controle dessa.

O envelope

Em ordem decrescente, pela quantidade, são: brancos, padronizados, tamanho 16x11; brancos, padronizados, tamanho 23x11;

brancos com borda verde-amarela, 16x11; coloridos decorados; coloridos lisos. Da destinatária na grande maioria vem apenas o primeiro nome: *Cibele* ou *Amanda*. Por várias vezes, o lugar do nome é ocupado pelo apelido: raras vezes foi encontrado o nome completo. O endereço da destinatária é sempre corretíssimo; já o endereço da remetente toma outras formas, inclui um adesivo, ou *me escreva urgente*. Quanto aos selos, os convencionais dos Correios do Brasil. O carimbo do correio é um dado muito importante, porque permite uma organização mais objetiva do conjunto, uma vez que as datas da escrita das cartas podem variar: por vezes uma carta é postada no dia seguinte ou alguns dias depois do que foi escrita, ou mesmo aparecer trocado o ano. Para as referências utilizadas ao longo do trabalho, optei pelas datas dos carimbos do correio, mantendo esse critério para as frequentes ocorrências de duas ou mais cartas – datadas – num mesmo envelope.

O suporte

Muitas são as cartas escritas em papel de carta, decorado, colorido, de tamanhos variados, um deles tendo pautas musicais impressas em toda a sua extensão e um anúncio de que *isso começou exatamente com uma nota*, e o texto da carta manuscrito por sobre as pautas; várias estão escritas no papel branco pautado dos blocos padronizados; a maioria está escrita em folhas de caderno escolar espiral grande. A utilização do espaço na folha em branco, pautada ou decorada, é plena de escritas na horizontal, na diagonal, com canetas esferográficas em cores variadas, raríssimas vezes datilografadas ou impressas pelo computador, a – imensa – maioria manuscrita, com a presença de códigos, setas, comentários marginais, adesivos; quase infinitas são as combinações, quase infinitas as invenções, mesmo que nos limites da folha em branco. Algumas vezes vão além dos limites da folha, fazendo avançar a escrita no envelope.

O lugar de onde a carta é escrita

As referências feitas à cidade são mais frequentes nas cartas de Amanda, para quem as cidades de onde escreve também estão para ser conhecidas; ela vai escrevendo, contando para a amiga as descobertas que vai fazendo seja de "*uma academia de balé, mais coisas para sair, quatro locadoras*", ou que "*as casas são por nível*" e que "*todo mundo anda de bicicleta*". Conta também que a cidade "*está muito parada ultimamente apesar de que está cheia de universitários... lindos*" (A. 14.4.1992), que "*nessa cidade faz um calor, mais um calor, mais um CALOR, eu não estou aguentando mais!!!*" (A. 27.10.1992). Refere-se ainda aos eventos que fazem a animação da cidade.[8] *O lugar onde a carta é escrita ou lida* pode ser o *meu* quarto, deitada na *minha* cama, na cama da *minha mãe* assistindo à novela, "*longe*" *da minha mãe*. Ou mesmo a escola.

O vocativo[9]

No início da carta, assim como nos envelopes, pode aparecer o primeiro nome e/ou apelido.[10] Com muita frequência, surgem no decorrer da carta, como *Cibele*, que inicia seis dos nove parágrafos; os apelidos iniciam outros dois, além de aparecer um novo apelido: "*Cici, (gostou??)*" numa carta de duas folhas e 38 linhas escritas, só

8 Fiz contato por telefone com a Biblioteca Municipal da cidade, em julho de 1999, visando à obtenção de outras informações sobre eventos, tendo como fonte os jornais da época, e fiz contato por carta com uma pessoa que está de posse dos jornais, em setembro de 1999. Não foi obtida resposta até o momento da conclusão do texto.

9 Do latim *vocativus*, termo da oração que indica apelo, chamado, ou nomeia uma pessoa ou coisa personificada a quem se destina a mensagem (*Grande Enciclopédia Larousse Cultural*).

10 Na leitura das cartas publicadas de Varnhagen, escritas no século XIX, foi observada uma sutil mudança nos modos de tratamento quando se dirigia ao diretor da Biblioteca de Évora; inicialmente bastante formal, um pouco menos formal quando vai aparecendo a [palavra] amizade.

o corpo do texto (A. 25.3.1991). Nome e apelido podem aparecer no meio de um assunto: "*quer dizer então que a 'Dona Amanda' agora vai ser: 'Miss Cafelândia'?? – Você não deveria ter dito um NÃO! mas sim um talvez...*" (C. 1.4.1991).

O cerimonial epistolar

Encontra-se o "*tudo joia? Espero que sim... Tudo bem? Por aqui está tudo bem... normal... joia...*", às vezes completados com um comentário "*original esse início, não?*". Ou a despedida: "*vou parando por aqui, vou terminando por aqui*, seja com *beijos*... ou *saudades*...". Variações de um mesmo tema. Variações de como se inicia, ou como se despede, seguindo o que podem ser as normas de um cerimonial epistolar. Nas variações de um mesmo tema, outros elementos: um deles é a marcante chamada à destinatária, interlocutora, com o "*escreva-me urgente, me escreve urgente, responda logo*", que aparecem incondicionalmente, em lugares e de formas variadas, em todas as cartas, em cada uma delas, de um lado e de outro, fechando envelopes, no adesivo, cruzando uma página inteira. São elementos que ficam marcados no próprio texto da carta ou nos procedimentos a que recorre quem escreve.

Como procedimento, chama logo a atenção o cuidado de "combinar" um assunto com adesivos, fortemente presente nas cartas que Amanda escreve, ou um pensamento em cada final de carta que Cibele escreve. E ainda há verso, música... como uma que foi iniciada por Amanda com "*Alô alô marciano... (Rita Lee)*" e é terminada por Cleusa com "*amigo é coisa pra se guardar debaixo de sete chaves... amigo um dia a gente vai se encontrar...*" (25.11.1992). Numa outra, Cleusa escreve "*qual é teu nome, qual é teu signo? Teu corpo é gostoso, teu rosto é bonito. Qual é teu arcano, tua pedra preciosa? Acho tocantes acreditarmos nisso (Legião Urbana)*" (21.12.1992). E outras. Cleusa é uma amiga que entra por um tempo na troca de cartas. É o assunto da carta, como texto, saindo em busca de outro texto, a letra de uma música, para com ele compor-se.

A inter-relação entre textos, a confrontação, o diálogo que o autor estabelece com outros textos, a *intertextualidade*, tem um sentido de compreensão. No âmbito da carta, das trocas, a dialogia "quase sem fim", podemos considerar, com Bakhtin (1985), que

> Qualquer tipo de compreensão deve ser ativo, deve conter já o germe de uma resposta. [...] Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão.[11]

A carta pode começar ou terminar com trechos de música, ou esses podem estar entremeados com outros assuntos. Músicas estão presentes de diferentes modos. Às vezes são músicas que estão sendo tocadas no rádio e ouvi-las significa, por várias vezes, interromper a escrita da carta; outras vezes são músicas preferidas e são indicadas para a amiga; ou são parte de atividades outras, do interesse da correspondente, como as que são escolhidas e ensaiadas meses a fio, para a audição de final de ano, que vão desde *Swing da cor*, de Daniela Mercury, a *Odeon*. E as apresentações da Sinfônica que são apreciadas.

Na entrevista feita com Cibele (24.1.1997), ela me revelou que o relacionamento com Amanda é uma amizade que preza muito, mas talvez não perdurasse se não fossem as cartas; é que a vida de ambas

---

11 São atos – indissoluvelmente unidos – da compreensão: 1) percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) Seu reconhecimento (como algo conhecido ou desconhecido). Compreensão de seu significado repetível (geral) na língua. 3) Compreensão de seu significado em um contexto dado (próximo ou distante). 4) Compreensão dialógica ativa (discussão – consentimento). Inclusão no contexto dialógico. Momento valorativo na compreensão e o grau de sua profundidade e universalidade (Bakhtin, 1985, p.381, tradução livre do texto em espanhol).

tomou rumos diferentes, com interesses diferentes. Isso também está escrito numa das últimas cartas de Amanda:

> *é engraçado como nossas vidas mudam, não? Quem diria!!! Cada um segue um caminho... Acho isso interessante, e muito bom também quando penso que uma amigona como você está seguindo* [...] (A. 8.10.1996)

Tanto a amizade como a troca de cartas se mantêm. Qual sustenta qual? Os adesivos também continuam na carta escrita nos minutos roubados ao estudo de Direito Constitucional na biblioteca da faculdade, na carta de outubro de 1996.

Tudo o que foi dito antes, lido no objeto *carta*, vai definindo maneiras/modos de escrever que transitam entre as regularidades e os modelos que vêm conformando, dando forma, ao longo da história,[12] e o livre-arbítrio dos indivíduos nas marcas singulares que se deixam ver. Entre essas duas margens estão os procedimentos, as expressões, as apropriações, uma visão de mundo, de si e do(a) outro(a), os sentidos, as significações.

No movimento e na tensão do que se apreende e escapa, entre essas duas margens, vai sendo delineado o que pode ser lido numa carta, vai se delineando, através dessa lente, o ato de escrever.

---

12 Na França, Dauphin et al. (1991) localizaram manuais epistolares no Antigo Regime. Entre nós, é requerida uma busca mais cuidadosa sobre manuais epistolares. Orientações sobre como escrever cartas estão nos manuais didáticos. Em tempo: foi encontrada uma publicação, vendida em bancas de jornal, que traz vários modelos de cartas de amor, além de uma introdução do que é o primeiro amor, uma poesia etc. *Novíssimas Cartas de Amor. A maneira mais fácil de escrever cartas de amor* (São Paulo, publicação da Editora Escala, 1994; segundo informações dadas pela assessoria de imprensa da editora, por telefone, a tiragem foi de 30 mil exemplares). Falando em cartas de amor, belas e deliciosas de se ler, há que conferir as escritas por Monteiro Lobato (1980), *Cartas de amor,* e Graciliano Ramos (1994), *Cartas de amor a Heloísa*.

O assunto

Tão significativo quanto o envolvimento na leitura era o cuidado de não devassar a intimidade, escrita íntima que era, das duas meninas. No movimento, na decisão do que não fazer, na leitura cada vez mais detalhada das cartas, acabamos ficando com o que parece menos arriscado, que é também o mais óbvio. Entre os "temas" que fazem os assuntos e os motivos das cartas, um deles salta aos olhos, impõe-se: é a vivência escolar das adolescentes, que, neste trabalho, será abordada como uma das atividades preponderantes do cotidiano das correspondentes, e não propriamente como uma categoria a ser analisada.

Escola e vivência escolar

As referências à escola transitam entre as provas e as notas, as leituras indicadas pela escola, as chatices e as delícias, as descobertas e as relações inventadas na escola, as cartas lidas e escritas na escola.

Provas e notas

De uma cidade, sobre a escola, escreve uma das correspondentes.

> *As aulas estão como sempre, fiz provas de Mateca, Geo, História, Mateca como sempre eu tirei C... as outras duas eu não sei. (Isso é segredo de estado)* (C. 1.4.1991). *E a escola?? Está indo bem? Por aqui fiz prova de Geografia e a minha nota foi a mais alta, B* (C. 9.4.1991). *Tive provas alguns dias, 3 trabalhos para entregar em 1 semana, ensaios, provas no Prelúdio, mas me saí bem de tudo. Nas provas de Música tirei em instrumento 8,5, teoria 7,5 e solfejo 8,5, os trabalhos estão entre A e B uma correria só...* (C. 26.4.1991). *Tenho trabalhado demais na formatura [é tesoureira e faz parte do grupo que arma "barraco" para vender salgadinho para arrecadar dinheiro], na escola,*

na igreja... em todos os lugares, mas trabalhei, estudei, "fiz que fiz" e consegui ficar sem média em Matemática, mas não tem importância, eu recupero. Mas quem é que aguenta um monte de coisa, afinal ninguém é de ferro... (C. 30.4.1991). *Aqui agora estou sem nada para fazer mas tenho prova de Mateca segunda e preciso estudar, e você foi bem na prova de Português? Bom eu tirei B na minha agora... muita gente nem quis ver a nota... fatalidades da escola...*(C. 2.5.1991). *Bem vou parando por aqui porque ainda tem um trabalho de O. S. P. B. e História para fazer; hoje eu estou aproveitando que a escola está em greve...* (C. 23.5.91). *Esses dias eu estava empinhocada de prova e de trabalho, quando eu te escrevi a carta anterior eu estava fazendo trabalho de Geografia; esses dias fui para a biblioteca umas três vezes atrás de trabalhos de O. S. P. B., História, Geografia. Minha semana está uma loucura, semana passada fiz prova de Ciências, Inglês e Matemática. Ontem fiz prova de Artística e de Desenho. Sobre a Matemática, eu consegui recuperar fiquei com B de média.(Aleluia, Aleluia)* (C. 26.6.1991). *Eu estou indo a toa, porque eu não fiquei de recuperação em nenhuma matéria, fechei em todas e 3 semanas de férias aí vou eu... As férias eu só vou curtir depois de amanhã, porque hoje eu tive prova de Geografia. Só para variar amanhã eu tenho que entregar a prova assinada de O. S. P. B. a minha e de mais alguns alunos foi a maior nota C* (C. 3.7.1991).

De outra cidade, sobre a escola, a outra correspondente escreve:

Cibele, eu também já fiz um montão de provas, e fiquei com ótimas notas (ainda bem), só que a conversa não para (continua a mesma) (A. 3.4.1991). *A escola está ótima, eu já fiz um monte de prova, aí vão as minhas notas: Geo 2 As, Mateca A, Hist B, Desenho B, Português A (isso é milagre, A em Português), EA B, OSPB A, Inglês B... como você vê por enquanto eu estou bem, só que agora eu estou estudando um negócio em Ciências que está muito difícil, e tem prova 3a. feira...* (A. 15.4.1991). *Eu estou no maior dos tédio, pois amanhã tem prova de História, e pode-se dizer que eu não sei nada... e também não estou me esforçando pra saber, pois eu não estou com a mínima vontade de*

> *estudar!!! Ontem teve prova de Ciências, e sabe quantas provas ela deu??? 3, isso mesmo que você leu, ela deu 3 provas em um dia... Pelo que deu pra perceber a escola aqui está uma porcaria, como sempre, no começo do ano é uma delícia, agora no meio, vou te contar dá pra enjoar...* (A. 22.4.1991). *Eu tenho prova de Português amanhã e ainda não estudei, pra você ter uma ideia já está passando "Barriga de Aluguel"* (A. 30.4.1991). *Em relação aos estudos, parece que você não está indo bem em Mateca, né? Mas isso é normal, você é uma boa (quase ótima, que nem eu...) aluna... Eu acho que fui mal na prova de Português; você lembra que na carta eu falei que ia estudar??? Pois é, eu deitei na cama da minha mãe pra assistir um pouco de televisão, e "desmaiei" (dormi) quando eu vi já era hora de ir pra a escola... eu devo ter ido mal pra caramba... mas tudo bem!!!* (A. 4.5.1991). *Biscoito, agora vamos falar de coisa chata, ou seja, ESCOLA, (ai meu Saquinho) eu já tive prova de Ciências e de Matemática, na de Ciências eu fui super bem, agora na de Mateca, (como diriam o pessoal daqui: "eu rodei") eu fui super mal, ainda não sei a nota, mas acho que vai ser a 1ª prova de mateca que eu vou mal, é minha filha, é a vida...* (A. 1.6.1991). *E aí Biscoito, conseguiu recuperar a nota em Matemática? Espero que sim, pois eu sei que não foi por causa que você quis que ficou com nota vermelha, pois Matemática na 8ª série é difícil? (apesar de que eu continuo só tirando "A", acho que eu tenho uma certa facilidade!)* (A. 21.6.1991) *... estou cheia de provas e trabalhos, é uma confusão, amanhã por exemplo eu tenho prova de Geografia, e antes de escrever esta carta eu estava estudando...é uma coisa essa escola. É Cibele, fico feliz de você ter recuperado em Matemática...* (A. 29.6.1991).

Os trechos aqui referem-se ao primeiro semestre do ano de 1991.[13] As provas, pelo indicado, estão em excesso: "*ontem teve prova de Ciências, e sabe quantas provas ela deu??? 3, isso mesmo que você leu, ela deu 3 provas em um dia...*".

---

13 Contei com Ângela Cardoso para a cuidadosa digitação dos quase infindáveis trechos sobre a vivência escolar registrada nas cartas.

Em excesso estão também, pelo número de citações em que se revelam, as superposições: *"eu tenho prova de Português amanhã e ainda não estudei, pra você ter uma ideia já está passando 'Barriga de Aluguel'"* (A. 30.4.1991). *"Eu acho que fui mal na prova de Português; você lembra que na carta eu falei que ia estudar??? Pois é, eu deitei na cama da minha mãe pra assistir um pouco de televisão, e 'desmaiei' (dormi) quando eu vi já era hora de ir pra a escola... eu devo ter ido mal pra caramba... mas tudo bem!!!"* (A. 4.5.1991).

A sobreposição da prova de Português é detectada no anúncio da carta: *"Eu acho que fui mal na prova de Português; você lembra que na carta eu falei que ia estudar???"* (4.5.1991).

Assumindo o risco de uma leitura exaustiva, aqui reproduzi todas as passagens, referentes ao primeiro semestre de 1991, que trazem provas e notas à tona. Esses relatos descontraídos sobre o que acontece na escola, feitos por quem ali vive, permitem-nos conhecer parte desse universo particular.

Detectadas e descontadas as superposições, há que registrar uma vivência escolar tumultuada por provas, gerando confusão entre o que se tem que estudar, atropelando a Geografia, a Matemática, compartimentando conteúdos, cumprindo compromissos que se resumem à situação de efetivo controle e tédio, quase nenhuma vontade de estudar... mas tendo que estudar para fazer prova, porque tem que tirar nota... Essas passagens acabam gerando a tentação de explicar a escola, com Enguita (1989), como o lugar do fazer e das relações de domesticação do trabalho; ou, com Foucault (1987), como o lugar do fazer e do disciplinamento dos corpos dóceis. O que se configura como uma das faces marcantes do processo e da vivência escolar, sem dúvida.

Outras faces do processo e da vivência escolar podem, no entanto, ser olhadas, outros focos devem ser postos em nosso campo de atenção, outras perspectivas podem ser levadas em conta – e nesse caso refiro-me à perspectiva posta por duas adolescentes que, no momento histórico da escrita das cartas, tinham, despretensiosamente, a preocupação de se fazerem presentes num contato de amizade.

Ressalte-se que, despretensiosas ou não intencionais, as cartas analisadas, mais do que a exposição de uma visão particular do processo e da vivência escolar, são registros de uma vivência, de um tempo, de momentos de uma, melhor dizendo, de duas vidas. São registros feitos ao sabor das folhas de papel, e de papel de carta, que ficam.

São registros que possibilitam levantar alguns elementos que podem ampliar uma visão, não exatamente com o intuito de desvendar ocorrências na escola, de outros pontos de vista. Mas uma visão a ser considerada na medida em que envolve, com intensidade, os sujeitos para quem a escola existe. Ou para quem a escola deveria existir.

A partir dessa abordagem, o que se põe em pauta é indicar um outro estatuto para as participantes, seja porque estão envolvidas na vivência escolar como atores do processo, seja pelo ponto de vista que expressam sobre a escola, seja porque conquistam um outro espaço no próprio desenrolar do processo desta pesquisa que ora se apresenta.

A partir deste ponto do trabalho, as falas aqui trazidas remetem ao conjunto todo das cartas das duas adolescentes a que se teve acesso.

As provas repetem-se, e também a ida à Biblioteca Municipal, para fazer o trabalho de O. S. P. B. Mas não é só trabalho da escola o que se faz na Biblioteca.

> *Quando eu te escrevi a carta anterior eu estava fazendo trabalho de Geografia, esses dias fui para a biblioteca umas três vezes atrás de trabalhos de O. S. P. B., história, Geografia.* (26.6.1991)
>
> *Por isso eu estou respondendo sua carta hoje; é que ontem eu fui fazer trabalho de O. S. P. B. na biblioteca municipal, imagina, foi eu e a Deyse [...]. Sobre as provas parece que por aqui acalmaram um pouco, mas estamos cheios de trabalhos. Parece que por aí elas (provas) estão te deixando louca; ainda mais com aquela última pergunta da prova de Português... (O envelope é fechado com um adesivo do Snoopy com os dizeres: A escola é ótima quando você sabe as respostas.)* (C. 13.9.1991)
>
> *Mudando de assunto treine bastante para a olimpíada de Matemática* (C. 16.9.1991)

É parece que as provas por aí estão bem corridas, 2 provas por dia... Aqui está do mesmo jeito, as provas estão me "matando". Aqui as provas estão "comendo soltas", eu "piro" com tanta prova e trabalho; e o pior é que não é só isso, tem o negócio da formatura no meio, está uma bagunça só, hoje o meu grupo teve que vender salgadinho na hora do recreio (A. 16.9.1991). *[...] eu estou mais que cheia de trabalhos para fazer [...]. Ontem eu, a Julia e a Cleusa fomos para a biblioteca fazer um trabalho de Ciências!! Estava super joia, eu passei na casa da Juliane, daí chegou a Cláudia, ela falou que eu não podia entrar de shorts na biblioteca, daí eu tive que por uma calça da Jú, até aí tudo bem, depois quando nós chegamos na biblioteca não tinha nem um lugar pra gente sentar, depois de um tempo que a gente ficou esperando que desocuparam uns lugares. Daí nós começamos a fazer o trabalho, e de vez em quando a gente dava uma conversadinha, [...]. Depois quando nós tínhamos acabado de fazer o trabalho, eu fui me trocar no banheiro da biblioteca, eu saí de shorts; e nós tínhamos que guardar os livros que nós usamos, eu fiquei de shorts dentro da biblioteca, e a "Vera" que toma conta, começou a dar o maior sermão, nós deixamos a velha falando sozinha, uma bagunça!!!* (A. 19.9.1991)

Às vezes, a prova extrapola o ambiente da escola:

Continuando a falar sobre as provas, estão mesmo um saco, hoje por exemplo teve prova de Português, eu fiz a prova normal, quando chegou na última questão, estava escrito assim: Falar sobre o filme: "O Vingador do Futuro II", o julgamento final com Arnold S... (eu não sei escrever o sobrenome)! O filme está passando no cinema, nem em fita de vídeo não saiu, aí, quando eu li a questão eu falei com ela e ela simplesmente falou assim pra mim: "Se vira", daí já viu, né? Eu quando fico nervosa não penso 2 vezes no que eu falo, eu falei tanta coisa pra professora, que eu não sei como ela não me mandou pra fora da classe, todo mundo ficou assustado, porque eu nunca falei um A pra professor nenhum [...] não me arrependi nem um pouco de tudo que eu falei pra ela... (C. 9.9.1991)

Extrapola-se o tempo da escola em direção a um futuro que está próximo.

> *Cibele, você me perguntou o que eu pretendo fazer no segundo grau... Eu acho que eu vou fazer o normal, porque curso técnico aqui na Ilha só tem magistério, eletricidade, e alguns outros cursos que não me interessam. Esses cursos não me interessam, porque na faculdade eu pretendo fazer Odontologia, e a faculdade de Odonto é super difícil de passar, então eu preciso de uma segunda opção e como 2ª opção eu escolhi Letras e Ciências Biológicas, então eu tenho que fazer o curso normal mesmo!! E você, vai indo bem na escola? Eu já fechei todas as matérias, GRAÇAS A DEUS...* (A. 22.10.1991)

Nos trechos sobre a vivência escolar ainda estão os professores, a formatura da oitava série de ambas, que ocupa bom espaço nas cartas; estão os livros, as leituras.

> *E não é só isso que eu tenho pra fazer, tenho que ler 3 livros, um para História ("Capitalismo para principiantes") e 2 para Português ("Em carne viva" e "O segredo de Taquinho"), o Capitalismo p/principiantes, estou na página 50, são 280 páginas; o "Em carne viva" estou na pág. 20, acho que são 62 páginas, e o outro eu nem comecei a ler...* (A. 17.10.1991)
>
> *Hoje eu comecei a ler um livro de História geral de 300 e tantas páginas amanhã eu vou ter que ler o de Física e o de Biologia para estudar porque a prova do ETECAP é Sábado.* (C. 5.12.1991)
>
> *Eu tenho que ler "Iracema" (José de Alencar) pra fazer prova de leitura. No mês passado eu li "O tronco do ipê" (José de Alencar), esses livros são super chatos, aliás a estória é legal, só que tem cada palavra... eu tenho que ler com o dicionário do lado senão não entendo bulhufas* (A. 14.4.1992). *No momento vou ter que ler "Dom Casmurro", já comecei a ler, parece que não é tão chato... E além de "Dom Casmurro", eu vou ter que ler "O diário de um mago", já comecei a ler também, é super legal (você ia gostar), só que ler dois livros de uma vez para o dia trinta é dose...* (A. 29.6.1992)

Em relação à escola, eu vou enrolando; eu só estou pendente em Matemática que é o meu fraco; esses dias li três livros: "Casa velha", "Chorando no travesseiro" e "Pollyanna"; agora estou achando prazer na leitura, coisa que antes nunca havia me chamado a atenção. (C. 21.9.1992). *Minha mãe não me deixou sair... tive que curtir a minha cama... também aproveitei para acabar de ler "O triste fim de Policarpo Quaresma" um livro muito trolha; dia 26 é a prova dele; dia 25 vou apresentar um seminário de Biologia e dia 30 começa o provão* (C. 24.11.1992). *Bem vou parando por aqui porque ainda tenho muito que ler e o que fazer.* (C. 11.11.1991)

Livros, leituras... e as cartas continuam:

Amanda desculpe-me de não ter me correspondido com você antes é porque eu estou cheia de provas e de trabalhos. (C. 18.10.1991)

Cibele, eu demorei um pouco para escrever esta carta pra você, mas é que as professoras já começaram a marcarem provas e mais provas, a nossa acabara dia 29 novembro, e nesse mesmo dia a gente vai sair para a escursão da formatura, só falta 1 mês para acabar as aulas, (um mês e uns quebrados) e cada professor marcou 2 provas, em um mês fazer 2 provas de cada matéria é fogo... (A. 26.10.1991). *Recebi sua carta hoje, demorou um pouquinho, mas tudo bem, eu entendo, pois eu também estou cheia de trabalhos pra fazer, e um monte de provas marcadas, é dose...* (A. 6.11.1991). *Cibele, sobre a demora da carta, eu entendo, afinal estou com o mesmo problema, estou super sem tempo, além de ter que fazer milhares e milhares de provas e trabalhos, eu tenho o festival no final do ano...* (A. 19.11.1991)

Falando em acender, andam acendendo muitas velas para passar de ano? Eu não estou queimando vela; mas rezo terço para ter calma nos ensaios e principalmente na audição que faltam cinco dias... O rio em seu curso aprende a desviar dos obstáculos! E você? Essa foi a minha prova de Educação Artística; ela [a professora] mandou ilustrar essa frase; professora de universidade é [...] (C. 14.12.1992). *Por aqui tudo bem, obrigada pela vela que vocês acenderam; porque valeu a pena hoje eu fui ver o resultado e estava lá: nº 20 PROMOVIDA!!!!!!!!* (C. 19.12.1992)

Estamos chegando ao final de mais um ano. Numa primeira leitura, tem-se a sensação de que a escola é a mesma, o que acontece nela se repete na fala, no olhar, na leitura, independentemente de ter sido relatado de três cidades diferentes, por duas pessoas, alunas, diferentes.

Indiquei que a vivência escolar das adolescentes tem presença marcante nas cartas. É uma vivência contada, talvez com caráter informativo rápido, exasperante, se vista do ângulo das provas, nem sempre agradável, tediosa mesmo. Se, por um lado, é assunto para tantas cartas, por outro, pela "fratura" dos temas, pela rapidez com que são tratados, pela necessidade de cumprimento dos compromissos – escolares –, há um teor crítico que pode ser lido – seja pelo emprego de algumas palavras (*tédio, confusão, dá pra enjoar*), seja pela entonação que, por meio das reticências, dos pontos de interrogação, de exclamação, multiplicados, vai conferindo outras significações, mais críticas, menos tarefeiras. Seja, ainda, pelos comentários dos livros, leituras obrigatórias na escola.

Se deslocarmos levemente o foco do olhar, nas mesmas cartas, vamos encontrar as chatices e as delícias vividas na escola.

As chatices e as delícias

Penso que o texto fala por si. Nas páginas que seguem, ainda uma vez correndo o risco de exaustão, deixo a fala das adolescentes correr, porque é um lado da escola que tem uma riqueza de vivência, de leitura por quem está nela, que não tem sido apreciada. Os trechos estão transcritos e abertos a uma análise a ser feita posteriormente, já que transcende os propósitos deste trabalho.

> *Como vai a formatura? Bom, na escola já conhecemos todos os professores. (Infelizmente). Eu já estou com uns paquerinhas (2), e também já estou com uns fãs... Cibele, aqui não tem turma da Jane nenhuma. (Ainda bem, pelo menos dessa eu me livrei, ufa!!!!) A minha escola é muito doida, e muito bagunceira, na minha classe tem cada*

> *figura. Essa semana um já foi parar na diretoria os outros estão na mira de pênalti (como você diz). Aqui já teve até chamada oral de Geografia, (na semana retrasada) eu tirei A (Ainda bem; boa aluna eu, não??)* (A. 5.3.1991). *E as professoras continuam com aquelas caras? (Acho que sim). Eu já não estou mais aguentando a cara das minhas. (E olha que para mim elas são novas)* (A. 18.3.1991). *Cibele, quer dizer que a formatura daí continua na mesma. Aqui está com tudo, mas pena que eu não vou participar, apesar de que eu preferia me formar aí [Campinas] mesmo sem dinheiro...* (A. 27.3.1991)

A não participação na formatura explica-se porque uma nova mudança de cidade, pela família de Amanda, já está decidida e em andamento.

> *Falando em professora [referindo-se à professorinha da novela que passa na televisão] nós aqui estamos levando tudo numa boa enquanto os professores morrem de pedir silêncio, você já deve imaginar como é né uma "zoeira" só, já era de esperar.* (C. 18.4.1991)
>
> *Segunda feira eu vou pra escola... Eu vou estudar a tarde, só que em escola diferente dos dois [irmãos], já pensou a minha cara, em uma escola diferente sozinha, por enquanto não quero nem pensar...* (A. 13.5.1991)

E, quando a mudança acontece, a nova escola e as expectativas são a pauta da escrita.

> *Você poderá ir à escola de bicicleta, sozinha, (e beleza)... falando em escola, não tenha vergonha, aí vai uma receita infalível: – entre na escola aí como se fosse o "Sophia" e pense que os alunos somos nós, porque a galera daqui está no maior pensamento positivo para tudo dar certo [...]. Se a classe não melhorar o comportamento, uma boa parte irá fazer a 8ª série novamente porque só 6 alunos conseguiram ficar com todas as notas azuis. (eu não estou entre eles).* (C. 16.5.1991)
>
> *Cibele, eu acho que tentei adotar esse sistema que você me deu pra entrar na escola, mas não adiantou muito, pois a escola não é igual*

o "Sophia", e vocês são mais legais que o pessoal daqui pois eu não gostei muito deles não, tem umas meninas que são simpáticas, dão uma risadinha pra mim de vez em quando, mas tem umas, que vou te contar, olham feio pra mim mas eu não tô nem aí, porque cara feia pra mim é fome... (A. 18.5.1991)

Amanda!!! Te cuida na escola em garota... porque se essas meninas que te olham meio de "esgueio" talvez não seja fome mas um tipo de "turminha da Jane". Fique esperta no gatilho em garota!! Sabe quem foi expulsa da escola?? A Dila. É ela provocou a professora e levou... (C. 23.5.1991)

Bem sofrendo mesmo eu estou na Matemática eu também "rodei" é a vida... nas outras eu vou bem as notas de sempre, A e B só que nos trabalhos eu estou meia perdida porque eu sempre fazia com você... (C. 5.6.1991)

Você não sabe o que está acontecendo na minha escola, vai começar a ter aula de sábado, você acha que eu vou? Se você esperar sentada eu ir não vai cansar... acabei de chegar da escola, está o mesmo "saco" de sempre, as professoras continuam com as mesmas caras de tapadas, o pessoal continua idiota, e eu continuo de "SACO CHEIO"!!! ... eu também estou sentindo sua falta pra caramba nos trabalhos, você lembra que bagunça que era; é totalmente diferente agora, nós bagunçávamos, mas tirávamos nota boa, agora aqui... nem dá gosto de falar... (A. 8.6.1991)

Sobre o "Sophia" continua o mesmo caos de sempre trabalhos provas sermões bagunça (que é a melhor parte).!. Só está com uma diferença a professora de Ciências está levando nós para algumas excursões já fomos em duas, uma foi no museu de energia elétrica na C. P. F. L. ao sairmos de lá nós falamos com a professora e convencemos ela a ir no MACC lá na prefeitura... (C. 20.6.1991)

Cibele, deve estar uma delícia as aulas de Ciências, vocês devem estar aproveitando, aqui não tem muito disso, nós só saímos uma vez, na semana do meio ambiente, fomos pro zoológico... (A. 24.6.1991).

Para você ter uma ideia de como estava a escola ontem, dava para fazer uma canja ótima... as aulas de Ciências estão legais, mas nós aprendemos mais coisas teoricamente do que na prática. (C. 27.6.1991)

E você vai ir até acabar as aulas? Eu acho que nas férias eu vou para Porto Alegre... E você vai passar as férias aí em Campinas? Vocês aí de Campinas devem estar aprontando cada uma com a professora de Ciências!!! (A. 29.6.1991)
... eu estou indo a toa, porque eu não fiquei de recuperação em nenhuma matéria, fechei em todas e 3 semanas de férias aí vou eu... As férias eu só vou curtir depois de amanhã, porque hoje eu tive prova de Geografia. As aulas de Ciências estão uma beleza... uma zoação só! (Você já viu aquela classe não zoar da cara de algum professor??) [...] Estou escrevendo a sua carta e vou passar um trabalho a limpo. É duro ser boa aluna com um trio maravilhoso, translumbrante que faz parte do meu grupo... (C. 2.7.1991)

Deve estar sendo joia esses jogos no "Sophia", ficar sem aulas, bagunçar na torcida, torcer pra valer etc, etc, etc, e tal (A. 2.7.1991).

Os jogos aqui na escola foram ótimos mas é capaz de não haver mais porque a torcida não sabe se comportar (C. 5.7.1991). *[...] acabou o meu castigo da nota de Matemática foi um desafio mas valeu, porque eu sem ouvir música me sinto como um peixe fora d'água!* (C. 11.7.1991). Na *escola antes de entrarmos de férias o truco voltou, eu como sempre estava no meio, eu não mudei muito desde que você foi embora né?* (C. 16.7.1991)

Acabei de receber sua carta, foi uma das poucas coisas legais que aconteceram hoje, por que já viu né, a primeira coisa que eu fiz hoje foi levantar cedo para ir na escola, é barra não é??? [...] Parece que você também está assim, VIDA DE ESTUDANTE NÃO É FÁCIL... (A. 8.8.1991)

Na escola o dia foi monótono só tivemos 2 aulas. História e Ciências deixaram nós irmos assistir os ensaios da fanfarra que está tendo. Acho que eu ainda não te contei mas a nossa escola vai ter que desfilar dia "7 de setembro" quiseram colocar meu nome mas logo tirei o corpo fora dizendo que era aniversário da minha mãe e eu ia viajar. [...] Mudando de assunto dia 13 a escola vai ir pro Playcenter, vai ir de 4ª a 8ª série, eu estou com vontade de ir mas estou dependendo da minha nota de Matemática maior pindura!! (C. 12.8.91). *Por aqui tudo bem, apesar de eu ainda estar um pouco tonta por causa do Playcenter, garota nem*

te conto consegui tirar 10 na prova de Matemática isso nunca aconteceu comigo, estou feliz até agora!! (C. 15.8.1991)

Quarta-feira, infelizmente, faltam ainda 2 [em vermelho] dias para acabar as aulas e chegar o fim de semana. [...] Amanhã todo mundo da 8ª vai ter que pagar um trote, vai ter que carregar os materiais em uma mala de viagem, e ir com um óculos escuro, e quem não for desse jeito pra escola vai ter que pagar 200,00 cruzeiros; a gente vai fazer a maior farra amanhã, quero só ver... (A. 15.8.1991)

Aqui as aulas estão uma porcaria. Estamos aloprando os professores como sempre, e eu como ótima aluna continuo sem fazer as lições (C. 19.8.1991).

Nos dias de semana, a escola estava + ou –, a gente começou com os "trotes", como você já sabe, quinta feira a gente teve que ir com mala de viajar e óculos escuro, agora, sexta-feira foi pior, a gente teve que ir desse jeito: – roupas ao aveso (a calça; a camiseta; se estivesse de meia, também tinha que virar ela ao contrário; e se estivesse de blusa de frio, também...) – óculos escuro – boné – chupeta – lenço. Você não imagina a bagunça que a gente fez, foi uma delícia! (A. 20.8.1991). *Cibele, eu não estou nem aí em escrever sua carta em aula, pois eu já estou de saco cheio dos professores, e das aulas, esse negócio de acordar cedo, para ir na escola e olhar a cara dos idiotas dos professores, é dose, você sabe muito bem... [...] Cibele, sobre os trotes, estão legais, no dia em que nós fomos de chupeta, e tudo mais, o FAZOLO levou a máquina fotográfica e tirou 3 fotos da gente, ainda não revelaram, mas eu acho que vai ficar legal pra caramba!!!* (A. 23.8.1991)

No primeiro dia de ensaio eu zoei pra caramba, comecei falar que meu ouvido não era penico e daí pra frente [...] a professora de História resolveu botar ordem na casa, mandou nós segurarmos a mão porque parecia que nós estávamos dançando "breake", eu como sempre só pra contrariar e fazer graça coloquei as duas mãos na cabeça e sai cantando: "só pra contrariar"[...] chegamos na classe não tinha cadeira e tivemos que sentar no chão [...] você só via gente caindo sentada no chão, foi uma comédia... (C. 26.8.1991). *[...] amanhã tenho que entregar um trabalho de Geografia, que é lá da Russia [...] ainda por cima tem os ensaios do desfile, que eu já perco 2 aulas todo dia;*

> *aula de Ciências faz tempo que eu não tenho.* (C. 3.9.1991). *Mudando de assunto parece que a sua classe não é muito quieta; não é?? E aposto que você como sempre fala mais que a boca [...] bem; mas nem você, nem a Vanessa e nem o Zé mudaram porque ontem eles foram pra fora da classe por causa da conversa [...] Falando em Geografia, ela vai sair de licença e vai entrar um novo professor nós vamos ter aula com ele hoje, estou ansiosa para conhecê-lo mas me parece que é gay; mas tudo bem, cada um na sua...* (C. 5.9.1991)

Em correspondência do dia 9 de setembro, Cibele descreve com detalhes as emoções sentidas do desfile de sete de Setembro:

> *Acabei de ler a sua carta, 2:06, cheguei da escola agora, é um tédio estudar!!! Cibele, meu professor de Matemática chamou eu, a Lucila e o Rato (Ricardinho) para fazermos uma "Olimpíadas de Matemática" em Pereira Barreto, vai sair um ônibus dia 28/09, acha que pode uma coisa dessas?? Mas tudo bem, eu aguento!! A formatura daqui até que está legal [...] sexta-feira vai ter a "festa das nações" aqui na escola, por isso eu estou super atarefada, hoje eu tenho que fazer correio elegante, amanhã, Bombom, sexta tenho que amarrar os 200 e poucos correios elegantes com os bombons, sexta de noite eu vou vender correio na festa...* (A. 12.9.1991)
>
> *Agora a formatura voltou a engrenar porque a professora de História deixou nós voltarmos a trabalhar porque nossas notas melhoraram; falando em professor o nosso novo professor de Geografia é uma gracinha só que ele não dá aula como a Dona Cleide. É o velho ditado: "Ruim com ela pior sem ela."* (C. 13.9.1991)
>
> *Cibele, agora não é só para a Olímpiada de Matemática que eu tenho que estudar, pois a professora de Português me inscreveu em um concurso de redação, eu posso com isso?????????? Eu já estou ficando "injuriada"!!!* (A. 24.9.1991)
>
> *Amanhã eu vou assistir uma peça de teatro com a escola; vai começar as 8:00 h da noite. Amanda, aqui eu também fui inscrita em um concurso de redação de Português e fui eu quem ganhei da escola; e agora ela está na delegacia.* (C. 26.9.1991)

Cibele, hoje a professora de Desenho faltou, daí a substituta veio dar aula, "coitada", saiu quase chorando, pois durante a aula dela o pessoal começou a fazer guerra de giz, quando acabou o giz foi de papel, quando acabaram a guerra de papel, começou a de borracha, quando acabou a de borracha foi a guerra de tacar a 1ª coisa que via na frente, você já imaginou a bagunça que ficou a classe!! Daí a professora começou a gritar com a classe mais ninguém atendia, parecia que ela estava falando sozinha, e o pior é que eles (todo mundo da classe) estávamos fazendo guerra na frente dela, a mulher ficou abobada, saiu da classe super nervosa... (A. 27.9.1991)

O dia começou com agitação: às 8:00 h da manhã teve Física e o time que eu estava ganhou no randebol, [...] a noite na aula eu e a Leonarda não aguentamos e enforcamos; só assistimos aula de Ciências; viemos aqui em casa e depois fomos para o teatro assistir a peça as 8:00 h: a peça se chamava "Face Blue". Lá nós encontramos a maior renca lá da escola; da peça mesmo eu não entendi muita coisa... (C. 30.9.1991)

Cibele, você falou que foi assistir uma peça pois fique sabendo que não foi só você, eu também fui, faz mais ou menos uma semana, foi sobre as drogas, foi SUPER LEGAL, uma peça de teatro "mesmo", não aquelas peças de teatro toda esculachada; todo mundo ADOROU!! (A. 1.10.1991). *A escola está a mesma coisa, uma porcaria, agora as provas pararam um pouco, pois acabou o 3º bimestre, mas logo logo começa tudo de novo, por quê? Já vamos começar o 4º bimestre é uma bost... (proibido escrever a última palavra).* (A. 5.10.1991)

A escola aqui continua na mesma com a greve dos motoristas de onibus alguns professores faltam e nós ficamos de janela. [...] Amanda, e por aí você já sabe o que vai fazer quando sair da oitava? (C. 10.10.1991)

Cibele, a peça que eu assisti era sobre 2 drogados, foi massa, todo mundo adorou... [...] eu NÃO PASSEI NAS OLIMPIADAS, também nem sei que nota eu tirei, ninguém da 8ª passou, você precisa ver que vergonha, da 5ª série, da 6ª, 7ª, teve uns 3 que passaram de cada série, agora da 8ª neCAS!!! (A. 17.10.1991)

[...] estou demorando para responder; mas não estranhe é que eu estou estudando como uma louca para os vestibulinhos porque a

coisa aqui está barra... Para você ter uma ideia eu já li sete livros de Matemática: mas tenho ainda: Português, História, Geografia e Ciências, tudo de 5ª a 8ª série [...]. E aí já fechou todas as médias? Aqui praticamente estão todas fechadas; sem maiores preocupações é só tirar C que eu passo... (C. 29.10.1991)

O ano agora é 1992, e as adolescentes vão para o 2º grau, continuando em escolas públicas. Dessa vez, Cibele também vai para uma escola diferente para cursar o Magistério:

E por tocar em bagunça isso me lembra um quadro nada animador; volta às aulas, pânico nas ruas, todos os estudantes tentam aproveitar o resto das férias porque dia 10 começa a tortura (C. 25.1.1992). *Mudando de assunto já conheceu todos os seus professores? Aqui eu já conheci todos, e o mais legal ainda é o de História. [...] Eu já conheci todo mundo da minha classe e estou começando a fazer amigos com as outras classes. Também já fiz amizade com a turma do ônibus.* (C. 20.2.1992)

Estou me acostumando com o pessoal da minha classe e já comecei a fazer bagunça (A. 25.2.1992). *Comigo está acontecendo a mesma coisa, eu estou gostando da escola, e adorando a classe. [...] O pessoal da minha classe é doidinho; está uma bagunça!* (A. 12.3.1992). *O pessoal da escola é legal, já estou com uma turma joia. A minha classe (1º A) e o 1º B são as classes mais encapetadas da escola!!! (eu adoro isso)* (A. 23.3.1992)

Mudando de assunto a turma da minha classe é um barato e a minha classe já tem duas advertências na diretoria; a turma do fundão [e envia uma lista de nomes] a turma do pingue pongue (C. 8.4.1992). *Hoje tenho aula de Educação Física, vou ficar no piano como sempre; fiquei sabendo esses dias que não posso mais enforcar aula; porque estão dando suspensão de graça; não posso vacilar...* (C. 2.6.1992)

E outro dia (ontem) a professora Neli (de Português) falou que a gente tinha que assistir o filme "O nome da Rosa", tudo bem, daí ela começou a passar pra gente, e disse que tinha que sair porque tinha uma reunião, em resumo, a classe ficou sozinha, assistindo um filme

que ninguém estava a fim de assistir, e o 1º A (o meu 1º) é terrível, de repente a gente começou a fazer guerra de giz e de papel, e a sala de vídeo ficou forrada de papel e giz, resultado, tivemos que limpar tudo, e ninguém assistiu o filme... Agora segunda-feira ela vai ter que passar o filme de novo, porque ninguém entendeu bulhufas; só que dessa vez ela vai ter que ficar na classe, se não... E o pior era que todo mundo tinha que ter prestado atenção no filme, porque é pra prova, é mole? (A. 29.6.1992). *Já estudei sobre o Barroco e o Quinhentismo, é muito chato; chatérrimo...* (A. 28.11.1992)

Na carta do dia 6 de maio de 1992, Cibele relata as peripécias da excursão feita com a turma da escola para a Serra do Japi. Por entre cachoeiras e pontes, pedras e dramas, subidas e descidas, risadas, roupa molhada, as linhas finais registram:

mudando de assunto o "provão" acabou e agora vem o pânico para saber as notas. Apesar da cola ter rolado solta! (C. 6.5.1992)

À medida que o foco é deslocado das provas e das notas para as chatices e as delícias, o campo alcançado pelo olhar é ampliado e aí se revelam descobertas e outras relações, não menos complexas, inventadas na escola.

E também está tendo campeonato de voley de areia na escola, o meu time sou eu, o "Ricardo Bunda", (esse é o apelido dele) e o Samuel, o nome do nosso time é "jaganhamos", pelo campeonato ser na areia os meus joelhos estão ralados, pois se você cair de joelho na areia já viu né?? E o pior é que o campeonato é obrigatório, vale nota pra Educação Física. Agora vai começar um campeonato de Voley normal, (com 6 pessoas), tem que ser 3 meninos e 3 meninas, o nosso time é:

– Amanda (parasita)
– Juliane (micróbio)
– Leila (verme)
– Reiner (tripa escorrida)
– Samuel (bolor)

– Ricardo Bunda (fungo)

E o nome do time é: B A C T É R I A Obs: as palavras que estão dentro dos parenteses são os apelidos do pessoal com relação ao time; só pra fazer graça. Gostou do nome do time, em?? [...] Sobre a formatura de vocês eu posso até aceitar o convite, eu falei com mamãe, mamãe falou com papai, papai falou com mamãe, e mamãe falou comigo, e disse que dependendo do meu comportamento e do tutu, money, bufunfa, dinheiro, eu posso até ir ai... (A. 19.11.1991)

Meu pé está todinho esculhambado por causa da discoteca, não parei de dançar nenhuma música; principalmente a lenta que o Dario (um loirinho lindo!) me tirou para dançar... eu só não fiquei com ele porque ele fuma [...] (C. 28.11.1991)

Cibele, eu vou pra formatura de vocês sim!!! Tem esse lance de convite?? Vai ser só missa?? Precisa ir de traje social?? Me "fala" (escreve) tudo direitinho, ok!? A minha formatura vai ser dias 12 e 17, é que dia 12 vai ser a missa e dia 17 a entrega dos diplomas!! (A. 13.12.1991).

Hoje tive as duas últimas aulas de Educação Física; a minha sorte é que você pode escolher: quadra ou ginástica; eu fui para a ginástica e acabei descobrindo um piano meio encostado; resultado fiquei tocando para as meninas fazerem ginástica. Toda tentativa de mudança é uma mudança[14] (C. 20.2.1992). *O pessoal da classe já está se entrosando bem e hoje chegaram mais 4 alunos dentre eles a Deyse. Hoje eu também descobri mais uma tecladista na minha classe; se continuar a ter tantos músicos assim vai dar para montar uma audição; uma orquestra ou vários conjuntos... Bem vou parando por aqui porque os livros me chamam. Cada dia que nasce é a vida que se renova* (C. 4.3.1992). *Mudando de assunto na escola eu já me caracterizei com uma tribo, apesar de ser tudo meio doido, mas são super legais. Quase todos sabem começar; o difícil é colocar um fim* (C. 18.3.1992). *Mudando*

14 Os trechos em destaque: são "pensamentos" utilizados por Cibele em quase todas as cartas que escreve; algumas vezes, traz o nome do autor. Assim como Amanda utiliza adesivos. Tanto os "pensamentos" quanto os adesivos têm consonância com o teor da carta como um todo; às vezes, com uma parte mais específica. Essa composição do tema com adesivos e "pensamentos" poderia ser uma outra lente para a leitura das cartas.

> *de assunto a música aqui está tudo em ordem; já estou começando a ensaiar a provável música para audição de final de ano. No "Aníbal" eu já conheço uma "pá" de pianistas e organistas; superlegais. A perda de nossas ilusões é a única perda da qual nunca nos recuperamos.* (C. 22.4.1992)

Em 1993, curso de Magistério, estágio, outras experiências para Cibele:

> *Ontem foi o meu primeiro dia de estágio: a professora de Didática nos passou algumas orientações porque nós vamos entrar em sala de aula só semana que vem. Mudando de assunto; vocês devem ter notado alguma diferença na minha letra; é que eu estou treinando a famosa "letra pedagógica" um sofrimento; eu ainda erro um pouco mas já estou me acostumando* (C. 11.3.1993). *Por aqui tudo bem; estou no meu estágio, meu primeiro dia; está sendo ótimo estão fazendo prova... já foram tomar sopa (macarronada) eu como sou "cara de pau" e estava comendo até pedra, fui lá e comi um prato estava ótimo. Eu pedi a chave da classe para a professora e ela deixou eu trazer a classe eu pedi para eles sentarem e acabarem de fazer a prova; eu nem acreditei; todos me obedeceram, uma beleza; até que enfim existe alguém que me obedeça.* (C. 22.3.1993). *Mudando de assunto o estágio é sem dúvida uma experiência ótima até que eu não suei muito e minhas pernas ficaram no lugar; a única coisa é que deu um friozinho na barriga; outra, as estagiárias do 2º ano apenas assistem; mas eu já fiz amizade com a pentelhada, e o melhor de tudo é que eles gostaram de mim.[...] Eu não sei se contei para vocês mas eu e a Deyse fizemos um protesto contra o professor de Educação Física pegamos seis folhas de caderno e escrevemos BARRIL em durex vermelho, imagina, o colégio inteiro viu porque nós colocamos na janela do lado da quadra; então quem passava no pátio via; nós nos matamos de rir, sorte que não deu sujeira* (C. 2.4.1993). *Falando em alunos o meu estágio vai bem, cada vez as crianças conversam e brincam mais comigo e eu já estou me acostumando com as "tias" e quando percebo estou brincando de "adoleta lepepitoletola le café com chocola: adole..." mas é uma*

> *delícia...* (C. 8.4.1993). [...] *agora estou tendo que ficar no colégio Segunda; Quarta; Quinta e Sexta-feira, eu não aguento mais, mas o jeito é ir levando... E as notas? Por aqui está tudo "blue" também eu me "matei" de estudar; em Química eu quase rodei; mas como eu sou uma "boa aluna" na sala de aula e bem quieta eu fiquei com nota azul* (C. 10.5.1993). [...] *desculpe-me por não ter escrito antes, é que eu tinha "mil" trabalhos para entregar; "mil" seminários para apresentar e "mil" provas para estudar...* (C. 16.7.1993).
> *... de Domingo a Quarta-feira vou estar participando do 9º Cole; é um congresso de leitura que vai estar acontecendo na Unicamp, com isso vou ter que enforcar alguns dias de aula. Em matéria de notas eu só tenho em mãos as do primeiro bimestre, as do segundo só vou ter depois das férias* (C. 22.7.1993). *Por aqui tudo bem; estou em pleno congresso, agora são 11:30 h estou em uma "mesa redonda" mas hoje está meio chato, muita teoria [...]. Hoje é meu último dia de congresso, já não me perco mais aqui dentro da Unicamp, é uma pena, tem um estante da "nestlé" e todo dia nós ganhamos bolachas de todos os tipos e cafezinho em umas xícaras superbonitinhas, é amanhã acaba a mordomia, tenho que voltar às aulas e pegar todas as minhas provas e boletins.* (C. 29.7.1993)

As cartas trazem referências sobre a vivência escolar, indicam elementos e abrem possibilidades para uma leitura do que ocorre na escola.

Essa escola, ao mesmo tempo que é fechada; estreita, nas possibilidades de um conhecimento de mundo mais amplo; rigorosa, no controle que se efetiva no ato de fazer, e fazer provas, é também uma escola prenhe de acontecimentos e de relações. Penso que, nesse espaço, mesmo que cautelosamente, poder-se-ia contrapor, à ideologia da escola que massifica, uma escola que comporta relações subjetivas. E muitos, diversos, são os sujeitos nela encontrados: André, Jussara, Natanael (Camargo, 1994)... Kátia (Abramowicz, 1996)... Há Amanda, Cibele... Faz-se necessária uma abertura de espírito e um exercício de deslocamento do foco do olhar. Como o do senhor Palomar, ao dispor-se a observar uma onda, mesmo correndo o risco de perder a paciência (Calvino, 1994).

Nas cartas analisadas podemos encontrar farto material para um estudo da ideologia do cotidiano, ou seja, da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana (Bakhtin, 1986); nesse caso, a vida escolar das adolescentes. Como suporte, nas cartas materializa-se um, dentre outros, dos aspectos da reação – interação – verbal que alimenta a ideologia e dela se alimenta, diante das realidades da vida e dos acontecimentos do dia a dia. É um valioso estudo a ser aprofundado.

Em 1996,

> *Aqui estou eu, na biblioteca da Unesp, e como já estou de saco "ultra-cheio" de estudar D. Constitucional, decidi escrever pra você, posto que já estava passando o tempo. Com relação à faculdade, as coisas continuam no mesmo ritmo, como eu disse, semana passada eu terminei minha monografia de Direito Comercial sobre a "Concorrência Desleal no Direito Brasileiro" que me deixou a ponto de pirar... DEU UM TRABALHO ENORME. Mas parece que valeu a pena, vamos ver, agora só depende da avaliação do professor.*
>
> *De modo geral estou muito bem de notas; também, se não estivesse eu daria um tiro na cabeça, afinal, minha vida aqui em Franca é estudar. Agora, por exemplo, estou na biblioteca (acabei de ler um livro sobre o "Princípio de Proteção", para a prova de Direito do Trabalho que terei na Segunda-feira).*
>
> *Quanto às meninas de minha república, as coisas estão na mesma. O ambiente está "morável" (gostou?), eu trato elas com o máximo de indiferença possível (a recíproca é verdadeira). (Não estou me dando bem com as meninas; com 2). A situação está preta, só estou indo prá lá pra dormir. Hoje vou mudar pra um quarto separado (eu dormia com a Eliana). É UM SACO MORAR FORA! EU QUERO A MINHA MÃE!* (A. 9.5.1996)

Há que registrar, também, a presença das cartas na escola. Não me refiro aqui às técnicas de redação – entre elas, como se escreve uma carta – como aparecem em livros didáticos que orientam para que não faltem os itens, como segue: 1º) Cabeçalho: lugar e data.

2º) Saudação: cumprimentos iniciais, como prezado amigo... 3º) Mensagem: aquilo que você quer transmitir. 4º) Final: despedida e assinatura do nome.[15]

Refiro-me aqui às cartas que são lidas e escritas na escola, porém não como atividade escolar.

Cartas lidas e escritas na escola

> *Cibele, você não imagina onde eu estou... Na classe, assistindo aula de Português, estou na 1ª aula do dia, quer dizer estou na 2ª aula, são 8:15 da manhã, hoje tenho 2 aula de Português, uma de desenho e 2 de Matemática, neste momento a professora de Português está dando o maior sermão na gente, porque ninguém fez a tarefa. (Passaram-se algumas aulas) Eu já estou na 4ª aula, de Matemática, é um "saco"... Ele está falando um monte de coisa chata, essas aulas já estão me deixando louca... mas tudo bem, eu aguento!* (A. 15.8.1991)
>
> *Cibele, eu não estou nem aí em escrever sua carta em aula, pois eu já estou de saco cheio dos professores, e das aulas, esse negócio de acordar cedo, para ir na escola e olhar a cara dos idiotas dos professores, é dose, você sabe muito bem...* (A. 23.8.1991)
>
> *Por aqui tudo bem, estou no meio da aula de Biologia são 8:05h estou morrendo de sono...* (C. 2.6.1992). *Por aqui tudo bem; peço-te mil desculpas por não lhe escrever durante tanto tempo [a última foi em 2.6.92] é que tudo por aqui está muito corrido; e as minhas férias eu fui*

15 Em um livro consultado, consta ainda um modelo com a distribuição dos itens no espaço da folha e, na página seguinte, como pôr em ação: "escreva uma carta para um amigo ou parente, dando notícias suas, de sua família, de sua localidade etc. Ou, se estiver interessado em fazer amizade com jovens da sua idade que moram em regiões diferentes, faça o seguinte: copie a carta apresentada como modelo abaixo e coloque-a num envelope, com este endereço [da editora]. Dentro do envelope endereçado, coloque junto com a carta, outro envelope vazio, com o selo já colado e o seu remetente (seu endereço bem legível). Neste envelope vazio, selado, mandaremos sua carta a um colega que deseja corresponder-se com *você*" (Siqueira e Silva & Bertolin, s.d.).

para Pederneiras; também teve uma porrada de coisas por aqui; fora o provão. Agora eu estou de janela, a escola está deserta e na minha classe tem no máximo 10 alunos. [...] Bem vou parando por aqui porque acabou de dar o sinal. (C. 29.7.1992)

Sabe onde eu e a Cleusa estamos? Ela está de intrusa na minha aula de Química; você acha?? Eu trouxe ela na minha classe, é claro que sem a professora saber... (como ela é pequenininha é fácil de esconder ela). [E Cleusa completa] Oi Cibele! Tudo bom? Eu estou aqui atrás, na classe da Amanda, está a maior bagunça, ainda bem que a professora não me viu, aliás ela não conhece ninguém. (A. 17.11.1992)

Por aqui tudo bem; agora estou assistindo um filme idiota de História, aqui no colégio, já são 21 horas e pouco; eu estou assistindo esse filme por causa da reposição de aula. (C. 24.11.1992)

Por aqui tudo bem, estou no meio da aula de Biologia e acabei de dar o seminário, até que me sai bem, mas estou tremendo até agora... (C. 26.11.1992)

Num capítulo intitulado "A adolescência inventada", Vincent-Buffault (1996, p.103-38) analisa as relações de amizade, particularmente nos séculos XVIII e XIX, e toma, como fonte material, correspondências e diários que ela nomeia como documentos de amizade. Com as instituições educativas, escreve a autora, aparece uma noção nova: a juventude torna-se, por excelência, a idade de aprender. A aquisição de um capital cultural e a preparação para um papel social requerem métodos e uma gestão rigorosa do tempo. O imperativo educativo não é o único em jogo: nos meios aristocráticos e burgueses, prospera a ideia de que colégios e conventos, que se dedicam à construção de uma identidade masculina e feminina diferenciada,

> permitem aos jovens tecer uma rede de amizades que, além de facilitar o ingresso no mundo, será uma base sobre a qual eles poderão se apoiar durante toda a vida. Esse desejo das famílias de que possam se construir redes próprias para preservar a posição social ou para favorecer a ascensão social contrasta com as estratégias disciplinares

das instituições, que procuram atomizar os indivíduos. (Vincent--Buffault, 1996, p.105)

Guardando as devidas diferenças no tempo e no espaço de onde escrevem as duas adolescentes, tomar conhecimento do estudo citado significou a possibilidade de olhar a vivência escolar, que se desenrola entre as estratégias (Certeau, 1996) das instituições que postulam um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio, disciplinar e as táticas a que recorrem os utilizadores que jogam com os acontecimentos para fazer as "ocasiões". Admitida a escola como espaço de sociabilidades entre a infância/família e a idade adulta/sociedade, há que ressaltar as vivências escolares cotidianas como momentos tensos de descobertas, plenos do uso de táticas, repletos de experiências, expectativas, frustrações, no movimento elástico que estreita-distancia relações; momentos tensos e plenos de sensibilidades, afetividades, amizades...

Pensar a escola como um dos espaços para a aquisição de um capital cultural e a preparação dos jovens para um papel social que requer métodos e uma gestão rigorosa do tempo; pensar a escola como espaço de sociabilidades que implicam momentos de descobertas e fazeres tensos; ler os trechos das cartas das adolescentes, acima recortados, dá-nos uma certa dimensão das táticas a que recorrem as adolescentes para fazer as "ocasiões" na escola, sem dela abrir mão. Poderíamos dizer também que as duas adolescentes fazem dessa tensão um espaço pleno de invenções?

A propósito: tomando certa distância da escola, encontramos, ainda, preocupações institucionais com relação a jovens, carta, amizade e escrita.

Tem sido realizado anualmente, em 1996 ocorreu o 25º Concurso Internacional de Composições para Jovens. É promovido pela União Postal Universal (UPU), organização sediada em Berna, Suíça, e tem como objetivo desenvolver a habilidade de composição dos jovens, contribuir para o estreitamento das relações de amizade internacionais e aprimorar a comunicação mediante a forma escrita. Visa, como participantes, alunos das escolas oficiais e/ou particulares, com

idade até 15 anos. Fazem parte do regulamento: apresentar o conteúdo em forma de carta e estar coerente com o tema determinado; estar o texto redigido de próprio punho; ser recente e inédito; ter o mínimo de quinhentos e o máximo de mil palavras; e ter o estilo da composição compatível com a idade e série que o autor frequenta; cartas datilografadas serão desclassificadas. Cercado de tantos regulamentos, destaca-se o tema do ano de 1996: "O prazer de escrever uma carta".

No meu modo de entender, a carta, como um objeto material que traz indícios de uma cultura, numa época, num meio – aquele em que as meninas estão inseridas –, consolida uma prática de escrita porque entremeia, penetra, faz o cotidiano e é dele constituída. Pode ser pensada como uma prática cultural pelas marcas, gestos, atitudes que os sujeitos nelas imprimem e deixam impressas, configurada a partir de competências, modelos, códigos, interesses socialmente construídos, revelada nos modos singulares de apropriação e expressão. Prática cultural que se revela no ato próprio das adolescentes de escrever cartas.

Na trajetória teórica de busca da compreensão do objeto-carta, tem sido fundamental o diálogo com estudos feitos por Bakhtin.

Na perspectiva do estudo da linguagem e por meio das cartas, diga-se, da análise de uma novela escrita na forma epistolar, Bakhtin (1981, p.179) busca os fundamentos da interlocução, nas relações dialógicas no discurso, na obra de Dostoiévski (1960, p.340-475). A novela é "Gente pobre".

> É própria da carta uma sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Como a réplica do diálogo, a carta se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta. Essa consideração do interlocutor ausente pode ser mais ou menos intensiva, sendo extremamente tensa em Dostoiévski.

A interlocução, nas relações dialógicas, é quando o outro entra no discurso, de um lado e do outro; aquele a quem se destina entra, entranha na escrita de quem escreve: é o lugar que ocupa a palavra

do outro no próprio discurso; nas entremargens, o diálogo com a cultura. É de Bakhtin também a afirmação de que existe um grupo especial de gêneros, entre esses as cartas, que, incorporadas ao romance, exercem um papel fundamental, podendo criar época não só na história do romance, mas também na da linguagem literária. Podem não só entrar no romance como elemento estrutural básico, como também determinar sua forma. A relevância é a afirmação de que, pela sua forma semântico-verbal, esses gêneros assimilam os diferentes aspectos da realidade, os diferentes aspectos da complexa realidade das relações humanas.

O gênero

A carta é um enunciado, assim como também o são uma palavra, uma oração, ou um texto. Segundo Bakhtin (2003, p.261), todos

> os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso esta efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Cada enunciado, tomado em separado, é sempre individual e irrepetível, mas na esfera (social) do uso da língua elaboram-se tipos relativamente estáveis ao que o autor denomina "gêneros do discurso". Os "gêneros do discurso" são tão ricos e diversos quanto as possibilidades da atividade humana. Em sua extrema heterogeneidade, orais e escritos, devemos incluir

> As breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função de seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia, **a carta** (com todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem

> desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes). (ibidem, p.262)

Tamanha diversidade dos gêneros leva-nos a pensar que poderia não haver um terreno comum para seu estudo. Mas, sem minimizar a heterogeneidade dos gêneros do discurso, Bakhtin aponta para a relevância da compreensão da diferença essencial entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo) – o primeiro constituído em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea; e o segundo constituído pelo romance, pelo teatro, pelo discurso científico, pelo discurso ideológico etc.

A diferença entre os gêneros está assim determinada: os secundários surgem em condições da comunicação cultural mais complexa, relativamente mais desenvolvida e organizada, principalmente escrita, absorvendo na sua formação os gêneros primários, reelaborando-os, fazendo-os aparecer na novela, no discurso científico etc. Nessa reelaboração, transformam-se, adquirindo um caráter especial: perdem sua relação mais imediata com a realidade e com os enunciados reais de outros participantes – sujeitos –, como o que acontece, por exemplo, com as réplicas de um diálogo cotidiano ou com as cartas. Reelaborados, transformam-se, fazendo surgir os gêneros secundários, que se identificam como acontecimentos artísticos ou científicos, e não como sucesso da vida cotidiana.

Compreender essa diferença consiste em compreender a natureza verbal linguística, buscando os elementos estáveis que se repetem, são comuns, mostram certa regularidade, definem; que identificam os gêneros.

Que elementos seriam esses nas cartas?

Com relação ao estudo dos gêneros, podemos pensar a carta como um gênero secundário porque ela, ao ser *escrita*, perde seu caráter

de comunicação espontânea que constitui o gênero primário. Como escrita, perde em expressão gestual e interativa e ganha na sua capacidade de autonomia e de distanciamento (Calvino, 1996).

A carta demanda um distanciamento entre os interlocutores que é espacial e temporal e demanda um distanciamento entre o autor e os acontecimentos a que a carta remete. Como *escrita,* sempre é um "sucesso", um acontecimento que remete a outros acontecimentos sobre os quais reflete. Na carta realizam-se projetos de dizer. Cartas podem ser pensadas como gênero primário, ao constituírem-se em matéria-prima para um romance, por exemplo.

Há que enfatizar a heterogeneidade dos gêneros discursivos, orais e escritos, e de modo algum se pode subestimar a dificuldade de definição da natureza (verbal, linguística) comum dos enunciados.

A diferença entre os gêneros primário e secundário não é funcional, mas é grande e de fundo, de fundamento. O autor propõe descobrir a natureza comum entre eles mediante a análise de ambos os tipos. Sob essa condição, a definição adequar-se-ia à natureza complicada e profunda do enunciado e abarcaria seus aspectos mais importantes. A correlação entre os gêneros primários e secundários, assim como o processo de sua formação histórica (dos gêneros) projetam luz sobre a natureza do enunciado e, sobretudo, sobre o complexo problema da relação mútua entre a linguagem e a ideologia ou visão de mundo.

Os enunciados são unidades reais da língua, efetivam-se nas formas orais e escritas; são unidades concretas e singulares e refletem as condições específicas de sua produção e o objeto de cada uma das esferas de uso da língua.

Refletindo as condições específicas de uma dada esfera, uma determinada obra, o enunciado faz parte dessa esfera, não só pelo seu conteúdo temático e por seu estilo verbal; antes de tudo, por sua composição ou estruturação. Ou seja, o conteúdo temático, o estilo e a composição são momentos, elementos, indissoluvelmente vinculados uns aos outros, na totalidade do enunciado, e determinam-se pela especificidade da esfera dada de uma comunicação. Quanto ao autor, este marca sua presença somente na totalidade da obra, não

estando, sequer em um só momento da totalidade, menos ainda no conteúdo, separado da totalidade. A sua presença é marcada na realização da obra, naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem de uma maneira indissolúvel, ou seja, no ato de realizar, de fazer (Bakhtin, 1985).

A compreensão da carta pessoal como gênero discursivo, nas suas complexas relações, foi o que me impulsionou ao estudo dos gêneros em Bakhtin. A busca dessa compreensão leva a aproximações quanto à natureza verbal, quanto ao fundamento que define a carta na sua natureza comunicativa e quanto à relação entre linguagem e visão de mundo. A pergunta aqui é: o que fundamenta a natureza comunicativa nas cartas?

Se a linguagem, como constitutiva da atividade essencialmente humana, conforme diz Bakhtin, participa da/na vida de seus falantes/interlocutores pelos enunciados concretos que a realizam (a linguagem), assim também a vida participa da/na linguagem por meio dos enunciados. Buscar compreender a natureza do enunciado é entranhar, penetrar no vínculo da linguagem com a vida. A carta particular, pessoal é um enunciado individual, que reflete condições específicas de uma dada esfera da atividade humana; neste caso, a esfera da vida cotidiana.

Neste trabalho, buscar, tentar compreender a natureza do enunciado escrito, na carta, é entranhar, penetrar, no vínculo da linguagem com a vida cotidiana das duas adolescentes, como sujeitos da escrita.

Nessa busca, foi imperativo que outra forma de ler o material fosse posta em ação. Não era mais possível trabalhar com todas as cartas. Ao repassar as cartas, ano a ano, voltei a atenção para algumas anotações feitas por mim, quando das primeiras leituras, quando havia marcado, quase intuitivamente: *ler detalhadamente, especial, rever*. A essas marcações retornei, o que gerou, em algumas passagens, a repetição de citações das cartas analisadas. Não posso afirmar, agora, o quanto a leitura deixou de ser intuitiva. Voltemos ao enunciado.

Exercício de aproximação entre enunciado e carta

O enunciado é o fragmento material na cadeia comunicativa, pode ser uma palavra, oração ou texto. Pode ser uma carta.

A função comunicativa da língua realiza-se na relação forçosa, obrigatória, entre o locutor e o outro, outros, participantes da comunicação. Toda compreensão de um discurso vivo, de um enunciado vivente, tem um caráter de resposta; toda comunicação é prenhe de resposta; às vezes essa acontece desde as primeiras palavras, outras vezes é uma ação retardada, outras, ainda, é uma resposta silenciosa.

Recuperando os insistentes duzentos e tantos (numericamente bem superiores aos das próprias cartas, porque ocorre aparecerem repetidas vezes numa mesma carta) *me responda, urgente, logo, ou assim que a chuva passar*, *escreva-me, vê se me escreve*, presentes nas cartas trocadas pelas adolescentes, daria para afirmar que a resposta, ou a espera de uma, faz da carta um enunciado.

Destacando as cartas de abril de 1991:

Cibele escreve seis cartas e um cartão de aniversário para Amanda. Escreve nos dias 1º, 9, 11, 18, 23 (cartão), 26 e 30.

Amanda escreve sete cartas para Cibele. Escreve nos dias 3, 8, 15(a), 15(b), 22(2), 26 e 30.

Pelas datas, fica difícil saber qual é resposta de qual. Fazendo uma leitura carta a carta, é possível localizar, em várias passagens, respostas aos assuntos abordados, outras vezes, continuação do assunto. De qualquer modo, podem ser identificadas algumas fronteiras, nesse caso, externas, que podem ser indicativas da alternância dos sujeitos da fala, no caso, sujeitos que escrevem.

A alternância dos sujeitos da fala é um dos traços, ou particularidades, constitutivos do enunciado, que o distingue das unidades da língua e que determina uma posição ativa do locutor e do(s) outro(s) participante(s) da comunicação verbal. Outras particularidades são a conclusividade e a atitude do locutor manifesta no enunciado.

Algumas passagens das cartas de abril de 1991 são ilustrativas:

As aulas estão como sempre, fiz provas de Mateca, Geo, História, *Mateca como sempre eu tirei C... as outras duas eu não sei. (Isso é segredo de estado).* (C. 1.4.1991)

Cibele, eu também já fiz um montão de provas, e fiquei com ótimas notas (ainda bem), só que a conversa não para (continua a mesma). (A. 3.4.1991)

E a escola?? Está indo bem? Por aqui fiz prova de Geografia e a minha nota foi a mais alta, B (C. 9.4.1991). *Você me escreveu que não para de conversar e que continua a mesma, eu este ano estou tirando o atraso da conversa e da risada... as únicas aulas que há silêncio são Geografia e Matemática como sempre porque o resto...* (C. 9.4.1991)

A escola está ótima, eu já fiz um monte de prova, aí vão as minhas notas: Geo 2 As, Mateca A, Hist B, Desenho B, Português A (isso é milagre, A em Português), E. A. B, O. S. P. B. A, Inglês B... como você vê por enquanto eu estou bem, só que agora eu estou estudando um negócio em Ciências que está muito difícil, e tem prova 3ª feira... (A. 15.4.91). Cibele, aqui a gente só não faz bagunça na aula de História e Mateca, porque o resto a gente não perdoa! (A. 15.4.1991)

Falando em professora [o assunto anterior era a professorinha da novela] nós aqui estamos levando tudo numa boa enquanto os professores morrem de pedir silêncio, você já deve imaginar como é né uma "zoeira" só, já era de esperar. (C. 18.4.1991)

Eu estou no maior dos tédio, pois amanhã tem prova de História, e pode-se dizer que eu não sei nada... e também não estou me esforçando pra saber, pois eu não estou com a mínima vontade de estudar!!! Ontem teve prova de Ciências, e sabe quantas provas ela deu??? 3, isso mesmo que você leu, ela deu 3 provas em um dia... Pelo que deu para perceber a escola aqui está uma porcaria, como sempre, no começo do ano é uma delícia, agora no meio, vou te contar dá pra enjoar... (A. 22.4.1991)

Tive provas alguns dias, 3 trabalhos para entregar em 1 semana, ensaios, provas no "Prelúdio",[16] *mas me saí bem de tudo. Nas provas de Música tirei em instrumento 8,5, teoria 7,5 e solfejo 8,5, os trabalhos estão entre A e B uma correria só [...]* (C. 26.4.1991). *Tenho traba-*

16 "Prelúdio" é a escola de música.

lhado demais na formatura [é tesoureira e faz parte do grupo que arma "barraco" para vender salgadinho para arrecadar dinheiro], na escola, na igreja... em todos os lugares, mas trabalhei, estudei, "fiz que fiz" e consegui ficar sem média em Matemática, mas não tem importância, eu recupero. Mas quem é que aguenta um monte de coisa, afinal ninguém é de ferro... (C. 30.4.1991)

Eu tenho prova de Português amanhã e ainda não estudei, pra você ter uma ideia já está passando "Barriga de Aluguel". (A. 30.4.1991)

Nas passagens aqui transcritas, por mim destacadas, somente pelo "tema" (ou seria porque acontecimentos escolares sejam o "tema"?) fica mais difícil delimitar fronteiras entre os sujeitos da fala. É como se uma, a locutora, deixasse propositalmente, intencionalmente, um "tema" inacabado para que a outra, a destinatária, pudesse dar continuidade.

Rastreando algumas passagens, poderíamos localizar algumas respostas; melhor dizendo, a contestação da outra, na forma de continuação de um assunto. Por exemplo:

eu fiz prova de ... Mateca como sempre eu tirei C (C. 1.4) *eu também fiz um montão de provas ... fiquei com ótimas notas ... só que a conversa não para ... continua a mesma* (A. 3.4) *a minha nota mais alta foi B ... Você escreveu que não para de conversar e que continua a mesma ... eu estou tirando o atraso da conversa ... as únicas aulas que há silêncio são ... porque o resto* (C. 9.4) *aí vão as minhas notas ... aqui a gente só não faz bagunça na aula de ... porque o resto a gente não perdoa.* (A. 15.4)

Em duas outras passagens, Amanda comenta que está "no maior dos tédios" porque tem prova, porque não sabe nada, e nem está se esforçando, nem com vontade de estudar, além das três provas de Ciências em um dia... o que faz a escola uma porcaria, "dá pra enjoar" (A. 22.4). Logo em seguida, vem a resposta de Cibele, contando que teve provas alguns dias, três trabalhos para entregar em uma semana e provas no "Prelúdio", mas saiu-se bem em tudo: 8,5 em instrumento, 7,5 em teoria, e nos trabalhos, entre A e B (C. 26.4).

Nessas passagens, como em outras, localizadas em outras cartas, a troca revela-se mais sutil: enquanto uma está no maior dos tédios, a outra se saiu bem em tudo. Inclusive nas provas de Música, no "Prelúdio". Ficar sem média em Matemática não tem tanta importância, recupera e com um monte de coisas para fazer... ninguém é de ferro (C. 30.4).

Em duas outras passagens, referindo-se à idade, nas cartas de abril de 1991, a alternância dos sujeitos revela-se de um modo um pouco mais claro, talvez pela maneira como a interlocutora foi inquirida.

> *Cibele, esse mês eu vou ficar com 13 anos (não se esqueça, he, he, he...), me conte como é ficar com 13 anos, apesar de que você já está com quase 14, né??? (me avise quando os cabelos brancos aparecerem, tá?)* (A. 8.4.1991)

A carta traz um adesivo no qual se lê: "*Amar é... ... o despertar do coração*".

> *Mudando de assunto ficar com 13 anos é legal mas uma idade "meio azarada" é a idade em que você está entrando na adolescência e acaba se tornando um intermediário entre a adolescência e a infância é a "aborrecência" tudo o que tem de ruim para acontecer acontece, é o ano da casa número 8 o ano inteiro você está no seu inferno astral, enfim... como diz a filosofia oriental tudo na vida você pode tirar proveito. Quanto aos cabelos brancos pode ficar sossegada só aparecem mais tarde a não ser que você derrube uma lata de tinta branca na cabeça...* (C. 11.4.1991)

Os trechos sinalizados, de fato, são chamamentos à resposta, são finalizações para que o outro entre na comunicação. (Ou talvez porque fazer 13 anos mexa com o coração e com a cabeça.) São fronteiras que indicam a alternância dos sujeitos, que delimitam o enunciado; delimitam porque carregam a possibilidade de serem contestados, carregando a possibilidade de um encadeamento de enunciados.

No dia do próprio aniversário, Amanda escreve para Cibele, já respondendo ao cartão de cumprimentos que esta havia lhe enviado. É uma carta cheia de cores, dois papéis diferentes, decorados, o envelope também, e, no canto superior direito de um deles, Amanda escreve: "*Eu adoro este papel de carta, por isso estou te mandando, não sei se você vai gostar!!!*" (A. 24.4).

No final de uma das quatro páginas escritas, cola um adesivo que mostra um pacote de presente descendo por uma corda com uma etiqueta de FELIZ ANIVERSÁRIO. Do lado, uma flechinha e o aviso: "*Tem um pouco a ver com a data de hoje*" (A. 26.4.1991). Interessante notar que, exatamente no mesmo dia, Cibele posta uma carta para Amanda, em que cola um adesivo que tem a Minie com três pacotes de presente, com o olhar que se cruza com o olhar da leitora-destinatária, como que traçando uma linha abstrata, e do lado vem a "*observação: pena que não deu para mandar nenhum presente. Se contente com os pacotes*" (C. 26.4.1991).

Adesivos são detalhes, enfeitam, dão colorido. Entram na "construção material" da carta e entram na composição do tema. Merecem ser lidos como "texto" e não como ilustração ou decoração. Falam diretamente ao outro porque são "imagem", texto-imagem...

Um outro detalhe também é notado quando se põe atenção ao envelope; no lugar destinado ao endereço da remetente vem escrito: "*me escreva urgente*" (A. 3.4.1991) "*me escreva urgente*" (A. 8.4.1991) "*me escreva urgente*" (C. 11.4.1991). De fato, é apenas um detalhe, que foi escrito por uma, escrito novamente, e logo veio a resposta da outra. A resposta, ou a imitação de gesto pela outra, é um detalhe que pode ser indicativo do encadeamento na comunicação e pode ser indicativo de que a leitura de uma carta pode ir além do assunto escrito; a carta é também o suporte que a materializa.

Penso que poderia confirmar, com Bakhtin (1985), o enunciado como um elo numa cadeia muito complexamente organizada junto com outros enunciados. É um elo porque há um enunciado *antes* e há um enunciado *depois*.

Buscando aprofundar um pouco mais a noção de enunciado, mais uma vez, faz-se necessário um recorte. Trago aqui uma carta.

No dia 21.8.1992, Cibele escreve

uma carta que é uma confissão porque com você eu posso me abrir sossegada.

Traz o relato de um acontecimento que pode ocorrer com qualquer jovem de 15 anos de idade, que estuda, ensina, gosta de dançar, namora, diverte-se, passeia no "shopping", tem alguns segredos para com a mãe, tem amiga. Mas, no dizer dela, é uma carta que é uma confissão.

De fato, é uma das cartas mais longas, com 99 linhas só no corpo da carta, sem contar a data, a quem se dirige, a despedida com "*saudade, beijos, abraços... ...Cibele*", um pensamento, as "*observações I e II* e *Tchau!!*".

Supondo ser um enunciado, o relato do acontecimento, feito quase que de um "fôlego" só, numa entrega de si ao assunto, podemos pensar em três enunciados (lidos nos parágrafos) *antes* desse trecho que ocupa a maior parte da carta. Num primeiro parágrafo, ela fala da carta que recebeu depois que chegou do colégio, mas antes de ir ao "Prelúdio", na qual Amanda comenta sobre um antigo trabalho feito pelo grupo de que as duas faziam parte e que ela, Cibele, leu e também chorou. *Mas*, escreve ela,

depois dessas lágrimas é que eu fui ver que depois de tudo a nossa amizade ainda continua viva, nem que seja no fundo do baú...

No segundo parágrafo escreve:

pelo que me contou sua vida anda meio agitada, mas não é só a sua; eu também estou cheia de coisas; aulas no colégio; aulas de música; casamento; recepções; almoços e mil e uma coisas e a minha sagrada yoga.

No terceiro parágrafo,

falando em colégio as minhas notas estão estáveis e pelo que me contou estamos tendo a mesma matéria de Física; mas a minha professora não dá tantos exercícios assim.

Após o relato do acontecimento, outros enunciados, o penúltimo parágrafo,

mudando de assunto, hoje passando em frente ao "Carlos Gomes" eu lembrei quando nós entramos lá pensando que era o M. A. C. C. e depois encontramos a Leonarda e a Deyse você lembra??

E o último:

falando em Leonarda você tem tido notícias dela; porque faz séculos que eu não vejo ela. Hoje eu corri tanto, acordei [...]

E conclui a carta em poucas linhas mais (C. 21.8.1992).

Para além da organização em parágrafos, como enunciado que está <u>antes</u>, que vem antes de uma confissão, de um assunto confidencial, está a lembrança, está o choro, lágrimas e também "*ver que nossa amizade ainda continua viva*"; está também a lembrança da entrada por engano no "Carlos Gomes", pensando que era o M. A. C. C. quando encontraram outras duas conhecidas.

Essas passagens, que fazem a própria carta, remetem a outros momentos em que estiveram juntas e remetem a outros temas: da amizade, da saudade, do relembrar a amizade, do estreitamento de laços. Remetem a enunciados que são, cada um deles, elos numa cadeia comunicativa. Remetem a uma temporalidade que não é a do carimbo do Correio, uma vez que, no momento presente em que a escrita é feita, estão colocadas algumas relações complexas que encadeiam elos comunicativos jogados para o passado e para o futuro.

E o elo que vem *depois*, qual seria?

Amanda, eu não quero que você conte para [...]. Amanda, peço-te mais uma vez isso nasceu aqui e morre aqui; porque eu não quero

magoar mais [...]. Essa carta está sendo uma confissão porque com você eu posso me abrir sossegada.

Nas três passagens referidas, fica o cuidado com assunto tão delicado que é revelado para alguém com quem se estabeleceu, *antes*, uma relação de confiança.

À medida que os elos, com maior ou menor clareza, vão sendo estabelecidos, outra particularidade do enunciado se vai delineando: a conclusividade, que implica uma conclusividade da forma linguística e a capacidade de esgotamento do sentido do objeto do enunciado, o que envolve ter no horizonte a resposta do outro.

No caso da carta-confissão, poder-se-ia pensar como resposta o fato de que, nas cartas subsequentes, Amanda se refere a umas "*TROPEÇADINHAS*" que a amiga deu, "*mas tudo bem, afinal ERRAR é humano...*".

Poder-se-ia pensar que o assunto se vai esgotando, porque as respostas, ou as referências a ele, vão se tornando mais "frágeis". Se prendêssemos nossa atenção somente ao assunto, correríamos o risco de vê-lo, de fato, esgotar-se. No entanto, há ainda as maiúsculas... as aspas... provavelmente "outras" possibilidades de resposta, outras possibilidades de sentido a serem buscadas numa troca de cartas. Essa carta também é a primeira de uma longa série em que entra uma "terceira" correspondente – Cleusa –, que escreve junto com Amanda. Mas essa é outra história.

Do lado de Cibele, o assunto sobre ficar (ou não) com alguém continua, é motivo para muitas outras cartas, por duas vezes mais pede sigilo, mas sem a ênfase daquela primeira vez. O pensamento escrito no final da carta "Tudo foi dito apesar de não ter sido dito nada" pode ser uma pista que Cibele nos aponta, abrindo possibilidade para o sentido de que tudo possa ser dito, sem dizer nada. Mesmo quando a carta é uma confissão.

Do lado da pesquisadora, o movimento de buscar compreender essa inter-relação entre o antes e o depois, em uma determinada carta, é mais um elemento a ser pensado, na relação mais ampla de uma amizade que se concretiza (também) na escrita.

Da discussão da carta como gênero discursivo (Bakhtin, 1985); do enunciado como unidade real e material da língua, tendo no horizonte a sua natureza comunicativa, dialógica, retomo dois pontos: a alternância dos sujeitos e o lugar do tema nas cartas.

A alternância dos sujeitos discursivos é clara no diálogo real; na obra cultural, elaborada de forma mais complexa (científica, artística etc.), a natureza dos limites da fala dos sujeitos é a mesma do diálogo real, mas não tem a mesma clareza que neste. Nas cartas, como vimos, às vezes é mais clara, às vezes menos clara, exigindo que se busquem outros marcadores para estabelecer tais limites. Nas três situações, de forma mais ou menos clara, há demarcação das fronteiras, que são externas, da alternância dos sujeitos que falam.

Nas obras científicas, artísticas, a alternância dos sujeitos discursivos adquire um especial caráter interno dado pelo autor da obra, que manifesta sua individualidade mediante o estilo e a visão de mundo, em todos os momentos intencionais da obra. Nessas obras são criadas fronteiras internas, específicas, que as diferenciam de outras relacionadas dentro de uma esfera cultural; diferenciam-nas das obras anteriores, de uma mesma escola, orientadas para resposta do outro etc.

O tratamento do tema, ou seja, a capacidade de esgotamento do sentido do objeto do enunciado, é, no entanto, muito diferente nas diversas esferas da comunicação discursiva.

Objetivamente, o sentido de um objeto é inesgotável. Pode ser quase completo em algumas esferas cotidianas (perguntas e respostas de caráter fático, súplica, ordem), em certas esferas oficiais militares, industriais, ou seja, ali onde os gêneros discursivos têm um caráter padronizado e onde está ausente o momento criativo quase por completo. Nas esferas de criação, sobretudo a científica, só é possível um relativo esgotamento de sentido, adquirindo um caráter relativamente concluído em determinadas condições, pelo enfoque dado pelo autor, num material dado, nos propósitos que busca alcançar. O esgotamento, o modo de tratamento do tema, está vinculado à intenção do autor.

Nessas cartas, o tratamento dado ao tema pelas autoras adolescentes merece atenção especial. A análise de uma carta revela uma sequência de temas variados que, na passagem de um para outro, vão sendo interrompidos, sem que o anterior tenha sido tratado "exaustivamente". A carta vai sendo composta por vários temas que vão sendo iniciados e, às vezes, tratados um pouco mais longamente; porém, quase sempre, são tratados rapidamente, de modo superficial. Pode-se dizer que esse "fracionamento", essa forma de tratar um tema, define uma característica fundamental da carta: ser *multitemática*.

A definição dessa característica – *ser multitemática* – que é constitutiva da carta pode contribuir para a compreensão da natureza comunicativa da linguagem, nesse caso, escrita.

Na particularidade do objeto – carta –, a autora aguarda resposta da destinatária para compor o tratamento de um tema, podendo levar tal tratamento quase ao infinito, pelas quase infinitas possibilidades de combinações, pela alternância dos sujeitos discursivos, pelo deslocamento dos papéis dos sujeitos ora autor/locutor, ora destinatário/leitor, criando uma situação de interlocução que é concreta, única e intencional.

Do enunciado, como elo na cadeia da comunicação verbal, que implica uma postura ativa do locutor dentro de uma ou outra esfera de objetos e sentidos, retornamos ao terceiro traço constitutivo do enunciado, que é a atitude do locutor que marca o enunciado, o próprio autor, e outros participantes na comunicação discursiva (Bakhtin, 1985). Como atitude, define-se pelo compromisso (ou intenção, é intencional) que adota um sujeito discursivo (o autor, o locutor, o que escreve a carta) para com seu destinatário (o apreciador, o leitor, o que lê a carta). Na atitude, pode ser lida a seleção dos recursos linguísticos[17] de que se utiliza o autor, o que escreve a

17 Sobre os recursos linguísticos a que recorrem as duas correspondentes, caberia um capítulo à parte, com um levantamento mais detalhado. A registrar: é frequente o uso de gírias; no entanto, quase sempre vêm entre aspas; há explicação de vocábulos quando estes não são muito usuais; há adendos postos entre parênteses quando, no correr da caneta e do assunto, não têm certeza da

carta. Esse é o primeiro aspecto do enunciado que fixa seus detalhes específicos de composição e estilo.

O segundo aspecto do enunciado, que determina sua composição e estilo, é o momento expressivo, uma atitude subjetiva e valorativa, desde o ponto de vista emocional do locutor, o que escreve a carta, tendo no horizonte o conteúdo semântico de seu próprio enunciado. Do momento expressivo é elemento constituinte a entonação representada, na escrita, pelo uso das aspas, da vírgula, dos pontos de exclamação e interrogação em abundância, de outros sinais ortográficos. Sinais que estão muito bem marcados nas cartas de Cibele e Amanda.

O autor de uma obra, de uma carta marca sua presença somente na totalidade da obra: não está apenas em um único momento da totalidade, menos ainda no conteúdo separado da totalidade. Ele está presente naquele momento inseparável no qual o conteúdo e a forma se fundem de uma maneira indissolúvel e, mais que tudo, percebemos sua presença na forma, nos recursos linguísticos, na intenção, nos procedimentos, na intencionalidade quando busca o outro. Na busca da outra, destinatária, nas cartas ora analisadas.

Ao assumir que o enunciado é o fragmento material que interliga, como uma correia de transmissão, história da sociedade e história da língua, refletindo as condições específicas de uma dada esfera do uso da língua; que o enunciado não está dirigido unicamente ao seu objeto, mas também aos discursos alheios contemplados no enunciado mesmo, o que o põe, insere-o na cultura; que o enunciado tem como propriedade fundamental *o estar destinado a* e, portanto, tem autor e destinatário, que determinam a composição e o estilo, sendo o destinatário percebido e imaginado pelo autor e sobre esse exercendo influência – ao assumir todas essas evidências, a reflexão da carta como objeto cultural pode nos

---

ortografia correta ao escrever uma palavra; quando se certificam do erro, riscam sobre a palavra para ficar completamente ilegível etc. A meu ver, tais soluções dadas indicam, de um lado, uma preocupação com a linguagem formal; de outro, mostram as dúvidas e mostram que estas não constituem absolutamente empecilho para o deslanchar da escrita.

dar pistas para a reflexão da escrita (e também da leitura) como prática cultural e, nela, a constituição do sujeito que escreve.

No movimento da leitura do conjunto das cartas, não há como escapar de passagens singulares, únicas, momentos de interlocução que se definem, também, pelo caráter de escrita íntima, com matizes de estilo que revelam intimidade entre autora e destinatária, compenetrada de uma profunda confiança que foi sendo estabelecida ao longo de uma amizade. Segundo Bakhtin, o discurso íntimo está compenetrado de uma profunda confiança em direção ao destinatário, seu consentimento, a delicadeza e a boa e fortemente marcada intenção de sua resposta. Nessa atmosfera de profunda confiança, o locutor abre suas profundezas internas. Não estou segura para falar das profundezas internas, mas segura de que, nesse processo todo, aproximamo-nos de duas adolescentes que escrevem e deixam marcada uma relação de amizade. Marcam uma relação de amizade na escrita... poderíamos falar em amizade pela escrita?

Resguardando as diferenças quanto aos motivos de quando as cartas foram escritas e os motivos de agora, quando são analisadas, há que levar em conta, há que considerar o ato único que é escrever uma carta.

Figura 3 – Cartas de Amanda e Cibele, escritas entre 1990 e 1996: envelopes.
Fonte: acervo pessoal da autora.
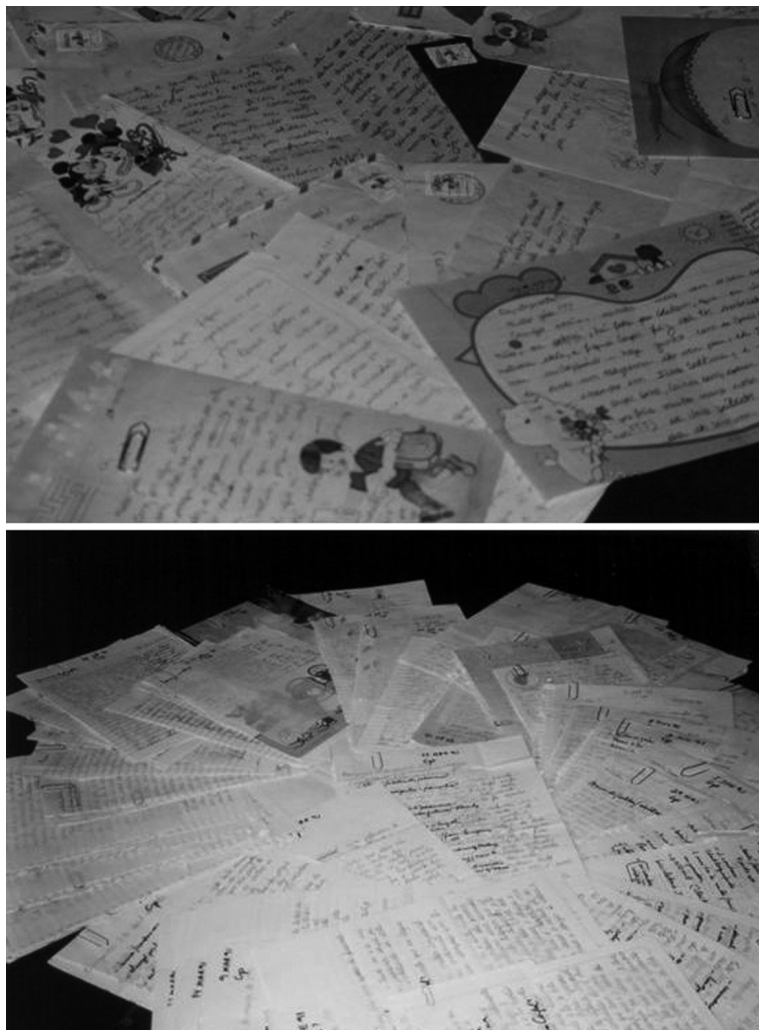
Figura 4 – Cartas de Amanda e Cibele, escritas entre 1990 e 1996: textos.
Fonte: acervo pessoal da autora.
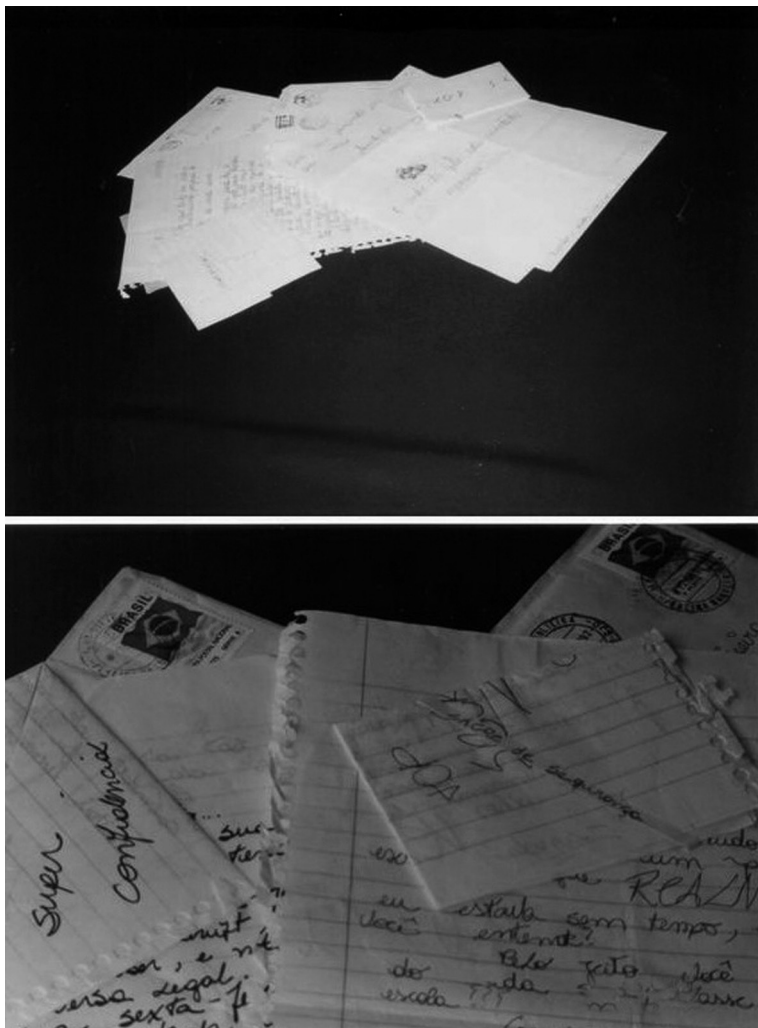
Figura 5 – Cartas de Amanda e Cibele, escritas entre 1990 e 1996: particularidades.
Fonte: acervo pessoal da autora

3
O ATO DE ESCREVER CARTA

No sólo por ello le escribiré a partir de ahora unas cartas breves (en contrapartida, los domingos tendrán una extensión voluptuosamente ingente), sino también por el hecho de que hasta mi último aliento quiero entregarme a mi novela, que en definitiva también le pertenece a usted o, mejor dicho, que debe conferirle de lo bueno que hay en mí una mejor imagen de lo pudieran hacer las palabras meramente indicativas de las más extensas cartas de la más larga vida.

(Carta de Kafka a Felice, 11.9.1912)

Pois, Carlos, que coisa estupenda! quando eu lia os trechos de cartas minhas que você citava, era maravilhoso: eu me lembrava! Eu me lembrava, sim, seu Carlos, e de que maneira! Não era só lembrar as ideias, os raciocínios, essas coisas mais ou menos lógicas era natural que eu me lembrasse. Eu me lembrava era de ilogismos, de exclamações, de ideias laterais, de parênteses. Eu me lembrava mais: lembrava dos momentos em que escrevera aquilo, as sensações se repetiam quase integrais nos trechos mais longos, hora, estado físico,

momentos circundantes do em que eu escrevera aquilo! Está claro que isso é o que mais me absolve das minhas cartas. Foram escritas com tamanho amor, tamanha integração, tão decisórias como esses momentos raros que a gente nunca esquece na vida. Não vou tirar disso a ilação generalizada de que todas as minhas cartas tivessem em mim essa integralidade toda, essa dádiva sublime de amigo das que escrevo a você, ao Manu, a poucos mais. Deve haver por aí muita carta minha que não passa de... poema de circunstância, eu sei. Mas também serão as que não têm interesse maior que os duzentos réis do cafezinho de passagem.

(Trecho de uma carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 16.3.1944)

As cartas *publicadas* escritas por Mário de Andrade, por exemplo, as primeiras em 1922 e as últimas em 1945, ano de sua morte, sobressaem pela quantidade e pela quase "inesgotabilidade", vez por outra surgindo uma "inédita". Há que considerar, também, os motivos que levaram as tantas cartas a serem dadas a público, publicadas, apresentadas e prefaciadas, algumas, pelos próprios destinatários das cartas. Uns e outros, sujeitos da escrita, marcando os *lugares sociais* de onde escrevem. A delimitação de Mário de Andrade quanto ao lugar social pode ser rastreada nas apresentações, nos prefácios, nos motivos (de outros) que levaram à publicação. Mas que motivos, interesses, necessidades teriam levado Mário de Andrade a escrever tantas cartas? Quem é esse sujeito que escreve tantas cartas? Além dos lugares sociais definidos pelos seus interlocutores – e, claro, pela sua obra enquanto intelectual e literato –, que lugar social ocuparia como "escrevinhador" de cartas?

Algumas pistas podem ser pensadas a partir do trecho escolhido como epígrafe deste capítulo, em que ele próprio *se lembra* como autor das cartas; e *se lembra* não das ideias ou dos raciocínios que são lógicos (e por isso se lembra), mas das sensações quase integrais, da hora, do estado físico, dos momentos circundantes. Cartas escritas

com amor, com integração, decisórias... Poderiam tais elementos ser considerados, quando se busca uma compreensão do ato de escrever? Vale lembrar que essas são escritas para destinatários especiais, segundo ele próprio.

Aos motivos anteriores, "inesgotabilidade", definição do lugar social de onde se fala, de onde se escreve, junta-se um outro: *é o sujeito falando de sua própria ação de escrever (cartas) e dos tantos elementos que a envolvem, que nela penetram, que a fazem*. A leitura das cartas publicadas de Mário de Andrade tem estado presente, direta ou indiretamente, em vários momentos deste trabalho, desde a concepção.

As cartas de Mário de Andrade também são material privilegiado como referência ao período histórico, as primeiras em 1922 e as últimas em 1945; alguns apresentadores fazem referências ao período – conturbado – do entreguerras, a tomadas de posição e implicações. Mário de Andrade, ele próprio, na carta de 20.4.1942 que escreve a Manuel Bandeira (Andrade, 2000), analisando escritos seus que estavam sendo encaminhados para publicação, escreve dois parágrafos que chamam a atenção: um refere-se ao ano de 1924, quando *se escrevia* com espírito *de combate* num tempo de paz; e o outro, atual – refere-se ao ano de 1942 –, enquanto ocorria a Segunda Grande Guerra. Nessa carta, análise e revisão, diz ele, "é estranho: principiei esta carta em estado simples mas agora me sinto num tal ou qual estado de tristeza...".

De qualquer modo, há uma diferença, que se detecta entre as cartas dos anos 1920 e as dos anos 1940, a ser analisada mais cuidadosamente. De qualquer modo, ler a carta referida acima "acalma" um pouco a sensação incômoda que fica quando se leem as escritas para Carlos Drummond de Andrade (Andrade, 1988): as primeiras, plenas de entusiasmo; as últimas, plenas de melancolia, estado de fadiga e tensão intelectual, obsessões criativas que "não raro me amarga[m] bem".

Escrevendo sobre cartas, nas próprias cartas, melhor lê-las.

A minha correspondência é enorme. E não deixo nada sem resposta. Isso me obriga a uma síntese que feita rapidamente ao correr da pena nunca pode sair perfeita. Não esclareço bem o meu pensamento e o que é pior muitas vezes não digo tudo o que deveria dizer. Isso é mau ou seria se eu tivesse a pretensão de dar valor ao meu pensamento. Não sei se é bom, se é mau. Não tenho tempo pra ter pretensões. É bom por outro lado, porque traz discussões, resposta e eu tenho um fraco pelas cartas. Mas vamos à sua. (Carta a C. D. de Andrade, 1924). (Andrade, 1988)

Meu Deus! não falei do seu livro e preciso acabar! Isto não é pretesto pra não dizer. Não quis lhe dizer antes o que pensava dele, por altivez. Tinha de ser julgado nas poesias, publicamente, e ficava muito pau pra mim estar te agradandinho por cartas subterrâneas. Seu livro é ótimo. (Carta a Álvaro Lins, 14.3.1942). (Andrade, 1983d)

Tem paciencia. Lê estas linhas com um sorriso de bondade. Desculpa-me o incomodo. Estou admirado. Mas não tenho nada, nada a te dizer. No entanto, ao começar esta carta meu coração estava cheio de cartas longas para ti. Foi ilusão. É que eu queria dizer-te que estou triste. E a tristeza enche como si fosse muita coisa. É tão grande! Bom, começo a divagar. Esta carta está horrível. Vai sem virgula acrescentada. Sou eu. (Carta a Manuel Bandeira, 1922-1924). (Andrade, 1966)

Você se retraiu por "suas" razões. Eu me retrai por "minhas" razões. Pouco importa se desrazões. Mas eu nunca deixei de lhe responder a uma carta, quem me deve carta é você. Não terá importância ainda. Sempre de vez em quando lá vinha um telefonema de camaradagem, mas que isso, eu juro, eu sempre sube interpretar como um sentimento mais profundo que camaradagem da sua parte: onde sube ver a dificuldade de retomar uma correspondência depois do trompaço vital de um casamento, a felicidade justa de um amor realizado, a mudança de cidade, de estilo de vida, a aquisição de um ofício e a transformação de função. Tanto na vida como na arte. Agora você não era mais o escritorzinho dos grilos, mas tinha uma MARCA que na minha opinião firme é uma obra-prima.

> Tínhamos, não que continuar uma correspondência, o passado não tinha sentido mais diante da realidade. Tínhamos que começar uma correspondência. (Carta a Fernando Sabino, 3.12.1944). (Andrade, 1981a)

Há também referências a cartas em outros escritos: em setembro de 1930, escreve sobre um *Secretário de cartas familiares*, um livrinho que ignorava possuir e que havia encontrado em sua biblioteca; em setembro de 1932, o "Folclore da Constituição (XI)" é sobre "As cartas" que os soldados escrevem; em 1944, no artigo "Fazer a História", invoca a correspondência como uma das fontes que um dia permitiriam escrever a História do Modernismo (Andrade, 1989a).

E, para terminar,

> resta falar do que ajuntei e ganhei por mim. Minhas cartas. Toda a minha correspondência, sem excepção, eu deixo para a Academia Paulista de Letras. Deve ser fechada e lacrada pela família e entregue para só poder ser aberta e examinada 50 (cinquenta) anos depois da minha morte. (Alvarenga, 1974)

Esse é um trecho da Carta-testamento escrita por Mário de Andrade, em 22.4.1944, ao seu irmão Carlos. Referia-se às cartas que ele havia recebido; o assunto, tratado numa carta-testamento, penso que dá uma dimensão do que as cartas significavam para ele.

Essa condição de ter lugares sociais demarcados, de ter escrito tantas cartas que, quando foram escritas, eram de sujeito para sujeito, pode ser um caminho que sensibilize para outras tantas, inesgotáveis, incontáveis cartas que circulam anualmente pelos Correios.[1]

---

1 Foram feitas tentativas de levantamento de dados numéricos de circulação de cartas nos Correios. Algumas informações conseguidas, mesmo que precárias, deixo-as registradas ao longo do trabalho. Em 1944 – ano da carta de M. de Andrade citada como epígrafe –, na agência dos Correios na cidade de Campinas, os números registrados são: correspondência postada, 10.009.401;

São cartas que não serão publicadas, diga-se, não serão editadas, e constituem-se num material concreto de registro histórico de histórias de sujeitos e de história da escrita.

Entre as cartas que circulam pelos Correios, encontram-se as 222 escritas por Amanda e Cibele. São cartas que, uma a uma, de um lado e de outro, vão tecendo uma rede de correspondência, verdadeira tessitura de escrita.

Nessa tessitura, vão sendo registradas experiências adolescentes vividas, algumas vezes na forma de uma linguagem mais explícita, outras vezes com o recurso a códigos, partilhando segredos, pondo em ação uma cumplicidade que traz a outra para perto de si, compartilhando, estreitando laços. Desses laços fazem parte também a saudade e a emoção.

Rede de cartas, rede de escrita

No início eram duas amigas, Cibele e Amanda, 12 e 13 anos de idade, moravam duas quadras distantes uma da outra, estudavam na mesma classe, sétima série, escola pública, até que uma delas se mudou de cidade, indo para uma até então desconhecida, acompanhando a família; o pai trabalhava num banco, ela mudou de escola, ficou sem amigos, sem a amiga. (Outro início poderia ser demarcado na mudança *para* Campinas, alguns anos antes.)

A mudança de cidade, de fato, é um motivo bastante razoável para começar uma troca de cartas. Há que lembrar que não havia

---

correspondência distribuída, 5.480.314; e correspondência em trânsito, 57.673. Fonte: Jornal *Correio Popular*, 9.8.1955. A observar: dos dados numéricos em mãos, quanto à circulação, apenas nos relatórios de 1972 e 1973 estão especificadas; quanto à natureza, cartas e cartões (495,2 e 542,1/milhões, respectivamente), impressos (89,1 e 85,5/milhões). Antes disso, essa especificação não foi encontrada e, a partir de 1980, estão juntos: cartas, impressos, cartões-postais, encomendas postais, aerogramas etc. Fonte: Relatório da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Fornecido pela Biblioteca do Museu Postal e Telegráfico de Brasília.

telefone na casa, em Cafelândia, na primeira mudança no período, o que não impediu a ligação a cobrar; no entanto,

> *se começo a me empolgar, já viu, fico duas horas e aí nossas cartas não vão ter mais graça, pois as novidades vão ser contadas por telefone, né? (mas eu ligo sim, mas só com duas fichas, porque ao invés de falar duas horas eu falo apenas dois minutos).* (A. 19.2.1991)

Outro motivo que rendeu cartas foi a televisão, que, em Cafelândia, não sintonizava o canal da novela de Ana Raio e Zé Trovão, o que fazia a carta da amiga esperada para saber o que estava acontecendo. Essa novela rendeu várias cartas! Às vezes, uma pequena parte da carta, poucas linhas, outras vezes, meia página. Era feito um resumo da semana, começando com

> *agora vá pegar o seu saquinho de pipoca para as novidades da novela.* (C. 15.2.1991)
> *agora vá lá no armário e pegue um pacote de drops porque a sessão telenovela vem aí.* (C. 28.2.1991)
> *pegue seu guarda-chuva que vem aí a sessão tempestade com raios e trovões.* (C. 14.3.1991)

E, ao final da carta,

> *novidades só na semana que vem. Se você for boa menina e me responder as cartas é claro.* (C. 9.3.1991)

O mesmo procedimento usado para contar a novela – contar um pouco de cada vez, menos pelo suspense, porque ela também não sabe o que vai acontecer na próxima semana, ainda vai passar na televisão – é usado para fazer as perguntas sobre a casa, a cidade, a escola, a turma, perguntas que vão sendo feitas, carta a carta. Assim,

> *a casa aí é muito grande? Vocês estão entrando pelas janelas pensando que são portas?* (C. 5.2.1991)

Já deu para conhecer bem Cafelândia? E vocês vão pular muito carnaval aí? Espero que se divirtam, pois parece que o carnaval de Cafelândia é muito animado. (C. 8.2.1991)

Começaram as aulas. Acabei de receber sua carta. Será que a turma do seu colégio aí é legal? (C. 15.2.1991)

E a sua escola é comportada? Espero que sim porque a nossa tá barra... (C. 28.2.1991)

E a papelada do balé e do inglês estão correndo direitinho? E sua mãe vai bem? (C. 9.3.1991)

Perguntas continuam a ser feitas, gerando bons motivos para uma carta ser escrita e outra ser respondida.

A estratégia parece funcionar porque

faz 5 minutos que eu recebi a sua carta, e já estou escrevendo outra para você. (Eu respondo mais urgente que você). E aí, Cibele, gostou da(s) minha(s) carta(s)? Você foi buscar a outra no Franklin? Você acredita que você foi a única pessoa que respondeu as minhas cartas? Eu escrevi carta pra todo mundo... (A. 8.2.1991)

Além do aqui descrito, seria a correspondência mantida porque

imagina se eu ia esquecer da minha melhor amiga (as meninas também são super amigas)? (A. 31.1.1991)

Ou seria pelo coração em papel branquinho dobrado, colado no meio do texto da carta em papel colorido, onde se lia na frente "*se você gosta de mim, abra este coração*", e, quando aberto, lá está: "*era só para confirmar*"? Ao lado, na vertical do texto, ainda há, num retângulo: "*me responda urgente!*" (A. 31.1.1991)

Às vezes, se

a correspondência demora tanto é por causa do correio que demora mais ou menos 4 dias então... (C. 18.4.1991)

Às vezes é o tempo que não colabora, pois

recebi suas cartas mas aqui está uma chuva só, estou até enrugada de tanta água faz uma semana que não para de chover... por isso não dá para colocar as cartas no correio e ainda por cima com feriado... (C. 1.4.1991)

Às vezes, é necessário ser um pouco mais insistente:

eu tinha mandado um puxão de orelha pra você através da carta de Regina, porque você estava demorando pra escrever pra mim, mas pode suspender, eu te desculpo. (E olha que eu sou boazinha, se fosse outra pessoa não te perdoava, em!) (A. 5.2.1991)

Estou lhe mandando uma carta urgentemente como me pediu. Só que fui receber as duas cartas dia 1 de fevereiro. (C. 5.2.1991)

Ou chegar até a intimidação:

Vou parar por aqui, sem mais. Escreva-me sim! E URGENTEMENTE, senão eu coloco a polícia atrás de você. Um abraço. (C. 9.3.1991)

Não precisa colocar o FBI na minha cola, eu já estou escrevendo mais cartas. Agora vou ser a melhor freguesa dos correios. (C. 20.3.1991)

A carta seguinte enviada tem o carimbo do correio do dia 22.3.1991. E a anterior, do dia 14.3.1991.

Obs.: Até que me deu vontade de não escrever; para vocês virem aqui para me bater; acho que eu apanharia com gosto... (C. 19.11.1992)

E as cartas continuam...

Há que levar em conta também o *tédio, a monotonia e chatice da cidade*, Cafelândia, onde

não temos nada pra fazer a não ser escrever cartas e jogar videogame. (A. 14.2.1991)

Ou de Campinas:

Aqui ficamos com saudades mas as cartas e a rotina faz abrandar um pouco a saudade. (C. 5.2.1991)

Por aqui tudo bem. Começaram as aulas agora voltou a rotina... fazer o que não? (C. 15.2.1991)

Obs: Me escreva sempre contando as novidades, pois aqui não temos nenhuma. Tchau!!! (C. 22.3.1991)

A resposta vem logo:

Cibele, quer dizer que aí em Campinas não tem nenhuma novidade, e você espera que aqui tenha alguma??? Aqui não acontece NADA vezes NADA... Aqui, a única coisa que eu faço é escrever carta (e escrever no meu diário)... (A. 27.3.1991)

Para além da rotina, da monotonia, as palavras *rotina* e *monotonia* também são motivo de escrita:

Amanda, otimismo, essa monotonia aí vai mudar, vocês vão entrar na rotina e nem vão perceber o caos da vida... (C. 15.2.1991)

Cibele, eu gostei dessa sua frase: "Amanda, otimismo, esta monotonia aí vai mudar, vocês vão entrar na rotina e nem vão perceber o caos da vida..." Eu estou com esta rotina por aqui

E desenha uma bailarina de um centímetro e meio, em passo de dança, e ainda escreve: "*entendeu o desenho?*" (A. 19.2.1991).

O desenho deve ter sido entendido, porque, numa carta logo a seguir, diga-se, lacrando o envelope, vem o adesivo colorido de um par de sapatilhas que bailarinas usam (C. 9.3.1991).

O tédio e a monotonia vão dando lugar às experiências feitas em Ciências, na escola de lá e na escola de cá. Quebra de vidrinhos

com rachaduras de lá, pois a professora não queria nada quebrado, e, cá, a aceitação até dos tubos de ensaio remendados. Porosidade e impenetrabilidade de lá e eletrólise de cá. Tédio e monotonia vão dando lugar à *bagunça* que dá vida aos laboratórios e às ideias que vão surgindo entre os componentes de alguns grupos e que vão além da... eletrólise.

> *Mas a escola ainda está inteira.* (C. 20.3.1991)

A mudança para Cafelândia foi a primeira no período coberto pela correspondência aqui estudada; uma segunda mudança, para Ilha Solteira, ocorreu poucos meses depois e... continuou sendo motivo para a escrita de outras tantas cartas. Referem-se à "encaixotação", às expectativas quanto à nova cidade que, entre outras diferenças, sintoniza outros canais de televisão.

Numa primeira visita à cidade, é vista "*uma academia de balé, mais coisas para sair, quatro locadoras*".

Fica-se sabendo que

> *as casas são por nível: tem casa número 3, 4, 5, 6-1, 6-2; por isso não tem aquelas mansões e nem favela, pois as casas número 3 são todas iguais, todas número quatro são iguais, e assim por diante.* (A. 3.4.1991)

Sobre os costumes na cidade, fica-se sabendo que

> *todo mundo anda de bicicleta; você encontra cada figura! Eu nunca vi tanta bicicleta junto. Quando nós chegamos aqui e o meu pai foi buscar a chave, nós ficamos no carro, de repente uma mulher sai do "Banco" bem vestida, com uma bolsa do lado, e pegou uma bicicleta, eu fiquei boba, a mulher super bem vestida andando de bicicleta... Nós vimos também gente de saia andando de bicicleta.* (A. 13.4.1991)
>
> *Aí na Ilha vocês vão matar a vontade de andar de bicicleta, aí deve ser a cidade das bicicletas, você poderá ir á escola sozinha, (e beleza)...* (C. 16.5.1991)

É, aqui tem bicicleta pra caramba, tem até lugar pra estacionar bicicleta na frente de Bancos, lojas, escolas... e os donos da bicicletaria são todos ricos, é sério, bicicletaria aqui dá bastante dinheiro... (A. 18.5.1991)

Ainda bicicletas:

mas você aí tem uma vantagem, é a de poder ir e vir da escola de bicicleta, mas eu... [aqui em Campinas] é de SP2 mesmo... Falando em bicicleta, se vocês nas horas vagas começarem a consertar bicicletas, estão feitos, vai dar um lucro legal!!! (C. 23.5.1991)

Sugestões como essa vão ao encontro das preocupações com os gastos com selos e envelopes. Nessa preocupação, outros indícios da rede podem ser notados.

Por aqui tudo bem; primeiramente peço-lhe mil e uma desculpas por não ter enviado a carta antes é que não havia selo e eu não ia mandar a carta com cuspe... (C. 19.11.1992)

A anterior foi postada por Cibele em 17.11.1992. A receita para reaproveitamento de selos, em sete passos, vem logo em seguida. Tem como sétimo passo:

se a carta não voltar significa que você realizou sua missão com sucesso. (A. 7.12.1992)

Não temos notícias de quantas cartas não chegaram.

Quantidade de selos gastos leva a pensar na quantidade de cartas enviadas, na quantidade de cartas escritas. Um levantamento da quantidade de cartas poderia ser indicado nas próprias cartas:

Acabei de receber "2" cartas suas... Fiquei super feliz... (A. 4.5.1991)

Bem agora você não pode dizer que não recebe cartas porque, pelo que você me escreveu, você recebeu 7 cartas em uma única paulada só,

você ainda vai se tornar uma das acionistas do correio de tanto comprar selo. (C. 23.5.1991)

Por aqui está tudo bem... Recebi suas 2 cartas ontem, só que no momento só vou responder uma porque eu vou pro balé, porque você sabe quantas cartas eu recebi ontem?? 10, isso mesmo... 1 da N., 1 da C. P., 1 da F., 2 suas, 1 da [...]; e hoje eu ainda recebi + 2. E não é só isso que eu tenho pra fazer, tenho que ler 3 livros, um para História ("Capitalismo para principiantes") e 2 para Português ("Em carne viva" e "O segredo de Taquinho"), o "Capitalismo" estou na página 50, são 280 páginas; o "Em carne viva" estou na página 20, acho que são 62 páginas, e o outro eu nem comecei a ler... Está difícil, viu?? (A. 17.10.1991)

O que estaria difícil: responder a tantas cartas ou as tantas páginas a serem lidas?

Outras(os) correspondentes também têm presença marcada nas cartas das duas adolescentes, ainda que com menos intensidade e frequência.

Cibele, sabe quem está se correspondendo comigo??? A Leonarda, ela pegou o endereço com a Regina... (A. 27.3.1991)

Agora você também tem mais uma correspondente, a Lê me contou que vocês estavam se correspondendo. (C. 1.4.1991)

Acabo de pôr no correio a sua e a do Franklin; comecei a responder cartas e ainda tenho sete para responder (A. 18.2.1992)... *acabei de responder a carta da Lu* (A. 25.2.1992)... *acabei de receber a sua carta e por um milagre estou tendo tempo pra respondê-la* (A. 23.3.1992); *récorde, récorde, récorde à vista nada mais nada menos que oitenta e cinco cartas que eu recebi (só sua); é mole ou quer mais?? A Cleusa está aqui do meu lado babando, porque ela só tem cinco (sua).* (A. 3.11.1992)

As cartas de Cleusa, tudo indica, fazem parte do conjunto das de Amanda, porque elas escreviam e recebiam em conjunto as cartas de Cibele. Foram 14 cartas entre 18.9.1992 e 21.12.1992 e continuaram até dezembro de 1993. Interessante notar que Cleusa foi entrando, abrindo brechas, cavando brechas, no início, na

suavidade da relação das duas amigas, ela própria se aproximando suave de Cibele, que não conhecia; inicialmente entrando nas laterais, do papel... Depois, pondo seu nome ao lado do de Amanda, envia a Cibele o próprio endereço... mas acabam por decidir que vão continuar a se corresponder a três mesmo: Amanda e Cleusa de um lado, Cibele de outro.

O conjunto das cartas escritas a seis mãos merece uma análise mais aprofundada que não vem sendo feita no âmbito deste trabalho; seria um outro conjunto.

Vão sendo apontados aqui alguns motivos que levaram ao início de uma correspondência, o que poderia indicar uma rede que se vai tecendo, uma teia que se vai tramando. Motivos que vão além das várias formas do *lembrei-me de você* que aparecem:

> *quando fui assistir "Mozartíssimo" com Cisne Negro lá no Centro de Convivência* (C. 2.6.1992)... *quando estava em Pederneiras, lembrei-me de você* (C. 29.7.1992)... *mudando de assunto, sexta-feira na festa [do Ridículo] eu me lembrei de você porque havia uma garota que estava vestida com um "frufru" e jaqueta jeans e por cima de meia-calça e tênis, e foi eu bater o olho naquela saia de bailarina que você me veio à lembrança.* (C. 5.10.1992)
>
> *Na sala de piano tem as fotos da primeira audição que você e a Patrícia participaram; lembrei-me de vocês... A perda de nossas ilusões é a única perda da qual nunca nos recuperamos.* (C. 22.4.1992)

Embora em outras passagens esteja registrado o contato por telefone, as cartas continuam.

> *Obrigado por ter me ligado, mas estranhei porque fazia tanto tempo que não ouvia sua voz... pena que a ligação caiu...* (C. 1.4.1991)
>
> *Obs: Pelo que você acabou de me dizer pelo telefone eu não vou mandar mais cartas [nesse período em que acontece a mudança de cidade de Amanda] ... e logo que chegar lá me escreva e veja se me telefonam mais vezes sim, porque eu estou morta de saudades!* (C. 2.5.1991)

Antes que eu me esqueça, instalou o telefone (aleluia, viva, iupi, urra... até que enfim).

E pede para passar o número também para as outras meninas. No adesivo no envelope: "*Amar é... fazer do telefone seu melhor amigo*" (A. 1.6.1991).

Ficou surpresa com o telefonema? Pena que não deu para conversar mais. Bem, mas mesmo com a instalação do telefone eu vou continuar lhe escrevendo porque senão eu vou levar o "Sr Valmir" à falência. (C. 5.6.1991)

Fiquei super feliz de vocês duas terem me ligado; vocês não têm noção de quanto é bom ouvir suas vozes... acho que foi a melhor coisa que aconteceu no fim de semana. [...] Mudando de assunto a sua voz no telefone Amanda; é exatamente a mesma coisa; eu me surpreendi com a voz da Cleusa; uma voz super mansa; bem o contrário da minha... (C. 4.11.1992)

A referência ao telefone abre outras leituras possíveis: as cartas continuaram, apesar do telefone, o que lhes confere uma posição de comunicação diferenciada; não é possível saber se não ditos das cartas foram ditos por telefone; às vezes, a carta é uma continuação do "provável" assunto falado pelo telefone, o que garante a "indevassabilidade" das cartas: nem tudo é dito nelas, há, no mínimo, um outro meio de comunicação.

De qualquer modo, é pelo telefone, ruim ou caindo a linha, que as vozes de uma e de outra, distantes no espaço geográfico, podem ser ouvidas.

Outra observação pertinente à rede de cartas é que raras vezes há a promessa de escrita. Uma dessas vezes é por época do comunicado de uma suspensão na escola seguida de um

não se preocupe todos os dias que estarei curtindo minha suspensão escreverei para você. Amanda, até nossos pais sentaram na cadeira, reuniam com todos eles, foi uma barra... (C. 26.4.1991)

Para além dos motivos, dos números e dos indícios de uma rede de escrita, há muito mais o que ler nessas cartas; há informes locais, seja sobre a chuva,

> *por aqui está tudo bem, recebi suas cartas mas aqui está uma chuva só, eu estou até enrugada de tanta água, faz uma semana que não para de chover... por isso não dá para colocar as cartas no correio e ainda por cima com feriado...* (C. 19.11.1992)

Ou sobre o frio,

> *aqui está um frio pra caramba, hoje eu quase coloquei aquela minha jaqueta...* (A. 30.4.1991)

Para "comprovar" o frio, junto com a carta seguinte segue um folheto da Campanha do Agasalho/1991, promovida pelo Fundo de Solidariedade da Prefeitura Municipal da cidade (A. 4.5.1991). Há informes sobre festas, eventos; há registro da vivência cotidiana e de experiências adolescentes vividas.

Registro de experiências adolescentes vividas

> *Cibele, esse mês eu vou ficar com 13 anos (não se esqueça, he, he, he...), me conte como é ficar com 13 anos, apesar de que você já está com quase 14, né??? (me avise quando os cabelos brancos aparecerem, tá?)* (A. 8.4.1991)

A carta traz um adesivo no qual que se lê: "*Amar é... ... o despertar do coração*". Amanda também não esquece o aniversário da amiga "*Cibele, mês que vem tem gente que faz 14 anos!!! Eu não esqueci...*" (A. 13.5.1991).

E finaliza uma próxima carta com um adesivo que é uma tartaruga carregando um pequeno bolo com cobertura e uma velinha acesa e os dizeres: "*pode demorar um pouquinho, mas estou chegando!*"

(A. 27.5.1991). Na carta do dia 8 de junho, toda festiva, decorada, três cartas em três envelopes festivos, decorados, mais o cartão que foi completado em cada um dos seus dizeres impressos, e o adesivo da tartaruga avisando que *Cheguei!* O aniversário de Cibele é em 10 de junho.

> *Mudando de assunto ficar com 13 anos é legal mas uma idade "meio azarada" é a idade em que você está entrando na adolescência e acaba se tornando um intermediário entre a adolescência e a infância é a "aborrecência" tudo o que tem de ruim para acontecer acontece, é o ano da casa número 8 o ano inteiro você está no seu inferno astral, enfim... como diz a filosofia oriental tudo na vida você pode tirar proveito. Quanto aos cabelos brancos pode ficar sossegada só aparecem mais tarde a não ser que você derrube uma lata de tinta branca na cabeça...* (C. 11.4.1991)

Ficamos sabendo que

> *a professora de E. A. quer fazer um uniforme para a escola que vai fazer 43 anos, (porque a escola não tem uniforme) e quer que a 8ª. série desenhe uns emblemas pra escolher o melhor, você precisa ver os desenhos dos meninos, ou é de guerra ou é de mulher, e pelo visto não vai sair nenhum emblema...* (A. 22.4.1991)

Não ficamos sabendo o que as meninas desenham...

Nesse rol de cartas entre infância e adolescência começa também a preocupação com escolhas futuras, do colegial no próximo ano; qual seria o curso técnico mais apropriado? Uns com processo de seleção muito concorrido, ou o de prótese, que não tem na cidade e talvez a leve a decidir por outra profissão. A escola da faculdade, um pouco mais distante desse final de oitava série; do colegial, antes, e visando a "*faculdade, que dá até medo só de pensar que eu tenho mais esse monte de anos pra estudar...*" (A. 8.4.1991)

Enquanto esse tempo não chega,

Cibele, você não sabe da maior, eu comecei a fazer aeróbica (eu e a Pat, não tem balé aqui!) é um sarro, a gente já foi 2 dias, o 1º foi o mais legal, a gente não sabia fazer os exercícios direito, o pessoal ia pra frente, a gente ia pra trás elas batiam palma, a gente batia ou atrasado ou adiantado; e no 2º dia aconteceu a mesma coisa, só uma coisa a mais, eu **chutei** *um espelho, sorte que ninguém viu...* (A. 27.5.1991)

E aí como é que está a aeróbica? Você e a Pat sabem mesmo surpreender-nos, bem com isso, você deve ter ficado um pouco mais alta do que já era, daqui uns tempos ao invés de chutar o espelho, vai bater no teto... Mas vocês irão se sair bem na aeróbica, vocês duas gostam mesmo de dançar, e também é como uma "terapia ocupacional"" você não vai mais achar que tudo é um tédio... E a escola?? (C. 29.5.1991)

Por aqui está tudo em ordem, ou melhor tudo muito em <u>*ordem*</u>*, porque eu estou super feliz, e sabe o motivo dessa felicidade? Bom, eu vou te contar... eu estava no fim de uma aula de aeróbica quarta-feira, daí a professora me chamou, e perguntou se eu não quero fazer um solo na ponta de balé no final do ano! (ela também faz espetáculo no final do ano, igual ao "Studium"...) Por isso, hoje mesmo eu já peguei a minha sapatilha de ponta e já ensaiei um pouco... Biscoito, não exagere, eu não cresci tanto, e espero não crescer mais, senão vai acabar acontecendo o que você falou mesmo, eu vou bater no teto...* (A. 1.6.1991)

De fazer em fazer, da aeróbica ao balé, aos ensaios, à escola, não se perdem de vista as modificações físicas, diga-se, o ficar mais alta; tentativas para não *se* perderem de vista.

Há, ainda, a carta criativa e *LINDA* escrita para a revista *Capricho* para ganhar camiseta. É uma carta em quatro folhas.

Na 1ª folha nós escrevemos uma história (tipo conto de fadas) e escrevemos em grego, hebraico, russo, italiano e inglês; na 2ª folha escrevemos o que fazemos de segunda a domingo sem a camiseta; na 3ª folha escrevemos uns 500 "please" (por favor); na 4ª folha meu irmão fez uma folha no computador com desenho, escrito: "Capricho: a nº 1". (A. 3.11.1992)

Esse assunto rendeu... Na carta enviada anteriormente a esta, há desenhos de Amanda e Cleusa, uma descrevendo a outra: começam pelo nome, as medidas da altura, peso, cor dos olhos, do cabelo, número do sapato, manequim, como se uma estivesse "avaliando" a outra (Amanda e Cleusa) e terminam com apelidos não tão charmosos como a descrição física. Já estão "vestindo" as camisetas da *Capricho* que "vão" ganhar. Descrevem-se, avaliam-se e inventam uma maneira para falarem de si mesmas para a amiga distante (Cibele). Quando tudo indicava já estar pronta a tarefa, nota-se uma seta um pouco maior que as demais e uma

> *Obs: Não sei se eu te contei que em abril [estamos em outubro] eu igualei o meu cabelo...* (A. 22.10.1992)
>
> *Por falar em tênis; muito original o que vocês fizeram na última carta; o único "inconveniente" é que quando eu fui ler a carta no meu quarto a "terra" caiu todinha no carpete... Quanto vocês calçam? Eu para tênis 37 e sapato 36; meu pé não é de anjo mas também não sou nenhuma 44!* (C. 3.12.1992)

A carta traz as marcas do tênis de Amanda e Cleusa, feitas na escola, mandam literalmente um pouco da terra sobre a qual andam, que cai no quarto da outra. À pesquisadora sobram apenas os contornos do tênis no papel. Outras marcas revelam o cuidado na elaboração da carta:

Assinaturas: dedicam-se a experimentar modelos e instigar a outra a imitar.

Apelidos: são tão íntimos e tão familiares que chegam a ocupar o lugar do nome no envelope, ao que tudo indica, sem grandes problemas para o carteiro.

Há delicadeza na busca, no enlaçamento do outro, diga-se, da outra. Há códigos, há segredos compartilhados e uma relação de cumplicidade que vai se estabelecendo.

Inventa-se no viver próprio da adolescência.

Códigos, segredos e cumplicidade

Dos primeiros contatos com as cartas, vez por outra eu deparava com papéis bem dobrados, ou dobrados esquisitamente, grampeados algumas vezes, com avisos bem claros de *"não abra! Caution!! Perigo!! Danger!! Confidencial. Não abra sem permissão"*.

Uma vez, arrisquei-me, fui abrindo aos poucos e fui lendo: "*só Cibele pode ler!*". Segunda desdobra: "*desista agora, pois as consequências podem ser drásticas*". Terceira desdobra: "*Não abra, (só a Cibele) Pode haver uma bomba!! Nossa que exagero!)*" (A. 27.5.1991). Desisti de abrir: a mensagem havia sido captada.

Nas primeiras leituras das cartas, acontecia encontrar no meio de um parágrafo, de uma frase, combinações de letras não muito usuais quebrando a compreensão da leitura. No entanto, a fluidez com que apareciam no meio de um assunto era indicativa de que tais combinações deveriam ser bastante familiares tanto para quem as escreveu, como para quem eram escritas. Às vezes, limitavam-se a algumas palavras, às vezes a frases inteiras, às vezes quase uma página inteira. Faz-se necessário entender um pouco mais dessa história.

Na entrevista feita com uma das correspondentes, mostro-lhe um desses bilhetinhos ainda fechado, grampeado. Minha pergunta: *você já havia lido este?*. Resposta: *sim a gente não deixava nada sem ler nas cartas*. Na minha frente, ela abre o grampo, cuidadosamente, lê "com os olhos" o escrito no pequeno pedaço de papel, sorri, me olha e informa que assim faziam, escreviam por códigos, quando não queriam que outra pessoa, particularmente as mães, soubesse o que estava sendo comunicado. Enquanto me informa, dobra novamente com todo cuidado o papel, recoloca o grampo e fecha as garrinhas. Usualmente jovens têm segredos para as mães. Nessa mesma entrevista, ela me diz que se eu aprendesse o código veria que nem eram tão sérios os assuntos que elas tratavam (notas baixas, garotos interessantes etc.); era coisa de adolescentes. Eu reafirmo que não quero saber o código. Mas cresce a curiosidade em saber o funcionamento dos códigos, como eram postos em ação.

Nas cartas, a história dos códigos, começa assim: Amanda ensina a Cibele a "língua" que falava com as outras meninas, quando ainda estudavam na mesma escola, pelos idos de 1990 (A. 25.3.1991). E

> *falando em segredo, Cibele, você conseguiu entender aquela "língua" que eu e as meninas falávamos???* (A. 19.4.1991)
>
> *Sobre a "língua" que vocês falavam eu entendi direitinho mas agora eles misturam com uma outra e não entendo nada...* (C. 18.4.1991)
>
> *Cibele, você diz que a turma aí inventou outra língua???* (A. 22.4.1991)

Logo Amanda se comunica com as meninas, fica sabendo a "outra língua" e escreve que não é tão boa quanto a anterior; ela prefere ficar com esta.

Quando as duas estavam ainda juntas numa mesma turma, inclusive para fazer trabalhos da escola, a tal "língua" já existia, era do conhecimento de uma e não da outra. Poucos meses depois que a mudança de cidade as separa, Amanda ensina a Cibele, com a autorização do grupo que falava a "língua". Mesmo assim, Cibele não se integra ao grupo porque este agora tem uma "outra língua". Amanda toma conhecimento da "outra língua" e prefere ficar com a antiga; ou talvez com a amiga?

Espaço e lugar de negociações, de relações complexas, cartas continuam a ser escritas, laços estreitando-se. No mês de maio Cibele envia para Amanda uma carta em duas: a primeira, papel sulfite, uma das raras datilografadas, com os devidos protocolos epistolares e os assuntos de sempre (cidade, casa, bicicleta, escola que continua um caos, formatura, e até a não inclusão dela no restrito grupo das notas todas azuis da classe, novela etc.). "*Bem vou parando por aqui sem mais. Me escreva... ...saudade... ...Cibele.*" A surpresa vem na segunda carta: folha de caderno, como protocolo apenas *Amanda e Tchau!!!* Manuscrita e com a letra corrida, feita às pressas. Esta não vem com o aviso *confidencial* e contém somente uma palavra (nome) em código. Apenas pede cuidado [para]

quando você responder a carta porque não quero que minha mãe leia, esta daqui eu estou escrevendo sozinha... (C. 16.5.1991)

Ao compartilhar assuntos íntimos, que nem a mãe pode saber, ela fala de suas dúvidas e pergunta *que faço eu?* A escolha de uma amizade íntima, entre adolescentes, favorecidas especialmente pelas mães, constitui um episódio importante na vida de uma adolescente – no final do século XIX, início do XX – e tem, na confidência, um papel primordial na elaboração da personalidade (Corbin, 1995).

Mais uma vez, não é propriamente o teor do segredo, assunto da carta, o que nos importa saber neste momento; essas duas folhas escritas, analisadas isoladamente, talvez não nos dissessem muito sobre as relações entre essas duas jovens. Quando lidas no conjunto, e pondo em pauta a estratégia do código, é que vão sendo delineadas as relações entre as duas adolescentes e cercanias; no movimento do compartilhar um código, coisa e invenção de adolescente, vão pondo em ação um modo de exprimir-se, na conquista da intimidade do entre si, na constituição de si (Vincent-Buffault, 1996).

Vale ressaltar que essa intimidade parece ter algumas condições específicas ou particulares para ser posta em ação. No conjunto das cartas escritas e lidas com a terceira correspondente, Cleusa, o código não aparece; presume-se que a terceira amiga não tomou conhecimento dos códigos: entrou nas cartas, nos assuntos de namorados, na escola, nas cumplicidades dos desencontros com as mães, mas não entrou nos códigos.

A última carta do ano de 1992 é escrita só por Amanda, fala num beijo de namorados, coração batendo mais forte... sem código (A. 31.12.1992). Assuntos como esses, que apareciam nas cartas a seis mãos, eram quase sempre tratados como brincadeira, com os exageros permitidos.

Há ainda a carta de uma das adolescentes, escrita quando estava junto com o namorado, sem código.

A utilização do código é uma estratégia que se elabora, uma maneira de ser íntimo, sem o risco de ter a intimidade devassada; é uma estratégia que põe em ação a troca de confidências e segredos;

é uma estratégia que cria e estreita relações e laços de cumplicidade. A utilização do código – estratégia ou invenção de adolescente, ou talvez por isso mesmo – pode ser um momento importante para o constituir-se sujeito, na escrita; pode ser um espaço da busca de si, na escrita. Cabe registrar que essa busca não é das mais tranquilas; uma releitura da carta datilografada deixa um pouco mais clara a sensação de enigma que se tem de início; melhor pensá-la como um código, não como combinações esquisitas de letras, e sim, de mensagens interrompidas plenas de ditos e não ditos.

> *E aí já viu uma escola que você possa continuar o balé? Espero que sim, porque senão ele irá partir em 4 pedaços como a bailarina...* [presente de Cibele para Amanda que se quebrou durante a mudança de cidade] *... mas já está coladinha e pendurada na parede do meu quarto.* (A. 13.5.1991)
>
> *Falando em pedaços, eu só estou pegando os "caquinhos" da minha cabeça, porque aqui é uma correria só ...* (C. 16.5.1991)

Não encontrei escrita em código (combinação esquisita de letras) nas cartas escritas por Mário de Andrade, apesar de haver passagens, em algumas cartas, em que ficava me perguntando quem seria realmente o "destinatário implícito". Segredo, ele pede.

> Bom agora vou parar, chega por hoje. Quero porém desde já lhe afiançar que a minha opinião sobre o livro do Lúcio Cardoso diverge abertamente da de você, mas guarde segredíssimo disto. Lhe explicarei o que penso na carta de janeiro. E agora viva a ternura! Estou lhe abraçando. (Carta a F. Sabino, 24.12.1943) (Andrade, 1981a)
>
> Cornélio Pena se tornou tão profundo ou fundo que atravessou o globo terráqueo e foi parar no mundo da Lua, bolas! Mas não era tudo (não passe estas minhas opiniões pra diante)... (Carta a F. Sabino, 2.2.1944) (ibidem)

Códigos, segredos compartilhados, laços de cumplicidade, quando escreve a Carlos Drummond de Andrade:

> Vou falar porém vou falar um pouquinho só e depois iremos comentando calmamente de nossas vidas e só quando chegar nos momentos de problemas grandes voltaremos a falar nisso. Eu falo sempre que uma das coisas mais maravilhosas da amizade é esse direito do segredo entre dois. Você sabe: a gente se estima até mais não poder e se revela um pro outro o que tem de importante na vida porque isso ajuda a gente a suportar a vida, é incontestável. Porém depois o segredo volta a ser como que até segredo de que os dois não se podem falar mais. Fica tácito por dentro, vivo sempre e agindo sempre porém a gente meio que finge que não sabe dele. Não é hipocrisia nem muito menos indiferença, é essa delicadeza entre a gente que se conhece bem e um sabendo que o outro tem uma ferida no braço esquerdo nunca se esquece de evitar dar um aperto no braço esquerdo do outro. No entanto um terceiro que não é tão amigo assim chega e vai toca no braço esquerdo do ferido falando: Como vai o braço, hem? – Ai, não pegue nele! inda tá meio doído. (Carta a C. D. de Andrade, 8.5.1926) (Andrade, 1988)

Compartilhar/trazer para perto/estreitar laços

> *Está tudo tão tranquilo, eu posso ouvir rádio e escrever para você que nada me atrapalha.* (C. 31.1.1992). *Acabei de tomar banho e resolvi compartilhar com vocês [Amanda e Cleusa] o meu fim de semana bem sucedido, muito bem por sinal.* (C. 28.10.1992)
>
> *Hoje eu estou te mandando esse papel de carta animado (e o envelope também), porque eu estou super animada... Eu fico sempre assim quando recebo carta sua e da Leonarda!* (A. 19.4.1991)

Nas pistas da escrita não fabricada, constituem-se num elemento bastante significativo os laços de escrita que vão sendo delicada e firmemente lançados em direção à interlocutora. Um deles é o "escreva-me urgente": quem escreve também quer receber. Outro são os quase infinitos recursos: adesivos escolhidos em função do assunto ou complementares a ele; os coloridos papéis com ilustrações

variadas, como o do labirinto que traz no balão "*ajude o carteiro a chegar na cidade*" e a correspondente completa "*só que não é o carteiro que precisa por carta no correio, é você!*". Em 1991, Cibele escreveu 49 cartas para Amanda; de qualquer modo, é ainda Amanda quem ajuda o carteiro, marcando todo o trajeto no labirinto, dando mais uma indicação da resposta esperada.

Há ainda assuntos de interesse pessoal, como as aulas de balé de uma e de música da outra, assuntos e trocas familiares...

> *E o órgão, está treinando para começar as aulas? (Porque senão fica igual este Smurf do papel de carta, você não ia querer, né?) [enquanto um Smurf toca corneta, outros dois tapam os ouvidos]. Fico feliz por você, porque está ganhando dinheiro tocando em casamentos. Vou terminando por aqui com muitas saudades... ... Amanda.* (13.2.1991)
>
> *E aí gostaram dos "Simpsons"? Eu achei hilário mas "Extra extra os "Simpsons" são uma cópia exata de uma família brasileira chamada "Moreira" aqui nesta carta mando os verdadeiros nomes dos personagens e uma foto da família "Moreira" falsa família "Simpsons".* (C. 11.4.1991)

Na última (terceira) folha dessa carta há um recorte de jornal com a família "Simpsons", com setas indicativas e os nomes verdadeiros da família "Moreira", numa reconstituição da família da amiga que ela conhecia tão bem.

> *Cibele, eu também AMEI a família "Simpsons", é realmente um retrato falado da família "Moreira", aqui em casa todos nós já tínhamos percebido a enorme semelhança entre os "Simpsons" e a família "Moreira".* (A. 15.4.1991)

Há o envio de um cartão que a família "Santos" mandou para a família "Moreira", à época da mudança para Ilha Solteira,

> *todos acharam lindo, e agradecem... A gente entrou em casa e o cartão estava em cima do balcão da cozinha...* (A. 13.5.1991)

O cartão chegou antes dos novos moradores. Há, ainda, as fichas de telefone que foram compradas por uma das adolescentes, para conversar com a amiga; no entanto, quando liga a amiga não se encontra em casa e quem atende é mãe. Uns minutos são gastos para conversar com a mãe que atende, mas a conversa não para aí; a outra mãe entra na ligação e as fichas vão sendo gastas, todas elas, agora, pelas mães...

Há outras formas de estreitar laços, que passam pela aproximação com outras amizades.

> *Eu já conheço bastante gente aqui, já estou com uma turma, eu só falo de vocês pra elas, a Regina (eu acho) é o teu xerox, tem olhos verdes, cabelo bonito e castanho que nem o seu, ela tem até alergia (igual a sua) na mão, e a Alexandra. é do estilo Vanda e Lucimara. Você entende, né? (Por isso mesmo que eu curti mais a Regina.)* (A. 5.3.1991)

Incluem-se aí os apelidos carinhosos dados a uma e outra, que podem ser trocados, complementados com I e II e servem para ambas (A. 25.3.1991).

Há também os sentimentos compartilhados num parágrafo que parece não ter fim:

> *Estou te escrevendo, porque me deu vontade, são 11:22 horas da manhã, hoje é sábado, não tenho nada pra fazer, o carteiro ainda não passou, e pelo jeito não vai chegar nenhuma, falando nisso, faz tempo que não chega carta pra mim, essa semana chegaram só duas, uma sua e a outra da Lu (a vizinha da Re), Cibele dá um toque pro pessoal me escrever, porque essa city é um tédio, e uma das únicas coisas que eu tenho pra fazer é ler e escrever cartas, e faz um TEMPÃO que eu não recebo aquele montão da cartas...* (A. 6.4.1991)

Nessa mesma carta, diga-se, no envelope, o lugar destinado ao endereço da destinatária é ocupado por *me escreve urgente*.

Mais do que o assunto, porque as cartas continuam chegando, o sentimento de tédio, que não é tão presente em outras cartas, manifesta-se na forma de desabafo, falando quase sem respirar, digo, escrevendo sem parar para verificar pontuação, ritmo etc. etc.

Quando o tédio é muito grande, há o incentivo a novas amizades:

> *E a escola é grande? Já fez algumas amizades? É sim porque se você só lembrar dos amigos daqui e esquecer os daí é ruim. Faça amizades com a galera daí, como você fez quando chegou aqui, você vai perceber que mudar de cidade não é tão ruim assim.* (C. 28.2.1991)
>
> *E falando em escola, não tenha vergonha, aí vai uma receita infalível: – entre na escola aí como se fosse o "Sophia" e pense que os alunos somos nós, porque a galera daqui está no maior pensamento positivo para tudo dar certo, pense também que não é só você que vai sofrer isso, mas também a Patrícia e o Marcelo.* (C. 16.5.1991)

Há ainda um outro elemento que são as declarações: "*te curto, que bom ter uma amiga como você, fiquei feliz em saber que a minha animação passou pra você*" e tantas outras que fazem uma carta ser especial e ansiosamente esperada.

Algumas vezes as declarações ganham forma especial, como a meia página que foi ocupada com frases e expressões recortadas com os dizeres:

> *O que fazer... ...estava à toa... ...de repente...*
> *...olho quem passa... ...disfarço... ...olho para um lado...*
> *...olho para outro... ...acho que já foi... ...ai, aguenta!*
> *Acho melhor confessar... ...te adoro!!!*

Ganham forma especial porque cada frase ou expressão ganha um sugestivo desenho do "olhar", dos olhos que se movimentam ao sabor dos dizeres na possível direção para quem são ditos: a destinatária, amiga. Ganham forma especial porque a assinatura "Amanda" vem "personalizada", escrita e delicadamente "caricaturizada" (A. 8.4.1991).

Há as seis observações escritas para finalizar uma carta, ou melhor, duas cartas num só envelope, compostas por quatro folhas ilustradas, de tamanho médio, delicadas, com 88 linhas escritas, se bem que respeitando as ilustrações, menos as normas protocolares de data e nome e despedida, menos os recados escritos obliquamente em vários cantos, assim numeradas:

Obs **1**: *me escreva urgente;*
Obs **2**: *eu sei que demora bastante pra carta chegar, só que parece que você não me conhece, eu sou super impaciente...*
Obs **3**: *Está chovendo muito aí?*
Obs **4**: *Eu estou te mandando de novo o "clip" porque eu tenho 600, e eu te dei esse...*
Obs **5**: *Te curto.*
Obs **6**: *Estou com MUITAS saudades...* (A. 22.4.1991)

Há delicadeza de relações que são buscadas, cultivadas, construídas, inventadas...

Quando fazem brigadeiro e escrevem carta para Cibele, mandam-lhe pó de chocolate grudado no papel da carta (A. 22.10.1992). Esta retribui com gotas de chuva no papel da carta (C. 26.11.1992) e aproveita para contar que a chuva estava demais, encharcou-se toda quando foi pôr a carta no correio.

Saudade e emoção

Amanda, esses tempos ando muito sentimental; você acredita que eu lendo uma reportagem da Capricho sobre "Saudade" e ouvindo "An" do U2 eu chorei; isso porque estava sozinha. Esses tempos minha mãe anda pegando no meu pé como nunca; isso ainda que ela não sabe minhas notas... Vou parando por aqui. Beijos... ...Cibele. [Ao final da página, com destaque] Saudade, saudade! Palavra tão triste que ouvi-la faz bem. (C. 2.6.1992)

> *Cibele, você não sabe o que aconteceu ontem, eu fui pegar um Atlas bem antigo pra fazer o mapa político da África, daí de repente eu acho umas folhas dentro dele, era um rascunho de um trabalho que nós fizemos, tinha sua letra, da Vaneska, e da Lu, por incrível que pareça me deu um negócio, e eu comecei a chorar, (isso mesmo que você leu, eu chorei) parecia uma boba... pra vocês verem o que vocês fazem comigo, vocês são TERRÍVEIS; sorte que não tinha ninguém por perto a hora que eu comecei a chorar, já pensou...* (A. 18.8.1992)

Essa página escrita é uma das quatro que, em papel colorido, compõem a carta. Dentro do mesmo envelope, uma folha traz, impressas pelo computador, duas figuras de piano, nos quartos esquerdo superior e direito inferior; um "beijo" de batom; "Amanda", escrito ao centro; e, fora da cercadura toda decorada, encontra-se escrito à mão:

> *"que me quereis, perpétuas saudades? Com que esperança me enganais? Que o tempo que se vai não torna mais e se torna, não tornam as idades." Camões. "Dois horizontes ficham nossa vida: um horizonte – a saudade do que não há de voltar. Outro horizonte – a esperança dos tempos que hão de chegar." Machado de Assis.* [Assinado] *Amanda.*

Ainda no verso dessa folha, encontra-se "*como dizer* <u>*saudade*</u> *em outras línguas*", e segue uma lista em inglês, grego, italiano, espanhol, alemão, francês, japonês, latim (A. 18.8.1992).

E a resposta,

> *por aqui tudo bem, recebi sua carta hoje quando cheguei do colégio, mas antes de ir para o "Prelúdio" eu li a carta, e quando eu cheguei ao final e li que você ao ver um antigo trabalho nosso e chorou; subitamente meus olhos se encheram de água e eu chorei uns cinco minutos e a minha mãe e todos que eu encontrei perguntaram porque eu estava chorando... mas depois dessas lágrimas é que fui ver que depois de tudo a nossa amizade ainda continua viva; nem que seja no fundo do baú...*

E Cibele despede-se com a palavra saudade... em japonês (C. 21.8.1992).

A carta do dia 8.4.1991 me traz à memória, mais uma vez, a delicadeza tensa das relações adolescentes de Frederico Paciência, expressa no conto de Mário de Andrade referido anteriormente.

Comecei falando da carta, falando de uma carta após outra, de um conjunto que vai sendo juntado, conjunto que não é feito *a priori*, nem intencional nem planejado e, ao que tudo indica, nem organizado como conjunto; acondicionadas na lata colorida ou na caixa de papelão, as cartas parecem ter sido simplesmente guardadas. Isso as diferencia da organização em arquivo como o das cartas familiares que fazem o arquivo de M. Frossard (Dauphin et al., 1995). Nessas, o material dado às pesquisadoras registra a sucessão de gestos que, de geração em geração, constituiu uma parcela de todas as cartas escritas e recebidas em favor da identidade familiar. Mais do que organização, o arquivo de uma correspondência familiar é sempre resultado de uma construção, além de triagem, de destruição, e de arquivamentos outros; por exemplo, documentos pessoais, recortes de notícias.[2]

A correspondência das meninas não constitui um arquivo, não há um arquivo; não se pode falar em um ajuntamento proposital, não transparece a intenção de formar uma coleção; porém, não é possível dizer que o conjunto foi sendo formado ao acaso. Poder-se-ia falar em construção? O que há são cartas que foram sendo juntadas, uma após outra, na escrita da página, do envelope, na espera do carteiro, na quebra da monotonia, no fazer do dia a dia, na busca da amiga. Nesse sentido, penso que se poderia falar em construção, quando se leva em conta os propósitos do escrever carta para a amiga. Nesse sentido, a construção é a consequência de empenhar-se em manter, em preservar um laço que é de amizade. Ou seria uma amizade que é cada vez mais estreitada, quando se escreve ou se recebe uma carta?

2 Registro meu reconhecimento à paciente e curiosa contribuição do Max (Chistian Pierre Kasper) para meu entendimento dos textos em francês, em especial da pesquisa de Dauphin et al.

Na carta de Amanda que fala do rascunho de um trabalho, no meio do Atlas, que a fez chorar porque lembrava de momentos dos trabalhos em grupo, Cibele também se refere ao episódio; nesse caso, não é propriamente a carta o laço – é o pedaço de papel, são as lembranças que afloram e, com elas, o sentimento e a emoção de momentos passados, que são também laços. Seria a carta *apenas* o veículo?

1

Cruzeiro - 15-5-928

José

Desejo que com todos ahi gosem saude.
Por aqui passamos regularmente.
Recebi hontem vossa carta na qual me pede consen-
timento para hir se empregar em uma Companhia
Norte-Americana nos Estados-Unidos: reflita bem o que
queres fazer; pois os Estados-Unidos é um Paiz longe do
nosso, um logar completamente extranho para você, a
lingua muito diversa da nossa, as leis muito differen-
tes e bastante severas; afinal que para você que é ain-
da criança, insperiente da vida e que não sabe
falar o Inglez, será tudo muito duro de acostumar
lá. E de mais, você uma vez lá, será muito difficil
voltar. Um homem que vae com bastante dinheiro
e que vae á passeio, goza: mas um como você que
quer hir sem meios e se empregar, a cousa é outra.
Eu da minha parte, dou consentimento para você hir,
porque julgo que um Pae não deve negar-se á
rezolução de um filho, sendo que esta seja honroza e
de futuro: porem vossa Mãe acha que és ainda
criança para sahir a procura de outros Paizes.

2

Junto um annuncio, que julgo ser o que vos influir à tomar tal resolucção: mas veja bem o que são essas couzas, porque exploração não falta no mundo inteiro: poderás por convite de outros, cahir em alguma cillada, pensando ser couza de bem para você.
Deixo, à sua vontade se queres hir, vá: eu não opponho: só fiz o que devo; é dar os meus conselhos e mostrar que no mundo ha muitas vezes.
A companhia que queres arranjar emprego é Mechanica, Cinematographica ou uma outra qualquer? Dezejava saber.
Mando um sello para você me escrever logo que receba esta, porque sendo couza que sirva e que vá vos fazer a felicidade, direi com muito gosto.
Sem mais, saudades à todos e com o Bento, recebam as nossas benções.

Vosso Pae

Octavio

Precisa-se
de moços para trabalhar em Nova York. As pessoas que responderem a este annuncio terão resposta esta semana. Negocio sério, honesto e positivo. Garante-se passagem e ordenado por ser assim mais economico. Caixa postal, 885. São Paulo.

Figura 6 – Carta de Octavio a José, escrita em 15 de maio de 1928.
Fonte: acervo pessoal da autora.

TUDO PARA UM SÃO PAULO FORTE NO BRASIL UNIDO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Correio Militar M. M. D. C.

Snr.

Candida Faria

R. Carmelitas N: 4

São Paulo

O ENTHUSIASMO DAS TROPAS APRESSA A VICTORIA

Mamãe

Eu estou forte graças a Deus; e espero
que o mesmo aconteça a senhora e aos
vossos; A senhora recebeu o retrato que
mandei? E minhas cartas tambem?
meu endereço é 2º B. E. Cruzeiro.
Já cheguei à linha de frente; e hoje estou
de licença; pois tenho tido meio adoentado.
como a senhora sabe, não sou muito forte;
Sem mais abençoe seu filho José

Paes, mães, irmãos, amigos escrevei aos vossos soldados queridos despertando-lhes o enthusiasmo.

Figura 7 – Cartão de José para Candinha, s.d. Correio Militar M. M. D. C.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Uma pequena historia - 16-03-97
Para Rosa

A historia das cartas começou +ou- em 1.930
quando meus tios se mudaram para
Presidente Prudente, na epoca eles chamavam
lá de sertão.
Eram 3: 1 irmão e 2 irmãs do meu pai.
Até os anos 40 eu não sei quase nada,
eram as irmãs mais velhas que escreviam
Meus tios moravam em sitios, parece
que bem longe da cidade, as cartas
eram enviadas aos c/dos de amigos, as
vezes levava mais de 1 mez pra chegar
em mãos.
Ja as que vinham para o meu pai
chegava mais rapido, tambem aos c/dos
de amigos, só que ele tinha uma
casa de comercio (venda) como diziam;
então os fornecedores de E.S.Pinhal o qual
era endereçada as cartas vinham fazer
entrega cada 15 dias, ficava mais facil
Eu comecei escrever por ele +ou- em 42,
As cartas eram muito simples
Quando chegava a correspondencia eu
lia pra ele, tinha que ler bem devagar
2, 3 vezes; não que ele não soubesse ler, é
que ele ficava muito emocionado, pois
era o unico meio de se comunicar.
Quando ia responder ele fazia questão
de ler a ultima que havia chegado;
saber da familia como estavam de
saude, como estavam as lavouras e se
ia ter boa colheita, isso era indispensavel,
Eu fazia o rascunho lia pra ele; as
cartas eram escritas como si fosse ele que

estava escrevendo e eu assinava
o nome dele.
As que vinham de lá era mesma
coisa, o filho escrevia e assinava
o nome do pai; depois de quem estava
escrevendo.
Foi quando eu tive a surpresa, meu
primo Ramon sem me conhecer, escreveu
dizendo que ia colocar o meu nome na
filha (Dirce) como eu escrevia.
Então eu terminava as cartas
"lembranças de quem escreve Dirce"

Foi de 1930 até 1970 quando ele faleceu.
Agora em 1994 voltei a corresponder
com ele, meu primo, e no mesmo endereço dos
anos 60.

Espero que ajude voce em alguma coisa
boa sorte
Abraços sua mãe

Figura 8 – Carta de Dirce para Rosa, em 16 de março de 1997.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Para seguir pensando... ainda sobre cartas, escrita, sujeitos

"Escrever é a mais fácil e a mais difícil tarefa do homem."

Esse enunciado foi registrado por Daniela, aluna do quarto ano do Curso de Magistério, 1997, numa folha solta de caderno escolar espiral grande.

Alguém deve tê-lo dito antes...

O tema proposto naquela ocasião: O que é ler e escrever para você, aluna(o) do quarto ano do Curso de Magistério?

Escrever cartas, para quem o faz, tem sido revelado como uma das tarefas mais prazerosas. Nos sentidos de *O prazer do texto* de Barthes.

Não me lembro – esta questão me ocorreu no momento em que finalizo este texto, portanto seria impossível fazer uma retomada da leitura das cartas – de uma só passagem que refletisse o ato desprazeroso de escrever uma carta ou que a ele se referisse.

Se é difícil ou fácil escrever é outra história; temos que procurar saber em outros materiais, outros objetos.

O presente trabalho situa-se no meu caminhar de professora-pesquisadora. Foi sendo formulado; poderia marcar como um ponto de partida, quando me propus a estudar, detectar e analisar como o processo de leitura e de escrita vai se construindo, no jogo das interações sociais, na sala de aula, onde a professora era eu mesma.

Uma reflexão puxa outra, um motivo puxa outro, o interesse e a intenção em buscar compreender os processos de leitura e escrita continuaram. Estabeleci como "novo" ponto de partida a escrita, que vai ocupando seu espaço como prática social, que se concretiza no próprio objeto: cartas. Cartas que são datadas e por isso delimitam lugares e momentos particulares na história dos sujeitos e da cultura.

Propus como objeto de estudo o ato de escrever, a ser buscado nas malhas da intrincada rede que foi se revelando, trançada pelas situações em que uma carta é escrita ou lida; pelas condições em que ela é produzida; por suas finalidades, seus objetivos; e pelas maneiras como se enlaçam autor-locutor-escriba e destinatário-leitor. Na pauta da definição de tal objeto de estudo estava a busca, a aproximação ao sujeito da escrita.

De início, outra vez início, o caminho escolhido neste trabalho foi o das cartas publicadas ou dadas a um público mais amplo. É a parte do trabalho que intitulei "Por entre cartas: o movimento da história". Os sujeitos da escrita de cartas apareceram em circunstâncias diferentes: compartilhando formas de observar e construindo conhecimento; legitimando fontes; dando cor e tom à escrita; marcando a presença de outros na escrita; imprimindo marcas de delicadeza, confiança e amizade para com o outro; transitando nos frágeis e mutáveis pontos de equilíbrio entre o público e o privado; enfim, fazendo-se sujeitos porque consolidam práticas de ler e escrever. Transitar por esse caminho significou apurar a percepção para possibilidades do que pode (ou não) ser lido nas cartas.

Minha busca pelos sujeitos e pelas cartas levou-me às cartas trocadas por duas adolescentes. A apresentação desse material, a fundamentação como objeto material cultural e material verbal, quanto à sua natureza comunicativa, compõem o capítulo que intitulei "Cartas de Amanda e Cibele: objeto e gênero". O estudo mais aprofundado do enunciado, como unidade real da comunicação, trouxe alguma luz para compreender a interlocução, o enlaçamento dos sujeitos na escrita, nas cartas.

O último capítulo, "O ato de escrever carta", constituiu-se no exercício de buscar uma relação que se constrói, ao longo da escrita das cartas.

Afinal, o que pode ser lido quando se leem cartas?

No meu modo de entender, a carta, como um objeto material que traz indícios de uma cultura, numa época, num meio – aqueles em que as meninas estão inseridas –, consolida uma prática de escrita porque entremeia, penetra, é constituída e faz o cotidiano, que se efetiva nela. Pode ser pensada como uma prática cultural – pelas marcas, pelos gestos, pelas atitudes que os sujeitos nelas imprimem e deixam impressas – configurada a partir de competências (que também podem ser as de um outro sujeito), modelos, códigos, interesses socialmente construídos; revelada nos modos singulares de apropriação e expressão. Uma prática cultural que se revela no ato próprio da adolescente.

Nesse objeto, material e verbal, dois temas destacaram-se (ou foram sendo destacados). O primeiro deles é *a vivência escolar*, cujos relatos indicam elementos e abrem possibilidades para uma leitura do que ocorre na escola.

Ao mesmo tempo que se confirma uma escola fechada nas possibilidades de um conhecimento de mundo mais amplo, rigorosa no controle que se efetiva no ato de fazer, e fazer provas, revela-se também uma escola prenhe de acontecimentos, de relações e de invenções.

No movimento da leitura do conjunto das cartas não há como escapar de passagens singulares, únicas, momentos de interlocução que se definem também pelo caráter de escrita íntima, com matizes de estilo que revelam intimidade entre autora e destinatária, compenetrada de uma profunda confiança que foi sendo estabelecida ao longo de uma amizade. A *amizade*, como uma relação delicada, intencional, tensamente construída na relação com o outro e o objeto, é o segundo tema destacado. Segundo Bakhtin, o discurso íntimo está compenetrado de uma profunda confiança em direção ao destinatário, seu consentimento, a delicadeza e a boa e fortemente

marcada intenção de sua resposta. Nessa atmosfera de profunda confiança, o locutor abre suas profundezas internas, diz Bakhtin.

Como afirmei antes, não estou segura sobre falar das profundezas internas, mas segura de que, nesse processo todo, aproximamo-nos de duas adolescentes que escrevem e deixam marcada uma relação de amizade, que é construída. Marcam uma relação de amizade na escrita. Penso que nesse contexto podemos falar também em amizade pela escrita.

E a pesquisadora?

> É sabido como o corpo parece sacudir-se livre de uma contenda e desculpar-se por um exaltado estado de ânimo arriando-se e demonstrando, na frouxidão de tal atitude, a pronta disposição de se dedicar a algo novo – qualquer coisa que lhe [nos] caia à mão.
>
> Qualquer coisa, nesse caso, transita entre ser um pedaço de vidro, sólido, espesso, opaco... tornado quase pedra preciosa pelo macio, constante, insistente atrito do mar que desbasta quase por inteiro qualquer ponta ou forma, de modo que fica quase impossível dizer se ele fora de uma garrafa, copo ou vidraça; apenas um pedaço de vidro, quase uma pedra preciosa.
>
> A John, o matiz verde [do vidro] que afinava e engrossava de leve, conforme era colocado contra o céu ou contra o corpo, agradou, intrigou-o. Como um objeto compacto, concentrado, definido em relação ao mar ambíguo e à nebulosa praia.
>
> Começou a frequentar os lugares mais prolíferos em louça quebrada, tais como trechos de depósitos de lixo entre trilhos de trem, lugares de casas demolidas e áreas públicas nos arredores de Londres. Mas raramente alguém atira porcelana de grande altura; isso seria uma das mais incomuns ações humanas, fruto da combinação de uma casa muito grande com uma mulher de impulsividade tão arrojada e preconceito tão apaixonado que atirasse seu jarro ou pote pela janela, sem pensar em quem está em baixo.
>
> À medida que seu padrão se elevava e o gosto ficava mais exigente, aumentavam muito as decepções, mas sempre havia a

esperança, um fragmento de louça ou vidro marcado ou quebrado de forma curiosa lhe servia de chamariz.

Provavelmente negligenciou deveres ou deles se desincumbiu distraído, atento que estava aos pedaços encontrados, detalhes, cacos de vidro, pedras... porém objetos sólidos encontrados.

Olhando novamente e mais uma vez de forma semi-inconsciente, com a mente que pensava em algo mais, qualquer objeto se mistura tão profundamente ao conteúdo do pensamento que vem a perder sua forma verdadeira e se recompõe de modo um tanto diverso numa forma ideal que assombra o cérebro quando menos se espera.

Faz-se imperiosa a convicção.

Esses trechos aqui colados, recortei-os, a meu modo, dos *Objetos sólidos,* de Virginia Woolf (1992). Inspiram-me à dialogia com o objeto, os sujeitos, os temas que daí advêm. Livre das contendas, abre-se o espaço para conclusões inusitadas. Nem por isso, menos rigorosas.

Ao Otavinho, meu marido, presença macia, insistente, constante, assim como o atrito do mar que torna quase pedra preciosa o pedaço de vidro, dedico este trabalho.

Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, A. *A menina repetente*. Campinas: Papirus, 1996.

ALVARENGA, O. *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: J. Olympio; São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo de São Paulo, 1974.

ALVES, L. *Correios do Brasil*. Rio de Janeiro: Spala, 1990.

AMARAL, A. (Org. Introd. Notas) *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. São Paulo: Edusp; IEB-USP, 2001.

ANDRADE, M. de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

_______. *Escreve cartas a Alceu, Meyer e outros.* Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1968.

_______. *Taxi e crônicas no Diário Nacional***.** Estabelecimento de texto, introdução e notas de T. P. A. Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

_______. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a C. D. de Andrade. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

_______. *Cartas a um jovem escritor*. Cartas a Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 1981a.

_______. *Cartas a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981b.

_______. *Cartas de trabalho*: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Fundação Pró-Memória, 1981c.

_______. *Correspondente contumaz*: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_______. Frederico Paciência. In: _______. *Contos novos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983a.

_______. Duas cartas de M. de Andrade. Apresentação de Carlos Eduardo Berriel. *Novos Estudos Cebrap*, n.2, v.2, julho 1983b.

_______. *Mário de Andrade-Oneyda Alvarenga:* cartas. São Paulo: Duas Cidades, 1983c.

_______. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983d.

_______. *Cartas a Anita Malfatti* (1921-1939). Org. Marta Rossetti Batista. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1989a.

_______. *A lição do guru*. Cartas a Guilherme Figueiredo (1937-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989b.

_______. *Querida Henriqueta*: Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

_______. *O pirotécnico aprendiz*: Cartas de Mário de Andrade a Murilo Rubião. Org. e notas de M. A. de Moraes. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: IEB-USP, 1995a.

_______. *Portinari, amico mio*: Cartas de Mário de Andrade a Candido Portinari. Org., introd. e notas de Annateresa Fabris. Campinas: Mercado de Letras, 1995b.

_______. *71 cartas de M. de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Livraria São José, s.d. (a).

_______. *M. de Andrade e(m) Campos dos Goytacazes*. Cartas M. Andrade a Alberto Lamego (1935-1938). Org. Aristides Soffiati. Rio de Janeiro: Editora da UFF, s.d. (b).

_______. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas: Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ANDRADE, M.; BANDEIRA, M. *Itinerários*. Cartas a Alphonsus de Guimarãens Filho. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1994.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_______. *Estética de la creación verbal*. 2.ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1985.

_______. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_______. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1990.

_______. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_______. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:* o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BELL, Q. Introdução. In: WOOLF, V. *Os diários de Virginia Woolf*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

BOLLÈME, G. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _______. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.308-45.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p.17-58.

_______. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

BRANT, F. J. A. *Comentários ao Regulamento dos Correios*, s.l.: s.e., 1909.

BURKE, P. (Org.) *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

_______. *A escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_______. *Palomar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

_______. A palavra escrita e a não-escrita. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

CAMARGO, M. R. R. M. *Caminhos e cotidianos de uma professora de leitura e escrita*. Campinas, 1994. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

_______. Da alegria de ler e escrever. *Alegrar* Campinas, v.1, p.1-2, 2004. Disponível em: <http://www.alegrar.com.br/01/alegrar.html>.

_______. Cartas e o exercício de si: entre o dizer e o silenciar-se. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, III, 2008, Natal, RN. *Anais*... Natal.

CANETTI, E. *O outro processo*: as cartas de Kafka a Felice. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

CASTELO BRANCO, C. H. *Macunaíma e a viagem grandota*. Cartas inéditas de M. Andrade. São Paulo: Quatro Artes; INL, 1971.

CASTRO, M. W. *M. de Andrade. Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_______. *L'invention du quotidien*: l'arts de faire. Paris: Gallimard, 1990.

______. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Trad. Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, R. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

______. (Org.) *La correspondence*. Les usages de la lettre au XIX^e siècle. Paris: Librarie Arthème Fayard, 1991.

______. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

______. *Au bord de la falaise*: l'histoire entre certitudes et inquiétude. Paris: Albin Michel, 1998.

______. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

COMAS, R. (Sel.) *Cartas de condenados a muerte víctimas del nazismo*. Tradução para o espanhol por Jaume Reig. 2.ed. Barcelona: Editorial Laia S. A., 1975.

COMÉNIO, J. A. *Didáctica magna*. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985. p.139-43.

CORBIN, A. A relação íntima e os prazeres da troca. In: PERROT, M. (Org.) *História da vida privada*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p.503-61.

CRUZ, C. Jeremias em Praga: uma análise da Carta ao Pai. In: REMÉDIOS, M. L. R. *Literatura confessional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

CUNHA. E. da. *Correspondência de Euclides da Cunha (ativa)*. Org. Walnice N. Galvão e O. Galotti. São Paulo: Edusp, 1997.

CUNHA, M. T. S. *Educação e sedução*: normas, condutas e valores nos romances de M. Deli. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DAUDET, A. *Lettres de mon moulin*. Paris: Hachette, 1935.

DAUPHIN, C. et al. Les manuels épistolaires au XIX^e siècle. In: CHARTIER, R. *La correspondence.* Les usages de la lettre au XIX^e siècle. Paris: Librarie Arthème Fayard, 1991.

______. *Ces bonnes lettres*. Une correspondence familiale au XIX^e siècle. Paris: Albin Michel, 1995.

DEBRET, J.-B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. e notas de Sérgio Milliet. 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

DEPARTAMENTO DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. *Legislação Postal Interna e Internacional*. Gráfica do DCT, 1964.

DOSTOIÉVSKI, F. M. Gente pobre. In: ______. *O ladrão honrado*. Trad. Wanda M. de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p.340-475.

ELIAS, N. *O que é sociologia?* Lisboa: Edições 70, 1980.

______. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

______. *A sociedade de corte*. Lisboa: Estampa, 1995.

EMPRESA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS/DR/SP, *Boletim Interno nº 249, 21 dez. 1992.*

ENGUITA, M. *A face oculta da escola*: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FILIGRANA. *Órgão da Sociedade Filatélica de Curitiba*, n. 000, out/dez 1994.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p.19-31.

GALVÃO, W. N. *Desconversa*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GILES, C. H.; FORRESTER, S. D. The origins of the surface film balance. Studies in the early history of surface chemistry. In: *Chemistry and industry*. London: Ed. Society of Chemical Industry, 1971. p.43-53.

GINSBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

______. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*: mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p.143-79.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. Nova Cultural Ltda., 1998.

HANF, H. *84 Charing Cross road*. Trad. Raymundo de Araújo. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1988.

HÉBRARD. J. La lettre représentée. Les pratiques épistolaires populaires dans les récits de vie ouvriers et paysans. In: CHARTIER, R. *La correspondence*. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Librarie Arthème Fayard, 1991.

HORCH, H. J. W. *Francisco Adolfo de Varnhagen*. Subsídios para uma bibliografia por Hans Horch. São Paulo: Editoras Unidas, 1982.

HUNT, L. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.1-29.

ISMBERT-JAMATI, V. *Solidarité fraternelle et réussite sociale*. Paris: L'Harmattan, 1995.

KAFKA, F. *Carta ao pai*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LESSA, C. R. (Org.) *Correspondência ativa de F. A. Varnhagen*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990a.

______. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990b.

LOBATO, M. *Cartas de amor*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

MALCOLM, J. *A mulher calada*. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

MALLARMÉ, S. *Les loisirs de la poste*. Paris: Cendres, 1998.

MARIN, L. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, R. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MEMÓRIA – Publicação do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, ano 5, n.17, p.85-9, 1993.

MORAES, M. A. (Org. Introd. Notas) *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp; IEB-USP, 2000.

MORAES, R. B. *Lembrança de Mário de Andrade.* 7 cartas. São Paulo: s.n., 1979.

MORAIS, M. A. C. *Leituras femininas*. A formação da leitora na segunda metade do século XIX. Campinas, 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

MORLEY, H. *Minha vida de menina*: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.

NEVES, L. F. B. *As máscaras da totalidade totalitária*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. p.191-5.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. Historiografia da educação e fontes. *Cadernos ANPEd*, n.5, p.7-64, 1993.

OZ, A. *A caixa preta*. Trad. Nancy Rozenchan. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

PAES. J. P. *Transleituras*. São Paulo: Ática, 1995.

PERROT, M. (Org.) *História da vida privada*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. v.4.

PROUST, M. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1991.

RAMOS, G. *Cartas de amor a Heloísa*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

RODRIGUES, J. H. *Varnhagen: o primeiro mestre da historiografia brasileira*. História combatente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ROSA, G. O burrinho pedrês. In: ______. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SANTANA, V. O carteador. *Memória* – Publicação do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, ano 5, n.17, p.85-9, 1993.

SARTRE, J. P. *As palavras*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

______. *Que é literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SIQUEIRA E SILVA, A. de; BERTOLIN, R. *Português dinâmico*. Comunicação e expressão. São Paulo: Ibep, s.d.

SMOLKA, A. L. B. A prática discursiva na sala de aula: uma perspectiva teórica e um esboço de análise. *Cadernos Cedes*, Campinas, n.24, p.51-65, 1991.

VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil*. 6.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956. Tomo I.

_______. *Correspondência ativa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

VINCENT-BUFFAULT, A. *Da amizade*: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Trad. M. L. X. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p.103-38.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_______. *Construção do pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WOOLF, V. *Momentos de vida*. Org., introd. e notas de Jeanne Schulkind. Trad. Paula Maria Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_______. *Os diários de Virginia Woolf*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_______. *Objetos sólidos*. Trad. Hélio Pólvora. São Paulo: Siciliano, 1992.

_______. *Cartas íntimas a Vita Sackeville-West*. Trad. Ana Fontes. Sintra: Colares Editora, 1994.

Neste livro – apoiando-se em cartas escritas por grandes nomes da literatura brasileira, como as de Mário de Andrade a Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, as de Anita Malfatti, de Portinari, de Fernando Sabino e de tantos outros –, Maria Rosa de Camargo nos oferece um belo estudo sobre a prática epistolar de pessoas comuns que, em tese, não representariam lugares sociais de importância na história de uma nação.

A autora faz uma bela análise sobre como essas pessoas percebem a "ideologia do cotidiano" e, muito além disso, registram "vestígios de sua versão do mundo e da cultura". Ao adentrar nas relações sociais e nas artimanhas da escrita de cartas pessoais, esta obra revela competência ao persuadir e envolver o leitor com uma análise que transita entre o fazer científico e a criação literária, oferecendo-nos um texto exemplar, valorado sobretudo por sua notável elegância e simplicidade.

ISBN 978-85-393-0195-9